



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO ARTES E LETRAS – FACALE
MESTRADO EM LETRAS



CYNTIA THAIS GNOATTO SGUARIO

A TECITURA DO SUJEITO SUL-MATO-GROSSENSE: UMA
ANÁLISE SEMIÓTICA PSICANALÍTICA DA OBRA *EXERCÍCIOS DE
SER CRIANÇA* DE MANOEL DE BARROS

DOURADOS/MS-2020

CYNTIA THAIS GNOATTO SGUARIO

**A TECITURA DO SUJEITO SUL-MATO-GROSSENSE: UMA
ANÁLISE SEMIÓTICA PSICANALÍTICA DA OBRA *EXERCÍCIOS DE
SER CRIANÇA* DE MANOEL DE BARROS**

Dissertação apresentada à Banca de defesa ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da UFGD, Área de Concentração: Linguística e Transculturalidade, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do título de Mestre sob orientação da Prof.^a Dr.^a. Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi.

DOURADOS/MS-2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S111t Sguario, Cyntia Thais Gnoatto

A tecitura do sujeito sul-mato-grossense: uma análise semiótica psicanalítica da obra Exercícios de ser criança de Manoel de Barros [recurso eletrônico] / Cyntia Thais Gnoatto Sguario. -- 2020.
Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi.

Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Sujeito. 2. Identidade. 3. Cultura. 4. semiótica. 5. Psicanálise. I. Torchi, Gicelma Da Fonseca Chacarosqui. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi (UFGD) – Membro Titular
(Orientadora)

Assinatura

Prof.^a Dra. Rita de Cássia Pacheco Limberti (UEMS) – Membro Titular

Assinatura

Prof. Dr. Andrébio Márcio Silva Martins (UFGD) – Membro Titular

Assinatura

Prof.^a Dra. Alexandra Santos Pinheiro (UFGD) – Membro Suplente

Assinatura

Dedico este trabalho ao Mato Grosso do
Sul, lugar de minhas origens e ao povo
sul-mato-grossense.

AGRADECIMENTOS

A gratidão, para mim, é um elemento do sentimento humano essencial para que o sujeito possa seguir aprendendo, construindo e ressignificando as experiências. Por isso agradeço:

Ao Mato Grosso do Sul, minha terra, minha origem e meu lugar, fonte de traços da minha identidade.

A minha mãe (Zenaide), meu pai (Eloir) e minha irmã (Rubia) que são e sempre foram meus pontos de referência, meus exemplos de vida e sustentação da minha existência. Sem eles jamais teria condições de ser quem sou e de construir o percurso dos trilhos por onde passa o meu trem.

A meus sobrinhos Gabriel e Arthur, que mesmo distantes fisicamente, me proporcionaram carinhosamente a experiência de desenvolver um amor que, creio eu, chega próximo ao materno.

A meu marido Daniel, que sempre me incentivou e me acolheu nos dias em que eu achava que não conseguiria dizendo: estou contigo, vai dar certo! Meses a fio, ficando os finais de semana fazendo tudo que era necessário para que eu pudesse ficar tranquila e confortável, sentada num quarto isolado em frente ao computador. Uma compreensão inenarrável.

A meus cunhados Flavio, Renan e Danilo, minha enteada Isabela, minha sogra Mirian e meu sogro Juvenal, meus sobrinhos Maria Eduarda, Antoni e Isadora, que fazem parte de minhas vivências.

A Janaina Bianchi, que durante um tempo precioso com ouvidos atentos pôde pontuar o que eu já sabia, mas não conseguia escutar em mim e assim, entendi o porquê do desejo por esta pesquisa.

As minhas amigas do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, que pelos laços transferenciais e estudos intensos na teoria psicanalítica me possibilitaram avançar teoricamente.

A amiga querida e professora Rita de Cássia Pacheco Limberti que me apresentou à semiótica e sempre tão profunda em suas palavras que me causavam admiração, me deu crédito e encorajou-me a assumir a empreitada do mestrado.

A minha orientadora Gicelma da Fonseca Chacarasqui Torchi que me aceitou como orientanda, me acolheu e me fez crescer enquanto pesquisadora. Mais que orientar

minha pesquisa me orientou também para a vida e para o pensamento crítico em nossas tardes de bolo, tereré e boas conversas.

Aos professores do PPG-Letras, que me possibilitaram tantos aprendizados.

A todos os amigos e familiares que compreenderam minha ausência, por estar pesquisando e escrevendo.

Aos meus analisandos, com quem aprendo e reaprendo a cada escuta.

Só tenho a agradecer!

RESUMO

Cultura é um conceito que tem numerosas definições em vários campos da ciência. Em semiótica ela é um complexo que estrutura os significados da vida humana através dos signos, ou seja, ela é um sistema de símbolos que dá sentido aos elementos que cercam o humano. Dessa maneira a cultura, do ponto de vista da semiótica da cultura, é entendida como texto que contém em si uma memória coletiva que armazena, codifica, transmite e a partir disso gera novos textos numa cadeia ininterrupta de significações que vão dando sentido ao ser sujeito no mundo. Este complexo se movimenta dentro da semiosfera, campo onde desliza todo o sistema de signos, isto é, o processo da linguagem e da comunicação. Pensando por esta teia, o intuito desta pesquisa é buscar compreender a construção de aspectos da identidade do sujeito da cultura sul-mato-grossense, para tanto utiliza como corpus a obra de *Exercícios de ser Criança* de Manoel de Barros, poeta pantaneiro nascido no Mato Grosso e Crescido no Mato Grosso do Sul que utiliza em sua poesia, muitas vezes autobiográfica, linguagens referentes à sua cultura, ou seja, intentando analisar as linguagens da poesia barrosiana, busca-se compreender de que forma as várias linguagens existentes na referida obra, compõem um cenário que atuam como sistemas de signos capazes de dar suporte ao entendimento da identidade do sujeito sul-mato-grossense. Para encorajar o caminho desafiante desta investigação foi utilizado o aporte teórico da semiótica peirceana, semiótica lótmiana, com feixes de luz da psicanálise que contribuiu com questões acerca do sujeito. Ao utilizar como metodologia, o referencial bibliográfico para uma pesquisa descritiva básica, pretende-se, com este estudo, a ampliação do conhecimento sobre a identidade do sujeito sul-mato-grossense.

ABSTRACT

Culture is a concept that has numerous definitions in various fields of science. In semiotics it is a complex that structures the meanings of human life through signs, that is, it is a system of symbols that gives meaning to the elements that surround the human. In this way, culture, from the point of view of the semiotics of culture, is understood as a text that contains within itself a collective memory that stores, encodes, transmits and from that generates new texts in an uninterrupted chain of meanings that give meaning to the subject in the world. This complex moves within the semiosphere, a field where the entire sign system slides, that is, the process of language and communication. Thinking through this web, the purpose of this research is to seek to understand the construction of the identity of the subject of the culture of Mato Grosso do Sul, using the work of Exercises to be a Child by Manoel de Barros, a pantaneiro poet born in Mato Grosso and Growing up in Mato Grosso do Sul who uses in his poetry, often autobiographical, languages referring to his culture, that is, trying to analyze the languages of Barrosian poetry, we seek to understand how the various languages existing in that work, compose a scenario that act as sign systems capable of supporting the understanding of the identity of the subject of Mato Grosso do Sul. In order to encourage the challenging path of this investigation, the theoretical contribution of Peircean semiotics, Lotus semiotics was used, with beams of light from psychoanalysis that contributed with questions about the subject. By using the bibliographic reference as a methodology for basic descriptive research, this study aims to expand knowledge about the identity of the subject of Mato Grosso do Sul.

“Mas quem sou eu, que a estrela da manhã revelando ofusca? Quem é você, que resvala como a verdade, nunca se diz inteiramente e me enreda na espera do que está por vir? Uma perspectiva nova se desvelando, um outro caminho que se ilumina – sendo a memória do futuro, você me obriga a reconsiderar o passado. O que fui já hoje não conta, e o presente é o só desejo de saber por onde andaremos. O mesmo elo nos ligará? E, por temer você esquecido do que fomos, eu, se possível, acorrentaria o tempo.”

Betty Milan

SUMÁRIO

MOMENTO INTRODUTÓRIO	12
CAPÍTULO I.....	244
O TRANSPASSAR DOS LAÇOS	244
1.2- Alinhavando as ideias de Peirce e Lacan.....	31
1.3- O recamo do incentero Peirce, Lacan e Lótman.....	36
CAPÍTULO II.....	46
IDENTIDADE: TORÇÕES DE MOEBIUS EMERGIDAS DO LAGO CULTURAL. 46	
2.1- Um retorno necessário	46
2.2- As desimportâncias da vida propositada.....	50
2.3- A (des)construção da identidade	54
CAPÍTULO III	64
O BORDADO DE PERALTAGENS DESPROPOSITADAS	64
3.1- Ser sujeito, um exercício!	68
3.2 - Um menino que queria carregar água na peneira.....	73
3.3 - Uma menina que parecia avoada.....	95
CONCLU(INDO)	106
REFERÊNCIAS	109

LISTA DE FOTOGRAMAS

Fotograma 1; p&b	38
Fotograma 2; cor.....	40
Fotograma 3; p&b.....	64
Fotograma 4; cor.....	65
Fotograma 5; cor.....	70
Fotograma 6; p&b.....	71
Fotograma 7; cor.....	73
Fotograma 8; cor.....	76
Fotograma 9; cor.....	77
Fotograma 10; cor.....	80
Fotograma 11; cor.....	82
Fotograma 12; cor.....	84
Fotograma 13; cor.....	85
Fotograma 14; cor.....	86
Fotograma 15; cor.....	88
Fotograma 16; cor.....	89
Fotograma 17; cor	92
Fotograma 18; cor.....	92
Fotograma 19; cor	95
Fotograma 20; cor.....	96
Fotograma 21; cor	97
Fotograma 22; cor	99
Fotograma 23; cor	100
Fotograma 24; cor	102
Fotograma 25; cor.....	103

MOMENTO INTRODUTÓRIO

“...que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças, nem barômetros, etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”.

Manoel de Barros

Uma bela história, para uma história bela! Uma menina que ao nascer pôde ouvir o cantarolar de um bem-te-vi, sentindo o vento massageando seu rosto e trazendo a deliciosa fragrância da água doce a seu olfato. Cresceu em comunhão fronteiriça, com índios vendendo mandioca no portão de casa e paraguaios com cestos, recheados de chipas na cabeça, passando na feira.

A alegria no final de semana não eram os shoppings, cinemas e plays, mas uma linda cachoeira localizada no sítio do Sr. Modesto, e tão modesto ele era, que saía de dentro de sua casa simples de madeira ao escutar o barulho do carro chegando e abria a porteira recebendo a menina com sua família para um alegre dia de diversão, com um saboroso churrasco feito na pedra da beira do rio. A cidade? Coronel Sapucaia, interior do Mato Grosso do Sul. A menina? Uma mulher, que jamais esquecerá de sua história, simplesmente porque ela é essa história.

A presente narrativa faz descrição da história de um sujeito, constituído na cultura do Mato Grosso do Sul, que sempre ouviu dizer que “sul-mato-grossense não tem história, que não tem identidade e nem cultura, pois é um povo todo misturado”¹. Essa fala produz certa inquietação, principalmente quando escutada por sujeitos que tem sua origem neste lugar, pois como é possível um povo sem cultura e sem identidade? A própria mistura de origens, histórias, etnias, religiões, costumes, não pode ser a singularidade de uma cultura?

Cada uma dessas formas singulares que compõem a cultura podem ser pensadas como metamorfoses que nutrem a mistura como uma obra de arte mestiça, “Em vez de se limitar a representar ‘situações de impasse’ ou a rejeitá-las, cada uma dessas obras, aciona deslocamentos ou mutações que cultivam de todas as maneiras os recursos da mestiçagem”. (GRUZINSKI, 2001, p. 320).

A mestiçagem passa por uma família de conceitos, de acordo com Canclini, os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. (CANCLINI, 2003 *apud* CHACAROSQUI-TORCHI, 2009, p. 19). Ainda de acordo com Chacarosqui-Torchi (2009, p. 183),

¹ Esta é uma frase ouvida centenas de vezes por mim, durante todo meu processo de desenvolvimento enquanto sujeito sul-mato-grossense, e proferidas em sua maioria por migrantes que aqui (no Mato grosso do Sul) viviam e conviviam comigo.

No pensamento de Laplantine e Nouss (1997) o termo mestiçagem que é originário do latim *mixtus* (mistura), se constitui no seio da biologia e vai aos poucos migrando para outros campos. Aparece pela primeira vez em espanhol e no português para designar, no contexto da colonização, o mulato, o “criollo”. Aceito pela linguística e pelo estudo das religiões embrenha-se de modo tímido no campo antropológico, hesita no da arte (designando, por exemplo, o barroco) e torna-se problemático, e para alguns até inaceitável, no domínio da ciência e da epistemologia.

Foi da experiência de vida que essa menina teve, vida simbólica do povo sul-mato-grossense do interior, emaranhada no espaço pantaneiro do MS que surgiu o questionamento da mulher, que trouxe luz à problemática deste trabalho. A experiência pantaneira, fala da singularidade sul-mato-grossense, “Ser pantaneiro é sentir o cheiro da fruta, nadar em águas barrentas, remar em águas correntes. Ser pantaneiro é a fuga da morte! É a busca da vida.”² (ESPÍNDOLA, 1979, 1.12- 1.24 min).

Para encorajar o caminho desafiante provocado pelas observações empíricas produzidas por esta experiência, faz-se necessário buscar o lugar da ciência, mais especificamente a semiótica, que é a ciência que estuda todas as linguagens. A semiótica é uma teoria transdisciplinar que se movimenta fazendo laços, ou seja, busca aportes em outras ciências para poder dizer de sua própria.

Em sintonia com as discussões mais recentes sobre a integração do conhecimento científico, a semiótica, uma ciência naturalmente transdisciplinar, está impregnada com a necessidade de se construir saberes em conformidade com a totalidade de nossa experiência no mundo. (CHACAROSQUI-TORCHI, 2015, p. 13).

Por este motivo, para falar da constituição da identidade³ do sujeito sul-mato-grossense através do olhar semiótico um elo se constrói rumo à teoria que tem o sujeito como objeto central de seu estudo, a psicanálise. Assim, transpassando as fitas acetinadas⁴ da linguagem, que é o eixo das duas teorias em causa, semiótica e psicanálise, faz-se o laço que sustenta a ponte para atravessamento que dá sentido à identidade⁵ do sujeito sul mato-grossense.

² É o trecho da música “Ciranda Pantaneira” composta por Alzira Espíndola e cantada pelo Grupo Acaba no disco “Cantadores do Pantanal”. (o Grupo Acaba é um grupo de música regional de raiz do Mato Grosso do Sul, fundado em 1969 no Pantanal e que descreve em suas músicas, o homem, a fauna, a flora e os sentimentos do pantaneiro).

³ Lembramos aqui que o termo identidade vem sendo ressignificado há algum tempo em várias teorias por não se tratar mais de uma coisa unificada, mas sim de algo que pode sofrer mudanças.

⁴ A linguagem aqui pode ser comparada a uma fita de cetim, com uma face semiótica e outra psicanalítica.

⁵ Faz-se importante frisar com veemência que identidade, em psicanálise, está ligada ao imaginário e que Lacan desconstruiu toda a significação de identidade como unificada, para só depois, no *seminário 9-A*

Pode-se pensar a linguagem como uma fita de cetim, com suas duas faces, semiótica e psicanálise, torcendo-se como uma fita de moebius⁶, e formando uma semiótica psicanalítica. A curiosidade desta fita é que suas duas bandas, em decorrência da torção, passam a ser uma só, em uma linha de continuidade.

No enfeixamento dessas duas faces, enquanto interfaces, como na fita de moebius, cujo destaque é para o fato desta só ter um lado: podemos ir de um ponto de um ‘lado’ da faixa a qualquer ponto do ‘outro’ lado, através de um caminho contínuo sem nunca perfurar a superfície. Então a faixa de *moebius* não tem um lado de ‘dentro’ nem de ‘fora’, somente um em que o fora é ao mesmo tempo o de dentro, num processo *ad infinitum* representado pelo desenho da Leminicasta, introduzindo a representatividade de bifurcação, de enfeixamentos, de fronteiras, enquanto caminhos, interfaces e entrecos possíveis. (TORCHI, 2008, p.154-155).

A Semiótica Psicanalítica, de acordo com Santaella e Hisgail (2013, p.11),

É um campo de pensamentos e ideias que versam sobre a vivência do homem na sua relação com a função e o campo da palavra e suas implicações no dizer e no falar. Para tal, o ruído da comunicação pós-humana, objeto de interesse da Semiótica Psicanalítica, esboça, sob várias faces, a leitura dos signos pela lente da Semiótica de extração peirceana e pela escuta da Psicanálise de orientação freud-laciana, em virtude das formações do inconsciente enredadas nos fatos culturais.

Para estudar o sujeito, dois mecanismos que fazem parte de sua constituição prescindem de serem abordados, os signos e a cultura, mecanismos estes de que a semiótica e a psicanálise bem conhecem.

Um signo tem o intuito de representar um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, determine naquela mente algo que é mediatamente devido ao objeto. (SANTAELLA, 1990. p. 78).

Referente à cultura Torchi ressalta,

O que é cultura? Cultura é “informação codificada” e seu trabalho fundamental consiste em organizar de forma estrutural o mundo que

Identificação poder falar das marcas simbólicas que constituem os processos identificatórios do sujeito e que estes não são unificados. Nesta pesquisa não falaremos da identificação, no sentido laciano, de forma aprofundada, tendo em vista que este é um trabalho em semiótica, mas falaremos das marcas simbólicas que constituem o sujeito de forma dividida e não unificada utilizando o termo identidade, que é usado, mesmo que com suas ressignificações, pela semiótica.

⁶ A fita de moebius é um dos objetos topológicos que Lacan utilizou, ao longo de toda sua obra, para falar da estrutura do sujeito. Ela tem como símbolo a Leminicasta que é o nome do símbolo do infinito, que foi elaborado a partir de uma fórmula construída pelo francês Jacques Cassini (1677-1756).

rodeia o homem. As informações da natureza e dos fenômenos históricos e ambientais vão determinando consciência no grupo social e se transformam de “Não-cultura” (informação não processada) em “cultura” (dados em sistema com organização). (TORCHI, 2019, p. 2).

A semiótica é a ciência que estuda os percursos de sentido, atribuído pelo ser humano a tudo que está ao seu redor, através dos signos verbais e não verbais, ou seja, é o estudo da semiose que é a ação do signo na construção de possibilidades de significação. Esta ação sígnica ocorre pela via sincrônica da linguagem que exerce um papel importante na cultura, pois organiza os sistemas de signos que a compõem criando assim tangenciamentos no universo de sentidos.

É por intermédio da linguagem que a psicanálise opera buscando compreender o engendramento do sujeito na cultura, cultura entendida nesta teoria como Outro (grande Outro). O Outro é o esqueleto material e simbólico da ordem cultural. Assim, tanto a semiótica, quanto a psicanálise têm como pedra angular a linguagem. Na primeira, ela faz o arranjo do sistema de signos culturais, nos quais o sujeito está mergulhado e na segunda, ela é a via de acesso do sujeito para sua entrada na cultura. É assim, pela via da linguagem, que essas duas teorias passam a formar uma área de conhecimento transdisciplinar, a semiótica psicanalítica.

A interlocução de ambas, semiótica e psicanálise, abre uma perspectiva de captação dos signos pela percepção consciente e suas motivações inconscientes, quando o novo e inesperado aparece para iluminar o real na condição mortal e sexuada do ser humano. Lá onde o gozo é confinado ao narcisismo, o falante perde a capacidade de saber sobre si e o Outro, como guardião do código e representante da cultura. (SANTAELLA e HISGAIL, 2013, p. 11).

A semiótica psicanalítica⁷ se propõe a refletir a clínica da cultura contemporânea construindo hipóteses, diagnósticos e pensamentos a respeito do “ser no mundo” a partir de suas contradições ou sintomas. “O alerta e desafio consistem no desenvolvimento de uma Semiótica Psicanalítica que se caracteriza pelo modo de ler os

⁷ Semiótica Psicanalítica era uma linha de pesquisa do programa de pós-graduação Mestrado e Doutorado em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, criado a partir do projeto de pesquisa que Lúcia Santaella e Samira Chalhub propuseram a Finep, sob o título de “imagens técnicas: do mundo industrial mecânico ao eletrônico pós-industrial”. As relações entre psicanálise e literatura, psicanálise e semiótica já eram estudadas na França nos anos de 1970 a 1980, mas ainda não com intersecção à Peirce, como foi com a linha de pesquisa Semiótica psicanalítica fundada na PUC-SP. No ano 2000 esta linha de pesquisa foi fechada com a morte de Samira Chalhub e a saída de Lúcia Santaella da coordenação, mas ainda no ano 2000, Oscar Cesarotto foi incorporado ao corpo docente do programa de Comunicação e Semiótica e dando continuidade aos estudos em Semiótica e Psicanálise, criou e implantou em 2002, o projeto de pós-graduação lato-sensu, especialização em “Semiótica Psicanalítica: Clínica da Cultura” que desde essa data continua os estudos semióticos psicanalíticos. (SANTAELLA, L e HISGAIL, F. 2013, p.9-10).

fenômenos e sintomas do mal-estar na cultura contemporânea”. (SANTAELLA e HISGAIL, 2013, p.11).

O ser humano é um ser em constante busca, cria e recria sua forma de ser e estar no mundo a todo instante, mas não abre mão de sua identidade cultural, sua origem e história, escrita e inscrita por todas as formas de expressão. O sul-mato-grossense, sendo sujeito humano, não poderia se desviar dessa “liturgia”.

O humano é um ser de linguagem, constituído na e pela cultura, sua singularidade se alinhava pelos efeitos da cultura, é banhada em “vidros moles que fazem volta atrás da casa”. (Barros, 2010. p. 25). A casa sul-mato-grossense, ou seja, o Mato Grosso do Sul, é construída de materiais advindos de lugares diferentes e ainda assim, ou melhor, justamente por isso, é uma bela casa. O vidro mole que passa atrás dela, traz no nome outra nacionalidade (rio Paraguai), em sua corrente uma origem nativa (indígena), em seu embalo uma imigração sonhadora (de várias regiões do Brasil, paulista, gaúcha, paranaense, mineira, nordestina, etc.). Paraguaio, índio e imigrantes levados pela mesma correnteza a construir uma casa firme, sobre os orvalhos do pantanal.

A mestiçagem pode produzir singularidade, no caso, a singularidade Sul-Mato-Grossense.

Acreditamos que é a mestiçagem que unge os elos de intermediação da cultura sul-mato-grossense, pois privilegia um conjunto de procedimentos formais caracterizados pelo cruzamento de elementos artísticos de múltiplas origens, o que inclui a forte presença da contradição, do paradoxo, do desequilíbrio, gerando no receptor um certo estranhamento no que diz respeito aos valores, modelos e referências que se encontram integrados nas práticas culturais. (CHACAROSQUI-TORCHI, 2010, p. 31).

Assim, ser sujeito pantaneiro é ser como nenhum outro! É possível perceber que Manoel de Barros pôde significar isso, em sua poética admirável e despropositada, trazendo recursos de sua vivência cultural, ou seja, das marcas culturais tatuadas em sua forma de apreender o mundo e as coisas, para sua poesia que é universal, pois faz comunhão de questões existenciais à elementos regionais.. É por este motivo, que ele, Manoel de Barros, foi escolhido para este estudo, já que manifesta no seu poetizar os carimbos do lugar onde constituiu sua forma de pensar as coisas, o Mato Grosso do Sul, forma esta revelada em sua linguagem. Desta maneira, como problemática dessa

pesquisa levanta-se a questão: de que forma as várias linguagens⁸ existentes na obra *Exercícios de ser Criança* de Manoel de Barros compõem um cenário em que atuam como sistema de signos capazes de dar suporte ao entendimento de alguns aspectos da identidade do sujeito sul-mato-grossense?

Estudar a cultura é fundamental para que se possa entender como se dá o processo civilizatório do ser humano de tempos em tempos, como ele se orienta, vive, constrói seus laços, evolui sua singularidade, como um ser de linguagem em um determinado espaço. “O ‘trabalho’ fundamental da cultura, consiste em organizar estruturalmente o mundo que rodeia o homem. A cultura é um gerador de estruturalidade.” (LÖTMAN, 1996, p. 78).

A experiência humana se traduz em um imenso sistema de signos: a cultura, a qual organiza o processo da vida em sociedade criando as regras imprescindíveis à tradução de informações em signos, que são armazenados ou reinterpretados quando novas demandas surgem. (VELHO, 2009, p. 253).

Psicanaliticamente falando, o sujeito se constitui na cultura como uma fita de *Moebius*, o que está fora está dentro e o que está dentro está fora. De acordo com Castro (2009), inserir o sujeito na banda de *Moebius* foi um artifício empregado por Lacan para romper com as dicotomias arcaicas de ‘dentro X fora’ e ‘interior X exterior’, ou seja, uma continuidade elementar entre o sujeito e o campo do Outro (Cultura).

É certo que a banda de Moebius se redobra, e o que aparece como resultado é o que chamei de dupla banda de Moebius. Sugiro que façam a experimentação que é simples, basta tomar duas folhas de papel e desenhar nelas um S bem grande, o S deve ser desenhado, primeiramente, com uma pequena curva e, em seguida, com uma grande curva. Se vocês recortam os dois em uma folha de papel dupla, verão que dobrando as duas coisas que cortaram em uma única folha de papel, obterão naturalmente uma junção da folha de papel nº 1 com a folha de papel nº 2 e da folha de papel nº 2 com a folha de papel nº 1, ou seja, obterão o que designei há pouco de uma dupla banda de Moebius. Vocês podem facilmente constatar que esta dupla banda de Moebius se recorta indiferentemente, se assim posso me exprimir, ou seja, que o que aqui está em cima passa depois em baixo e, em seguida, tendo passado em baixo passa de novo em cima, é indiferente passar o que primeiramente passa em cima; pode-se fazê-lo passar em baixo. Constata-se com facilidade que esta dupla banda de Moebius

⁸ Na Obra *Exercícios de ser criança* percebemos uma mistura de linguagens que compõem a poesia. Em primeiro lugar a própria escrita barrozeana (linguagem) que se junta as figuras (linguagem) e faz a construção do poema como um todo. As imagens que inicialmente eram fios que foram bordados aos tecidos (o bordado é também linguagem) que construíram desenhos e logo depois foram transformados em fotografia, fotolito gráfico e impressas no papel. (desenhos, fotografia, fotolito, impressão em papel, podem ser também pensadas como formas de linguagem, além da escrita em si).

funciona indiferentemente. Será que isso quer dizer que aqui se passa a mesma coisa? Que, de um mesmo ponto de vista, possamos colocar o que está em baixo em cima, ou inversamente? É bem isso, com efeito, o que a dupla banda de Moebius realiza. Peço desculpas por me aventurar em alguma coisa que não deixou de me dar trabalho, mas que é certo que é assim. (LACAN, 1976-1977, p.35).

Esta constituição subjetiva do sujeito traz auxílio para reflexões sobre a identidade, ou seja, a maneira como se dá a construção de aspectos da identidade do sujeito na cultura. A ideia de Noack (2006) é a de pensar a identidade sob a perspectiva semiótica, como um signo, e o seu próprio sujeito como “objeto”. Com esse entendimento torna-se possível explicar porque deve-se abdicar da ideia de identidade como unidade. “Signo nenhum (ou nenhum conjunto de signos) consegue representar seu objeto de maneira completa, inteira ou verdadeira. [...] Um signo é, então, uma entidade meio opaca, meio transparente.” (PINTO, 2002, p.21).

Compreender como o sujeito de uma determinada cultura constitui-se faz-se importante em virtude do próprio processo de evolução da humanidade. São arcabouços teóricos construídos através dos tempos que possibilitam o entendimento de como o homem chegou até aqui, nos dias atuais. Neste sentido, elaborar um entendimento sobre como se dá a singularidade do sujeito sul-mato-grossense, amplia o conhecimento já existente sobre a forma como se deu a origem subjetiva do estado do MS, pois trata dos sujeitos que nasceram, cresceram e vivem nele, e que assim construíram uma singularidade para chamar de cultura sul-mato-grossense.

Manoel de Barros⁹ é um desses sujeitos. Poeta pantaneiro, que utiliza em sua linguagem signos colhidos de seus laços com o pantanal. “A linguagem inovadora do

⁹ Manoel de Barros (1916-2014) poeta brasileiro, nascido em Cuiabá-MT que viveu grande parte de sua vida em Campo Grande - MS. Foi um dos principais poetas contemporâneos. Com uma linguagem simples, coloquial, vanguardista e poética, Manoel de Barros escreveu sobre temas como o cotidiano e a natureza. Passou a infância em sua cidade natal onde seu pai, João Venceslau Barros, tinha uma fazenda no Pantanal. Na adolescência, mudou-se para Campo Grande onde estudou num Colégio Interno. Formou-se em Direito no Rio de Janeiro. Conheceu Stella, sua esposa e com ela voltou para o Pantanal-MS. Durante sua vida escreveu várias obras, muitas delas publicadas nacional e internacionalmente: Poemas concebidos sem pecado [1937], Face imóvel [1942], Poesias [1956], Compêndio para uso dos pássaros [1961], Gramática expositiva do chão [1969], Matéria de poesia [1974], Arranjos para assobio [1982], Livro de pré coisas [1985], O guardador de águas [1989], Concerto a céu aberto para solos de ave [1991], O livro das ignoranças [1993], Livro sobre nada [1996], Retrato do artista quando coisa [1998], Ensaios fotográficos [2000], Tratado geral das grandezas do ínfimo [2001], Poemas rupestres [2004], Menino do mato [2010], Escritos em verbal de ave [2011], Meu Quintal é Maior do que o Mundo [2015]. MEMÓRIAS INVENTADAS- A infância [2003], A segunda infância [2006], A terceira infância [2008]. LIVROS INFANTIS- Exercícios de ser criança [1999], O fazedor de amanhecer [2001], Poeminhas Pescados numa Fala de João [2001], Cantigas por um passarinho à toa [2003], Poeminha em Língua de brincar [2007], Memórias inventadas para crianças [2011]. Faleceu em Campo Grande - MS, dia 13 de

poeta sul-mato-grossense¹⁰, sua singular forma de manipular as palavras é tal que o leitor médio¹¹ não está habituado: o universo da terra chã, ou seja, do chão pantaneiro que lhe serve de fonte.” (TORCHI, 2008, p.51).

Com seus laços e entre laços com a natureza, com o cheiro de ar puro do pantanal, com a imagem memorizada do banhado, o poeta metaforiza os pensamentos e contorna-os pelas letras no papel, construindo de forma original e inédita sua estética poética, “as metáforas constituem a base expressional do autor. Toda a linguagem usada é metafórica, aberta indicando as sucessivas metamorfoses e as figurações do ser pelas palavras que expressam o sentido.” (CASTRO, 1991, p.52).

Assim, é a partir da obra *Exercícios de ser Criança*, de Manoel de Barros que a tessitura deste trabalho será elaborada, pois um sujeito, poeta, nascido em Cuiabá (Mato Grosso) e habitado em grande parte de sua vida por Campo Grande-Mato Grosso do Sul, pode fornecer, da forma mais sublime existente, a poesia, uma compreensão do que é ser sujeito sul-mato-grossense, um sujeito mestiço em sua essência, assim como é o estado pantaneiro Mato Grosso do Sul.

Neste sentido, esta pesquisa tem como pressuposto a hipótese de que Manoel de Barros, por ser um sujeito constituído e habitado pela cultura mestiça do Mato Grosso do Sul, pode mostrar através de sua arte, algumas características da identidade do sujeito pertencente a esta cultura, ou seja, a obra *Exercícios de ser criança* por possuir uma mistura de várias linguagens (bordado [bordadeiras escolhidas pelo autor], desenho, fotolito, fotograma, letras, palavras, etc.) pode fornecer objeto de análise para compreender a mestiçagem como uma característica da identidade do sujeito sul-mato-grossense.

Neste ponto observa-se que as várias linguagens aparecem de forma simultânea no todo da obra, a linguagem verbal (a poesia em si, palavras) e a linguagem não-verbal (composta pelas cores, bordados, desenhos, fotolitos, fotogramas, etc.). O que a obra cria é um dialogismo que viabiliza uma leitura intercódigos, assim como, da mesma forma é a decodificação da cultura do Mato Grosso do Sul e conseqüentemente de elementos da identidade dos sujeitos que dela são e/ou sentem-se pertencentes.

novembro de 2014, aos 97 anos. Dados obtidos em site da internet: <https://www.todamateria.com.br/manoel-de-barros/> e <http://www.fmb.org.br/>.

¹⁰ Apesar de ter nascido em Cuiabá/ MT Manoel de Barros viveu e morreu no Mato Grosso do Sul.

¹¹ Leitor médio é aquele que gosta de ter muitas informações, explicações e detalhes mínimos sobre o que se lê, evitando assim pensar profundamente.

A obra *Exercícios de ser criança*, por ter passado por um processo digital (os desenhos construídos através dos bordados tornaram-se fotografia que posteriormente viraram fotolito para depois tornarem-se figuras impressas em papel) pode ser entendida como uma obra hipermídia, “a hipermídia mescla o hipertexto com a multimídia” (SANTAELLA, 2014, p. 211). Na hipermídia entende-se que há uma mistura de linguagens, verbais, sonoras, visuais que compõem o enunciado, assim o hipertexto que está contido na hipermídia compõe (...) “um percurso de leitura que salta de um ponto a outro de mensagens contidas em documentos distintos, mas interconectados. Isso vai compondo uma configuração reticular.

Dessa forma é possível pensar que a referida obra possui pontos (linguagens) diferentes (verbais e não-verbais) durante seu percorrer, mas que estão enredadas umas nas outras para integrar o todo da obra. Pensamento este que pode ser refletido em analogia a construção da identidade do sujeito sul-mato-grossense, que também se compõe de uma mistura de elementos culturais.

Com isso objetiva-se nesta pesquisa investigar como se dá a construção de alguns aspectos da identidade do sujeito da cultura sul-mato-grossense, pelo viés da perspectiva semiótica psicanalítica, como se constrói o psiquismo do sujeito e conseqüentemente, sua identidade dentro de uma cultura, no caso, a cultura do Mato Grosso do Sul.

Assim, para que esta pesquisa possa ser realizada, será utilizado o caminho semiótico com incursões psicanalíticas, pois a semiótica é uma das teorias da construção de sentidos num processo de semiose, o que perpassa também em seus estudos, a mistura de linguagens, ou seja, ela é a teoria sîgnica do conhecimento que estuda linguagens.

Eis o coração da pesquisa semiótica: ela não é decorrência do signo, mas da semiose (*semeiosis*), da ação do signo na construção de possibilidades de significação. O estudo da *semeiosis* demanda, pois, elaboração metodológica, formulação do problema de pesquisa enquanto objeto de investigação. (CHACAROSQUI-TORCHI, 2015, p. 14).

Neste sentido, é necessário reconhecer qual é o papel da linguagem na cultura. “A linguagem organiza os sistemas de signos que compõem a cultura e, por conseguinte, cria possibilidades de tangenciar o universo dos sentidos” (CHACAROSQUI-TORCHI, 2015, p. 14). A psicanálise enquanto campo do saber posiciona-se a meio da ciência e da arte “a psicanálise está situada entre a ciência e a

arte e como bem se sabe o cientista tem sempre muito a aprender com aquilo que o artista antecipa” (MAURANO, 2010, p.8).

Neste sentido explorar a obra *Exercícios de ser criança* de Manoel de Barros, tendo como ótica norteadora a semiótica psicanalítica, foi a oportunidade encontrada para que se pudesse deslindar, em partes, a identidade do sujeito sul-mato-grossense. Devido a semiótica e a psicanálise ocuparem-se de temáticas semelhantes e terem como pedra angular de suas teorias, a linguagem, é que foi possível trazer a esta pesquisa a semiótica psicanalítica como percurso, o que casa com a poesia de Manoel de Barros, que também é uma poesia constituída de várias linguagens.¹²

Desta forma para a análise da obra em estudo foi realizada uma pesquisa dividida em três capítulos. O primeiro capítulo versará sobre um levantamento teórico sobre o eixo central que une a semiótica e a psicanálise, que é a linguagem, procurando neste primeiro momento explicitar a estrutura da linguagem que faz com que estas teorias possam se transpassar, formando uma semiótica psicanalítica, o que inicialmente ocorrerá por meio da torcedura nos estudos de Peirce e Lacan sobre suas bases conceituais de primeiridade, secundidade, terceiridade e real, simbólico, imaginário, respectivamente. Em seguida serão introduzidos os estudos sobre a semiótica da cultura que é o campo onde as torções peirce-lacanianas¹³ podem ser compreendidas. O segundo capítulo tentará uma discussão acerca da identidade do sujeito sul-mato-grossense, para tanto serão levantados alguns dados históricos no intuito de compreender o contexto onde se fundou o estado do Mato Grosso do Sul, em seguida será trabalhada a biografia do poeta mato-grossense Manoel de Barros e poder logo após, alinhar assim a constituição do sujeito sul mato-grossense à cultura e a mestiçagem, mostrando um pouco de sua história e sua poética pantaneira. Pretende-se com este percurso, compreender como se dá a constituição do sujeito sul-mato-grossense a partir da visão da semiótica e da psicanálise. O terceiro capítulo terá como propósito a análise das várias linguagens da obra *Exercícios de ser criança*, de Manoel de Barros, buscando neste caminho compreender como se dá a construção dos aspectos

¹² Toda poesia, texto artístico e até mesmo todo e qualquer texto pode ser entendido como constituído de várias linguagens, porém a poesia barroseana e em especial a obra *Exercícios de ser criança* traz na mistura de linguagens, verbais e não verbais, elementos da cultura do autor (vento, água, peixes, rio, orvalho, pássaro, chuva, flor, etc.), cultura essa sul-mato-grossense, o que faz com que seja possível pensar nessa mistura de linguagens especificamente os aspectos mestiços da identidade do sujeito da cultura do mato Grosso do Sul.

¹³ Neologismo criado para internar uma nomenclatura dos teóricos da semiótica psicanalítica.

identitários do sujeito engendrado em uma determinada cultura, no caso, a cultura sul-mato-grossense.

CAPÍTULO I

O TRANSPASSAR DOS LAÇOS

“Eu tenho à medida que designo – e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la - e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano.”

Clarice Lispector

A vida é um dos enigmas do universo; seres de várias formas, tamanhos, espécies e raças, trazem consigo desde a concepção uma dúvida crucial: como se dá sua origem. Tal resposta, inexistente, só se pode tentar explicar por uma via, a linguagem. É por meio da linguagem que o ser humano, animal de vida pulsional, é capaz de encontrar caminhos para buscar compreender sua própria origem, sua existência e formas de ser e estar no mundo.

A partir da teoria da evolução das espécies a história da hominização passou a ter um sentido, sendo marcada pelo signo. Como afirma André Bourguignon, nas palavras de Jorge,

O advento da bipedia, liberando as mãos da função locomotora e o crânio do conjunto facial, não apenas marca a primeira etapa da hominização, como também, e mais essencialmente, representa o patamar da linha de evolução (o décimo) que justamente antecede aquele do surgimento da reflexão (o décimo-primeiro), o mais complexo estrutural e funcionalmente. A bipedia é o patamar da matéria viva que antecede uma verdadeira mudança qualitativa para a matéria viva capaz de reflexão. (BOURGUIGNON, 1989 apud JORGE, 2011, p. 163).

Dessa forma, percebe-se que a bipedia foi o substrato para todas as posteriores transformações do homem, inclusive a aquisição da linguagem.

(...) a passagem do décimo patamar para o décimo primeiro é, de fato, uma passagem que funda um novo estado da matéria viva, ao introduzir a capacidade de reflexão enquanto a “última etapa da evolução da matéria”. Trata-se de uma capacidade de reflexão dupla: do eu sobre si e do eu sobre o universo. Tal capacidade de reflexão está intimamente associada à ocorrência da linguagem humana (...). (JORGE, 2011, p. 163).

Essa passagem para a bipedia fez com que o homem passasse a ter a capacidade de questionar e se questionar sobre as coisas, transformou o animal instintual em humano pulsional¹⁴ fazendo com que o seu objetivo de vida não fosse mais apenas o saciamento da fome e a reprodução. “De fato, foi a bipedia que fez do homem o primeiro animal não somente sexuado, mas ‘sexual’, e da sexualidade um dos fundamentos da hominização”. (BOURGUIGNON 1989, apud JORGE, 2011, p. 166).

A linguagem é o meio pelo qual o humano se utiliza para transmitir as mensagens, significações, sensações, gostos, etc. Linguagens que são traduzidas por

¹⁴ A pulsão é um conceito extremamente complexo e que tanto Freud quanto Lacan levaram anos para desenvolver, por isso ela não será trabalhada nesta pesquisa, já que é uma pesquisa semiótica, mas cabe aqui uma, no mínimo, superficial explicação. A pulsão é o efeito da linguagem, em sua mais precoce incidência sobre o sujeito.

meio da palavra e é por meio dela que o sujeito é capaz de dar sentido a todas as linguagens.

Para falar da linguagem, duas teorias de base precisam ser convocadas, pois têm nela seu alicerce, a Semiótica e a Psicanálise. A semiótica estuda todos os fenômenos culturais como sistemas sógnicos, isto é, sistemas de significação, não se atendo apenas a conceituação de signo linguístico (sistema de signos da linguagem verbal), mas também considerando como objeto qualquer sistema sógnico - Artes visuais, Música, Fotografia, Cinema, Culinária, Vestuário, Gestos, Religião, Ciência etc. A Psicanálise tem na linguagem um aparato para as formulações de uma das instâncias do sistema psíquico, o simbólico, que é o conjunto de representações que o sujeito faz do mundo e através das quais o compreende. Esta instância sustenta também a possibilidade de compreensão de outras duas: o imaginário, que está ligado à constituição do eu através da imagem especular com o outro, e o real, componente não simbolizável.

O ser humano se utiliza da linguagem para codificar o mundo e as coisas que o cercam através dos signos; para que possa dar conta da vida é só por meio da linguagem. Lótman se utiliza deste conceito para denominar “todos os sistemas de signos humanos, verbais e não-verbais, cabendo ao termo “informação” a ação de tudo o que afeta o homem, psíquica ou cognitivamente” (PORTISWINNER, 1994 *apud* MACHADO 2003, p. 149). Linguagem entendida em Peirce através do fenômeno:

A fenomenologia ou doutrina das categorias tem por função desenredar a emaranhada meada daquilo que, em qualquer sentido, aparece, ou seja, fazer a análise de todas as experiências é a primeira tarefa a que a filosofia tem de se submeter. Ela é a mais difícil de suas tarefas, exigindo poderes de pensamento muito peculiares, a habilidade de agarrar nuvens, vastas e intangíveis, organizá-las em disposição ordenada, recolocá-las em processo. (PEIRCE, s/d, *apud* SANTAELLA, 1990, p. 42).

A semiótica tem seu panorama visualizado, desde o período Greco-Romano antigo com Platão, Aristóteles, os epicuristas e Aurélio Agostinho. É desta época que advém a raiz do signo (*semeion*), que diz de “um sinal, uma marca”. Em seguida abre seu caminho adentrando a Idade Média e ao Renascimento, onde, de acordo com Nöth (2003), a semiótica medieval desenvolveu-se no âmbito da teologia e do trívio das artes liberais: gramática, retórica e dialética (lógica). Ainda de acordo com o autor, no século XVII e XVIII avançou no ambiente de três grandes correntes filosóficas: o Racionalismo (em maior parte francês), o Empirismo britânico e o Iluminismo (principalmente na Alemanha) e, no século XIX alguns poucos apontamentos

semióticos iniciam-se com a idade do Romantismo onde símbolo e imagem são as noções centrais.

É a partir deste momento que surge uma das figuras mais importantes da disciplina semiótica: Charles Sanders Peirce. Nascido no ano de 1839, em Cambridge, Massachussets, nos EUA, no dia 10 de setembro, foi um filósofo, pedagogo, cientista, linguista e matemático americano que estabeleceu e assentou as bases da Semiótica. A Semiótica de Peirce é uma das disciplinas que fazem parte de sua arquitetura filosófica e trata do modo como o sujeito apreende e dá sentido a qualquer coisa que apareça na mente: um cheiro, uma imagem, um gesto, uma palavra, etc.

De acordo com Nöth (2003), Peirce foi além dos conceitos semióticos anteriores a sua época ao pensar que toda ideia é um signo junto ao fato de que a vida é uma série de ideias, o que prova que o próprio homem é um signo.

O homem denota qualquer objeto de sua atenção num momento dado. Conota o que conhece ou sente sobre o objeto e é também a encarnação desta forma ou espécie inteligível; o seu interpretante é a memória futura dessa cognição, o seu 'eu' futuro ou uma outra pessoa à qual se dirige, ou uma frase que escreve ou um filho que tem. (CP *apud* Nöth 2003, p.62).

Dessa forma, o signo estando no início e no fim do processo de pensamento faz com que o homem seja, ele mesmo, a origem e o desfecho sígnico, pois é através de sua mente que todo este movimento se torna inteligível. Peirce reforça ainda essa questão:

Sempre que pensamos, temos presente na consciência algum sentimento, imagem, concepção ou outra representação que serve como signo. Mas segue-se de nossa própria existência (o que está provado pela ocorrência da ignorância e do erro) que tudo o que esta presente em nós é uma manifestação fenomenal de nós mesmos. Isso não impede que haja um fenômeno de algo sem nós, tal como um arco-íris é simultaneamente uma manifestação tanto do sol quanto da chuva. Portanto, quando pensamos, nós mesmos, tal como somos naquele momento, surgimos como um signo. (PEIRCE, 2005, p. 269).

Freud e Peirce foram pensadores em plena atividade no final do séc. XIX e início do séc. XX. Peirce, o pai da semiótica moderna, e Freud, o pai da psicanálise, nutriram em suas teorias o ensejo de fomentar mudanças significativas na concepção de homem, seu psiquismo e suas formas de significação.

Charles S. Peirce e Sigmund Freud foram contemporâneos um do outro, tendo Peirce nascido em 1839 e falecido em 1914, e Freud nascido em 1856 e vindo a falecer em 1939. Não tiveram, certamente, oportunidade de se conhecer, tendo realizado carreiras profissionais bastante diversas. Ao relacionamento em comum que tiveram na

pessoa de William James, com o qual Peirce se correspondeu intensamente e Freud se encontrou quando de sua visita aos Estados Unidos, em 1909, não cabe atribuir qualquer aproximação entre ambos. Contudo, passados os anos, e a partir do nosso atual ponto de vista, há muitos aspectos que aproximam o pensamento destes dois grandes homens e muito proveito decorre de colocarmos em mútuo diálogo o que propuseram, Peirce de um ponto de vista mais filosófico e Freud sob um viés psicanalítico ou metapsicológico. (PAVAN; SILVEIRA, 2009, p. 89).

No princípio da psicanálise, Freud buscava compreender a complexidade da subjetividade humana, ou, de uma forma mais semiótica, entender a maneira particular de cada sujeito de se comunicar e se relacionar através dos códigos (sistema de signos).

Ao longo de seus 30 anos de escrita, Freud fez brilhantes descobertas sobre o funcionamento da mente humana e aos seus 83 anos foi a hora de sua pulsão psíquica chegar ao fim. Morreu em 1939, após uma dose letal de morfina aplicada por seu médico em virtude do câncer que o acometia.

Lacan, psicanalista francês, ao perceber que os psicanalistas pós-freudianos estavam levando a psicanálise para rumos diferentes daqueles que Freud pretendia, transformando-a em uma psicologia do EU, empenhou-se em seus seminários, segundo suas próprias palavras: “a restaurar, no campo aberto por Freud, a lâmina cortante de sua verdade”. (Lacan, 1964, p.17). Com seu retorno as obras de Freud, Lacan dá à linguagem o centro da constituição do humano e de seu inconsciente, ou seja, a origem da humanidade, e coloca-a, no protagonismo do psiquismo. Assim, lança aos quatro ventos sua celebre frase: “O inconsciente é estruturado como uma linguagem” (MILLER, 1987, p. 12).

Dessa forma, faz-se possível entender que a linguagem¹⁵ é o eixo que sustenta a transdisciplinaridade entre estas duas teorias, semiótica e psicanálise. “A transdisciplinaridade é tributária dos fundamentos da fenomenologia proposta por Edmund Husserl, já no final do século XVIII. A fenomenologia nasceu a partir de reflexões filosóficas que colocavam em crise as ciências e suas formas de interpretar a natureza e suas leis”. (NICOLESCU, 1999 *apud* FLORES e OLIVEIRA, 2017, p. 14-15).

¹⁵ A linguagem é o eixo que sustenta todas as ciências humanas, mas em Semiótica e Psicanálise ela sustenta o eixo entre as duas teorias enquanto expressão. Linguagem enquanto expressão.

Assim é possível entender aqui que a transdisciplinaridade significa uma certa unidade entre as disciplinas a partir de um modo de pensar que as ajusta.

A transdisciplinaridade é complementar à abordagem disciplinar; faz emergir do confronto das disciplinas novos dados que as articulam entre si; e ela nos oferece uma nova visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não busca o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa. (NICOLESCU, 1999, p. 161).

Para que o saber possa ter um exercício de maior amplitude, a transdisciplinaridade faz a união de diferentes disciplinas.

Por isso concordamos que o termo Transdisciplinaridade, apesar das limitações e incompletudes próprias das palavras, traduz a intenção de seus proponentes, pois o prefixo ‘trans’ significa ‘estar entre e ir além de’. E a expressão ‘disciplinaridade’ indica o reconhecimento da importância das disciplinas e suas especializações. A proposição, então, é a de que os indivíduos, enquanto conhecedores de suas áreas realizem o movimento de transitarem por outras áreas com o intuito de enriquecer-se, ampliando a compreensão de natureza e sua relação pessoal com o mundo. Assim, não há significado na produção de conhecimentos transdisciplinares, mas sim o incentivo para que as pessoas realizem a transdisciplinaridade em si mesmos. (FLORES e OLIVEIRA, 2017, p. 11).

Assim, a semiótica e a psicanálise constroem em seu âmago um conceito central para ambas, a linguagem, e ela norteia a transdisciplinaridade entre as duas.

Na semiótica o que se busca descrever e analisar nos fenômenos é sua constituição como linguagem. Neste sentido, embora a semiótica se constitua num campo intrincado e heteróclito de estudos e indagações que vão desde a culinária até a psicanálise, que se intrometem não só na meteorologia como também na anatomia, que dão palpites tanto ao cientista político quanto ao músico, que imprevisivelmente invadem territórios que se querem bem protegidos pelas bem demarcadas fronteiras entre as ciências. Nos fenômenos, sejam eles quais forem- uma nesga de luz ou um teorema matemático, um lamento de dor ou uma ideia abstrata da ciência- a Semiótica busca divisar e deslindar seu ser de linguagem, isto é, sua ação de signo. Tão só e apenas. E isso já é muito. (SANTAELLA, 1990, p. 17).

Freud já em suas obras iniciais afirmava a importância de se estudar a psicanálise em conjunto com outros campos do saber. Jorge bem assinala isso dizendo:

Além da experiência psicanalítica com sua escuta do discurso do analisando, o entrelaçamento da psicanálise com outras disciplinas sempre foi extremamente fecundo para ela. Freud acreditava que o ensino da psicanálise não podia prescindir do estudo de uma série de disciplinas afins, ou mesmo de todas aquelas que fazem do homem um ser letrado. Isso não significa que a experiência da psicanálise não seja inteiramente específica e não envolva dimensões e dispositivos

próprios, pois ela parte de dois conceitos fundamentais- inconsciente e pulsão-, que caracterizam a poderosa singularidade de suas descobertas. Mas é preciso que seus achados possam, por sua vez, adquirir uma ressignificação no mundo das ideias, junto às outras disciplinas, e sair do gueto teórico muitas vezes criado pela ortodoxia. (JORGE, 2011, p.13-14).

De acordo com Santaella (2013), o campo do saber Freud-laciano é uma semiose do inconsciente e sua sobredeterminação no psiquismo humano, que se serve da semiótica geral de Peirce, pois a semiótica peirceana é uma teoria geral de todos os signos e a psicanálise mostra-se como uma configuração peculiar de semiose, em sua conexão com a mesma.

Dessa forma a transdisciplinaridade existente entre a semiótica e a psicanálise ascende a chama da linguagem, pois a semiótica é uma ciência que se ocupa da linguagem através dos sistemas sócio-culturais, ela própria é “uma ciência naturalmente transdisciplinar, está impregnada com a necessidade de se construir saberes em conformidade com a totalidade de nossa experiência no mundo.” (CHACAROSQUITORCHI, 2015, p. 13)

A psicanálise é o campo do saber que tem na linguagem seu alicerce para o entendimento do sujeito (seu objeto central). Segundo Elia (2004), para a psicanálise, sobretudo a partir da reelaboração que Lacan empreendeu dos textos freudianos, o sujeito só pode ser concebido a partir do campo da linguagem. Todas as elaborações teóricas de Freud sobre o inconsciente o estruturam como sistema quer de representações (*Vorstellungen*), de traços de memória (*Erinnerzeichen*), de signos de percepção (*Wahrnehmungszeichen*), que se organizam em condensação e deslocamento.

No decorrer da obra Peirceana é possível entender sua visão semiótica universal do mundo por meio do sistema de signos.

O ponto de partida da teoria peirceana dos signos é o axioma de que as cognições, as ideias e até o homem são essencialmente entidades semióticas. Como um signo, uma ideia também se refere a outras ideias e objetos do mundo. Assim, tudo sobre o que refletimos tem um passado. (PEIRCE, 1931-58, 5:253, *apud* NÖTH, 2003, p.61).

Lacan partilha de uma ideia semelhante, de acordo com Jorge e Ferreira (2007, p.44),

Ele parte da evidência de que a linguagem, a cadeia simbólica, determina o homem antes do nascimento e depois da morte. O bebê vem ao mundo humano marcado por um discurso, no qual se inscrevem a fantasia dos progenitores, a cultura, a classe social, a

língua, à época, etc. Enfim, podemos dizer que tudo isso constitui o campo do Outro, lugar onde se forma o sujeito.

Psicanálise e Semiótica entendem, dessa forma, que o sujeito é constituído pela via da linguagem, a qual é transmitida de geração em geração através de uma semiose que ocorre a partir do campo do Outro, ou semioticamente falando, da cultura.

Manoel de Barros pôde refletir sobre este sistema, poetizando:

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondi a eles, meio entressonhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu joguei a escova fora. (BARROS, M. 2018, p. 17).

A palavra é o meio pelo qual se torna possível traduzir a linguagem, codificar histórias, vivências, sentimentos. A semiótica e a psicanálise transpassam seus laços; neste sentido, ambas entendendo que as linguagens existentes na vida são inúmeras, porém para que as coisas possam fazer sentido na mente humana, é necessária a palavra, ou seja, o código. “Código é o signo convencional ou uma organização de caráter genérico a partir da qual é possível a constituição dos sistemas e, conseqüentemente, da linguagem.” (MACHADO, 2003, p. 155).

1.2- Alinhando as ideias de Peirce e Lacan

Ao compreender que o centro da psicanálise e da semiótica é a linguagem e que esta, por sua vez, se estrutura por meio dos signos, entende-se que o signo é também o eixo destas duas teorias.

Lacan percorreu vários campos de outros saberes durante quase metade dos seus 30 anos de ensino na busca de trazer a psicanálise de volta ao campo do inconsciente que era seu lugar. Denominou o começo de seu ensino de “retorno a Freud”, apoiando-se na filosofia hegeliana, na linguística saussuriana¹⁶ e nos trabalhos de Lévi-Strauss.

Em Saussure, Lacan apanhou conceitos fundamentais para o entendimento da psique humana, porém precisou subverter a lógica estruturalista em quase todos os seus axiomas centrais para que seu pensamento fizesse sentido. De acordo com Nöth (2013, p. 43), “Saussure baseia-se em premissas racionalistas e mentalistas, numa lógica diádica e num modelo de signo estrutural baseado na linguística”.

Em Saussure (1916, p. 79 *apud* Nöth, 2013, p. 49), o signo linguístico possui uma estrutura diádica, pois é uma “entidade psíquica de duas faces” composta de uma imagem acústica, o significante, e de um conceito, o significado; a conexão mental entre os dois constituintes do signo é indissolúvel e necessária. O significante evoca o significado no processo da fonação do signo e vice-versa no processo da interpretação ou audição, ou seja, um conceito vai sempre remeter a uma imagem acústica e vice-versa.

Lacan, ao ler Saussure, reinterpreta tais termos abandonando a indissolubilidade entre os dois constituintes do signo e invertendo a ordem do significante e do significado saussuriana dispondo o significante em prevalência ao significado, pois para o inconsciente o que importa é o significante (aquilo que o objeto representa para o sujeito) e não o significado conceitual em si.

A relação, aparentemente fixa, entre significante e significado, no sistema da língua, é suscetível de modificações na dimensão da linguagem, a partir das operações metáforo-metonímicas do inconsciente, o que faz com que Lacan insista na primazia do significante sobre o significado, considerando o segundo como efeito do primeiro. Essa primazia leva Lacan a inverter o algoritmo do signo saussureano, passando a ser, ele próprio, o algoritmo lacaniano, a notação do processo significante, em que o significante se localiza acima da barra e o significado abaixo, sendo que a barra indica uma resistência à significação, já que separa um do outro e revela a autonomia do significante em relação ao significado, formadores de duas ordens distintas, para Lacan. Fica assim quebrada a unidade do signo defendida por Saussure. (JUNGK, 2013, P.72-73).

¹⁶ Lacan buscou na linguística aportes para a sustentação da teoria freudiana, que estava sendo desviada pelos pós-freudianos, porém subvertendo alguns conceitos (signo-significante-significado). Tais conceitos subvertidos, passaram a se aproximar cada vez mais da semiótica, pois haviam alguns limites nos conceitos linguísticos (forma diádica de pensamento) que foram colocados em questão em virtude dos sistemas de signos não-verbais.

Dessa maneira, o significante lacaniano passa a ter valor de signo semiótico, podendo estes serem entendidos como equivalentes, de acordo com seu funcionamento, ou mais conceitualmente dizendo, o deslizamento da cadeia significante é análogo à semiose ou sistema de signos.

Se, de um lado a linguística é um pressuposto para a intelecção da complexidade do registro simbólico, a heterogeneidade dessa noção em Lacan é tamanha que transcende, de longe, os limites das bases linguísticas, passando a adquirir uma compleição mais propriamente semiótica. (SANTAELLA, 2013, p. 20).

Dessa forma, se para compreender a subversão que Lacan fez do signo linguístico é necessário buscar um entendimento das questões linguísticas, percebe-se com o próprio Lacan que se torna possível compreender os desvelamentos semióticos.

Grande parte dos estudos que pretendem estabelecer a relação entre semiótica e psicanálise, quando utilizam uma base conceitual advinda da linguística, acabam sendo (mesmo se não reconhecem isto) estudos semióticos graças a própria psicanálise e não a linguística. Isto evidentemente, quando mergulham, de fato, nos entreveros psicanalíticos. Nesse caso, então, é a psicanálise que transforma os conceitos linguísticos em semióticos, até o ponto de podermos afirmar que é, na psicanálise, especialmente a de Freud e Lacan, onde mais perfeitamente se realiza a semiótica verbal, isto é, daquilo que há de não-verbal no verbal. (SANTAELLA, 2013, p. 21).

Lacan destaca a primazia do significante em relação ao significado na relação do sujeito com o outro e com o mundo.

O que me importa não é esgotar uma filosofia da condição humana; o que me importa definir de minha posição de analista, e o que me parece para todos extremamente importante, é que esta posição particular - de onde parto e para onde retorno- destaca como valor fundamental certa relação do homem com o significante. Creio que é isto que define o campo que descobrimos mediante a análise e tudo que está verdadeiramente envolvido pela análise está nesse campo. (LACAN, 1985, p. 73).

De acordo com Nöth (2013, p. 53), “aquilo que Lacan chama de significante, corresponde, em verdade, muitas vezes àquilo que Saussure chama de signo.”. Importante ressaltar que Lacan não abandona o conceito de signo, ou seja, o signo não está ausente em sua teoria em virtude da subversão do signo saussureano, assim transparece Arrivé (2001, p. 7 *apud* Jungk, 2013, p. 73):

Pois o conceito de signo não está ausente da reflexão lacaniana. Não. Ele é pura e simplesmente - se me atrevo a dizer-deslocado da sua problemática do significante e do significado. O signo, como muitas vezes já disse, e muitas vezes de modo ambíguo e aventureiro, é, em

Lacan, quebrado. Quebrado a ponto de ser relegado a um canto, afastado dos fragmentos deixados pelo seu estilhaçamento: o significante e, principalmente, o significado.

O próprio Lacan fala da sua forma de pensar o signo psicanalítico diferenciando-o do signo semiótico que em Lacan é comparado ao significante, em suas palavras: “Quero terminar mostrando no que o signo se diferencia do significante. [...] O signo não é, portanto, o signo de alguma coisa, mas de um efeito que é aquilo que se supõe, enquanto tal, de um funcionamento do significante” (LACAN, 2008, p. 55 *apud* JUNGK, 2013, p. 73). Essas diferenciações são importantes para compreender o que Lacan foi buscar de aporte na linguística para a compreensão do psiquismo humano e como as subversões dos axiomas linguísticos o levaram a equiparar seus delineamentos aos caminhos da semiótica.

A razão dessas subversões não se deve encontrar só na originalidade e no radicalismo do pensamento lacaniano. Uma causa essencial de suas subversões encontra-se com certeza na incompatibilidade fundamental das ideias da psicanálise freudiana com certas premissas do racionalismo da semiótica estrutural. (MULLER, 1996, p.188 *apud* NÖTH, 2013, p. 45).

Uma dessas asserções situa-se no fundamento binário da semiótica saussuriana que é inconciliável à psicanálise freudiana/lacanianana, a qual se baseia em um axioma triádico, ou seja, Freud emprega que a psique humana, o inconsciente, é estruturado em três instâncias *id*, *ego* e *superego* (Freud) ou, respectivamente, imaginário, real e simbólico (Lacan).

O *id* em Freud corresponderia ao real em Lacan. O real é a voracidade da marca primitiva do sujeito que as palavras não explicam, a verdade do sujeito que não encontra vias para ser dita, “o real é o impossível de ser simbolizado” (JORGE, 2011, p. 51). O Ego na teoria freudiana equivale ao imaginário da teoria Lacaniana. O imaginário é o eu, pois o eu se inaugura diante do imaginário. René Magritte ilustra em sua obra *A travessia difícil* de 1963, a preponderância do olhar para o humano.

Nela, vê-se a figura de um homem, vestido de paletó e gravata, postado diante de uma mureta a beira-mar, durante uma tempestade. Ao largo, ocorre um naufrágio. Atrás da mureta, como que fazendo sombra a figura do homem, um dos elementos onipresentes na iconografia magrittiana, um *bilboquet* que parece traçar de modo estilizado uma figura humana. Um elemento domina a cena: a cabeça do homem transformou-se num grande globo ocular, todos os sentidos foram reduzidos a um *único sentido*, a visão. A vestimenta impecável da figura não deixa sequer um só pedaço do corpo à mostra: assim, descobrimos que não foi apenas a cabeça que se tornou um grande

olho, mas *todo o corpo*. O imaginário, constituído para o lado de cá da mureta, é como que uma defesa contra a devastação do real, representada pelo mar revolto e pelo barco que afunda. De fato, a figura se posta de costas para o maremoto: *a ordem do imaginário se institui para fazer face à desordem do real*. (JORGE. 2011, p. 44-45).

O Simbólico equivale-se ao superego freudiano. O simbólico é o campo da linguagem e é neste sentido que “o simbólico de Lacan revela a estrutura mesma do significante tal como dissecada por Freud ao longo de sua obra”. (JORGE, 2011, p. 69).

Na conferência de 53, RSI são apresentados como três registros muito distintos e essenciais da realidade humana. O real é apresentado desde já como “aquela parte dos sujeitos que nos escapa a análise”, como aquilo que “constitui os limites de nossa experiência”. Já o simbólico tem a ver com o saber em jogo na própria experiência psicanalítica, ele é responsável pelas “transformações tão profundas para o sujeito”. A partir da constatação de que a análise retira sua eficácia do fato de que “se desenvolve integralmente em palavras” Lacan questiona o que é a palavra, o que é o símbolo. Para ele, é precisamente na falta de se colocarem tal questão que os psicanalistas acabam por conceber a análise como algo irracional. Quanto ao imaginário, surge para descrever apenas os ciclos instintuais dos animais, nos quais pode-se ver ocorrer um certo número de deslocamentos, que significam um esboço de comportamento simbólico. Por exemplo, num ciclo de combate surge, deslocado, um comportamento de ostentação e um dos combatentes começa a alisar as plumas. (JORGE, 2011, p. 94).

Ainda no seminário RSI, Lacan trouxe uma análise pormenorizada do real, simbólico e imaginário.

Freud não tinha do imaginário, do simbólico e do real a noção que eu tenho... mas, mesmo assim, tinha uma suspeita deles... Aliás, a verdade é que pude extrair meus três [registros] de seu discurso, com tempo e paciência. Comecei pelo imaginário, depois tive que mastigar a história do simbólico com essa referencia linguística... e acabei por lhes perceber esse famoso real, sob a própria forma do nó. (LACAN, 1975, p.18).

É justamente esta estrutura triádica que aproxima as considerações lacanianas das ideias peirceanas. Como afirma Nöth (2013), Peirce empreende uma realidade que independe do signo que a representa, ou seja, que se encontra exterior ao signo, baseando-se numa lógica triádica. Enquanto Saussure coloca que o determinante do modo de pensar do sujeito, é a estrutura do signo.

Peirce desejava a interlocução da semiótica com outras teorias para a contribuição com a ciência e sabia que essa interlocução, dava-se por meio dos signos. “A interação do seu sistema com qualquer ciência especial deve ser feita, portanto,

levando-se em conta a diferença de graus de abstração entre ambos e o caráter de fundação epistemológica que Peirce dá ao signo.” (SANTAELLA, 2013, p. 27).

A semiótica de extração peirceana, com sua tríade, olha para a linguagem verbal como uma teia de traços verbais e não verbais.

O sistema peirceano não se propunha, portanto, apenas como um sistema de pensamento científico, mas também como um sistema para o pensamento científico. Esse foi o sonho de Peirce (Prefácio aos CP, vI): “Delinear uma teoria tão compreensiva que, por um longo tempo, o trabalho inteiro da razão humana, na filosofia de todas as escolas e espécies, na matemática, na psicologia, na ciência física, na sociologia, e em qualquer outro departamento que possa haver, deverá aparecer como o preenchimento de seus detalhes. O primeiro passo para isso é encontrar conceitos simples aplicáveis a qualquer assunto”. (SANTAELLA, 2013, p. 27).

Sendo uma semiótica geral, a semiótica peirceana é capaz de fazer links com outras ciências de uma forma que nenhuma outra ciência consegue. “A teoria peircena é tão ampla e geral a ponto de ser capaz de servir de fundação para qualquer outra teoria de qualquer espécie” (SANTAELLA, 2013, p. 28).

Tal ambição é possibilitada porque a semiótica peirceana é feita de definições abstratas e vazias de conteúdos materiais específicos. São as ciências especiais (ciências idioscópicas), com suas semioses específicas, que funcionam como preenchimento dos detalhes, trazendo estofo material para os diagramas lógico-formais do sistema peirceano, ao mesmo tempo que esses diagramas ajudam a mapear e compreender o modo como cada ciência delimita e configura seu campo do saber. Nessa medida, o dialogismo está no cerne não apenas da noção de signo, mas da própria concepção do sistema peirceano. Seu sistema é proposto para a intelecção dos fundamentos epistemológicos e configurações conceituais das ciências especiais, quer elas se considerem ou sejam consideradas ciências ou não, como é o caso da psicanálise. (SANTAELLA, 2013, p. 28).

É através do funcionamento da linguagem, que se dá de forma triádica, que a psicanálise e a semiótica produzem construto de forma conjunta. A psicanálise, subvertendo o estruturalismo saussuriano aproxima-se da semiótica e juntas buscam compreender o arcabouço da linguagem. “Lacan interpreta a psicanálise freudiana como um sistema de signos e vê na psique humana movimentos cuja análise exige a interpretação de signos e das leis que determinam suas estruturas” (NÖTH, 2013, p. 45).

1.3- O recamo do incentivo Peirce, Lacan e Lótmán

Como um bebê em sua constituição, a semiótica e a psicanálise são teorias relativamente jovens, ambas com pouco mais de cem anos. A psicanálise com Freud teve sua origem na Áustria e foi disseminando-se com o passar dos escritos de seu criador pelos países da Europa e América nos Estados Unidos. Na França, especificamente, teve seu (re)conhecimento através de Lacan, e outros psicanalistas que acompanhavam seu retorno a Freud.

Lacan nasceu em um momento crucial para a teoria da qual ele se engendraria. Em 13 de Abril de 1901, quando segundo Jorge e Ferreira (2007), a psicanálise fincava sua bandeira no mundo com Freud, que tinha à época quarenta e cinco anos de idade, e já havia publicado *A interpretação dos sonhos*, obra considerada por ele a estrada real que leva ao inconsciente. Ainda de acordo com os autores, um encontro pessoal entre Freud e Lacan nunca ocorreu, o verdadeiro laço entre os dois se deu através do discurso e foi tão intenso que provocou uma metamorfose radical na história da psicanálise.

Quando Lacan, no decorrer de seu percurso psicanalítico, percebe os desvios aos quais a psicanálise estava sendo imposta com os pós-freudianos, retoma seus conceitos básicos e insiste na retomada do campo freudiano.

O inconsciente é um conceito esquecido pelos pós-freudianos, pois eles acham que a segunda tópica de Freud (Isso, Eu e Supereu) substitui a primeira tópica (inconsciente, Pré-consciente e Consciente). Lacan, ao contrário, considera que, em 1920, Freud escreve *Mais-além do princípio do prazer*, plataforma da segunda tópica, exatamente para chamar atenção dos analistas para algo que eles estavam se afastando cada vez mais: o inconsciente. Estruturado como uma linguagem, o inconsciente é retomado por Lacan como pulsação temporal de abertura e fechamento. (JORGE; FERREIRA, 2007, p. 27).

Dessa forma, é neste momento crucial da retomada freudiana que Lacan traz à emersão a base estrutural da psicanálise, que é a linguagem e, é neste ponto que se faz o laço com a semiótica.

A semiótica, como já explicitado, é a ciência geral dos signos, ou seja, estuda todas as formas de linguagem. De acordo com Santaella (1990, p. 19):

Não foi senão a consciência de linguagem em sentido amplo que gerou a necessidade do aparecimento de uma ciência capaz de criar dispositivos de indagação e instrumentos metodológicos aptos a desvendar o universo multiforme e diversificado dos fenômenos de linguagem.

Peirce, na corrente norte-americana da semiótica, foi o semioticista que destrinchou o signo para o entendimento de seu funcionamento na mente humana. Ele era um conhecedor de várias áreas e diversas ciências, estudou, escreveu e articulou diversos conhecimentos e com isso tinha o intuito de compreender a lógica das ciências, seus métodos de raciocínio, dessa forma ele era, antes de qualquer coisa, um lógico.

Durante todo seu estudo, Peirce conduzia seu desejo pela lógica de encontro à filosofia, pretendia proporcionar um abeiramento ao pensamento filosófico através das ciências, “para ele, o caminho para a filosofia tinha de se dar através da lógica, mais particularmente, através da lógica da ciência” (SANTAELLA, 1990, p. 25).

De tudo isso, cumpre, por enquanto, ser enfatizado que foi de dentro do diálogo de um só homem com 25 séculos de tradição filosófica ocidental, assim como foi de dentro de um gigantesco corpo teórico que veio gradativamente emergindo a sua teoria lógica, filosófica e científica da linguagem, isto é, a semiótica. (SANTAELLA, 1990, p. 27).

Considerando assim, a semiótica, como uma ciência que estuda várias linguagens, é possível pensar Peirce como sendo ele mesmo a própria semiótica, pois teve sua teoria constituída de várias outras, ele foi então, a própria encarnação - “em(carne)ação”, da semiótica.

Partindo desses pressupostos, a semiótica peirceana, como uma filosofia científica da linguagem busca a compreensão do signo e seu modo de funcionamento na mente humana entendendo o universo em expansão através do psiquismo, descrevendo assim, todos os tipos de signos logicamente possíveis.

Peirce entende o signo de forma triádica, descrevendo sua divisão em três categorias, que são democráticas e funcionam como um nó borromeano ¹⁷criando a tridimensionalidade do “espaço semiótico”.

Primeiridade é a categoria que dá à experiência sua qualidade distintiva, seu frescor, originalidade irrepitível e liberdade. Não a liberdade em relação a uma determinação física, pois que isso seria uma proposição metafísica, mas liberdade em relação a qualquer elemento segundo. O azul de um certo céu, sem o céu, a mera e simples qualidade do azul, que poderia também estar nos seus olhos, só o azul, é aquilo que é tal qual é, independente de qualquer outra coisa. Mas, ao mesmo tempo, primeiridade é um componente do segundo. Secundidade é aquilo que dá à experiência seu caráter factual, de luta e confronto. Ação e reação ainda em nível de binariedade pura, sem o governo da camada mediadora de

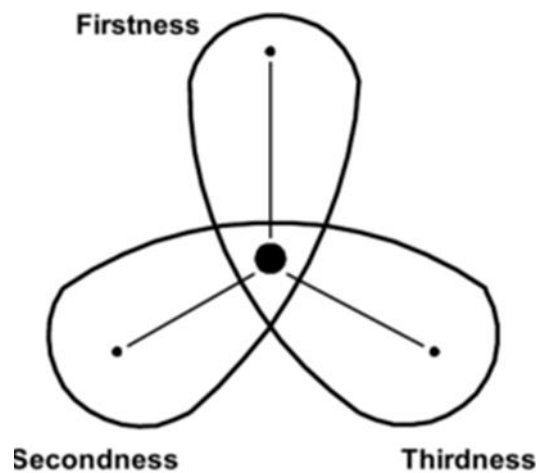
17 Símbolo conhecido desde o século II entre os budistas, foi muito utilizado pelo cristianismo e também entre diversos outros povos europeus ao longo do tempo, geralmente como símbolo de união e força.

intencionalidade, razão ou lei. Finalmente, terceiridade, que aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde a camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo. (SANTAELLA, 1990, p. 67-68).

Ainda segundo a autora, essas categorias fundamentais do pensamento humano estão presentes em todas as coisas, tanto físicas quanto psicológicas e a cada campo do saber em que se aplicam, apresentam-se nas modalidades próprias daquele campo, sendo que o que se mantém é o substrato lógico da primeiridade, secundidade e terceiridade.

Parece, portanto, que as verdadeiras categorias da consciência são: primeira, sentimento, a consciência que pode ser compreendida como um instante do tempo, consciência passiva da qualidade, sem reconhecimento ou análise; segunda, consciência de uma interrupção no campo da consciência, sentido de resistência, de um fato externo ou outra coisa; terceira, consciência sintética, reunindo tempo, sentido de aprendizado, pensamento. (PEIRCE, 2005, p. 14).

Para representar de forma gráfica as proposições de Peirce, Floyd Merrel constrói um grafema interessante, onde explica as categorias peirceanas na forma de um nó borromeano:



Fotograma 1¹⁸

Repare como elas são “democráticas”, já que cada categoria está inter-relacionada com as outras duas e todas estão inter-relacionadas entre si. Note que o modelo não é “triangular”, mas existem três linhas se encontrando em um ponto na forma de um “tripé” de modo a impedir qualquer tipo de relação binária entre uma categoria e outra. As

¹⁸ A figura foi retirada do livro *A semiótica de Charles S. Peirce hoje*, de Floyd Merrel. Mostra a formulação triádica de Peirce como um nó borromeano, onde as partes são interpenetrantes de forma recíproca.

MERREL, F. *A semiótica de Charles S. Peirce hoje*, Ijuí: Ed. Unijuí, 2012. – 368p.

relações entre quaisquer duas categorias são possíveis unicamente por meio de inter-relações entre todas as três categorias. Repare também que as linhas que giram ilustrando o caráter processual dessas inter-relações representam uma variação do nó borromeano, muito conhecido na tipologia matemática. O nó borromeano realiza um movimento da superfície bidimensional para a terceira dimensão a partir da sobreposição de linhas. Reconheço que isso é significativo, uma vez que as três linhas que desenham as inter-relações das categorias não são meramente bidimensionais. Elas são concebidas mais propriamente como um triângulo visto do alto, que, graças ao movimento das linhas giratórias do nó borromeano, oscilam para frente e para trás criando a tridimensionalidade do “espaço semiótico”. (MERREL, 2003, p. 164-165).

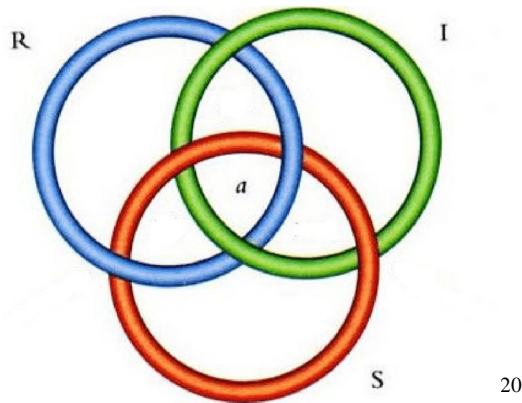
Dessa forma, a interpretação do signo é, assim, um processo dinâmico na mente do receptor. Tal processo (semiose) refere-se à ação do signo, e neste sentido, entende-se que o sistema de signos peirceano se apresenta como capaz de fornecer subsídios lógicos para o exame de quaisquer semioses especiais e, sendo assim, pode também fornecer para o exame da semiose psíquica tal como esta se estrutura sob as determinações do inconsciente, como coloca a psicanálise. “Reconhecer que a teoria lacaniana trata de um tipo de semiose, a psíquica, e, dentro desta, reconhecer um subtipo, aquela semiose que se estrutura sob as determinações do inconsciente, já são formas peirceanas de reconhecimento” (SANTAELLA, 2013, p. 29).

A psicanálise lacaniana, assim como a semiótica Peirceana, constrói seu aparato numa tríade onde três registros heterogêneos constituem o aparelho psíquico: **R** (real- não pode ser simbolizado), **S** (simbólico- da ordem da palavra, significante), **I** (imaginário- relacionado a imagem), **RSI**. Esta, uma tripartite que Lacan chama de “trindade infernal”.

Essa trindade é introduzida pela primeira vez em uma conferência, realizada em Julho de 1953 na SFP e retomada no seminário de 1974-75 intitulado R.S.I. A sua construção não levou séculos e nem empregou milhares de homens como a de grandes catedrais. Um único homem, Lacan, inspirando-se nas ciências de seu tempo- a linguística, a antropologia estrutural e a matemática. (JORGE e FERREIRA, 2007, p. 30).

Lacan permeia os registros RSI, pensando a constituição do sujeito a partir do enlaçamento deles. Foi em um jantar em Paris, que uma jovem matemática com quem estudava, lhe despertou olhar para a existência de um tipo de nó nos braços da família Borromeo, de Milão-Itália. A partir disso, Lacan passa a utilizar este símbolo na

investigação da constituição do sujeito como um nó borromeano¹⁹, chegando a dizer: “o nó borromeano me caiu como um anel no dedo”.



Fotograma 2

Para Lacan, há três grandes segmentos na obra de Freud que podem ser incluídos nessas três instâncias. O simbólico corresponde às relações entre inconsciente e linguagem, demonstradas, principalmente, nos textos sobre os sonhos, os chistes e a psicopatologia da vida cotidiana, os quais são considerados por Lacan textos “canônicos em matéria de inconsciente”. O imaginário compreende toda a abordagem freudiana sobre o narcisismo, introduzida desde 1911, inicialmente no *Caso Schreber*, depois em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, e em “Luto e melancolia”. O real está ligado àquele seguimento voltado às questões da diferença sexual- abordadas desde *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, “As pulsões e suas vicissitudes” e nos textos em que interroga o feminino e o que quer uma mulher- e aos problemas da repetição e da pulsão de morte- introduzidos em 1920, em *Mais além do princípio do prazer* e retomados em inúmeros artigos, tais como “O problema econômico do masoquismo” e “O mal-estar na cultura. (JORGE; FERREIRA, 2007, p. 32).

Dessa forma, em Lacan, há uma estrutura triádica que funda o psiquismo do sujeito e o introduz na linguagem significante. O real é aquilo que está fora até o momento em que um corpo vivo é marcado pelo significante, a partir desta marca ele se inscreve na estrutura como aquilo que faz buraco. Dessa forma como afirma Jorge e Ferreira (2007), a realidade é constituída por uma trama simbólico-imaginária, formada de palavras e de imagens, enquanto o real é pontualmente aquilo que não pode ser

19 Para Lacan, a peculiaridade desse nó está no fato de que “três é o mínimo”. Se um dos círculos for cortado os outros dois se soltam e assim, os três se separam.

20 Fonte: Google imagens. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-No-borromeano-adaptado-de-LACAN-1974-75-p-19_fig1_319293090. Acesso em: 14 de Janeiro de 2020.

representado nem por palavras nem por imagens, ou seja, ao real falta representação psíquica.

O campo do imaginário trata da relação que é estabelecida com a própria imagem, com o Eu. Para elaborar este registro Lacan trouxe a luz um conceito importante, o de estádio do espelho.

Trata-se do processo pelo qual o bebê passa entre o sexto e o décimo-oitavo mês de vida, e se divide em três tempos que podemos chamar de "lógicos". No primeiro tempo, a criança vê apenas o outro no espelho; no segundo, ela compreende que não se trata do outro, mas sim da imagem que ela tem do outro, e, no terceiro, ela conclui que aquela é sua imagem. (STERNICK, 2010, p. 33).

O simbólico é o lugar da palavra, é um mediador que organiza o psiquismo humano, e que produz por meio do significante, que é sua unidade mínima, o processo de significação, articulando os significantes e formando uma cadeia, “essa é a função do simbólico e também da linguagem, só a partir dele é que se poderá ordenar o Real e o Imaginário” (STERNICK, 2010, p.32).

Dessa maneira entende-se que o sujeito só se faz, ou seja, se constrói psiquicamente através da tríade, real, simbólico e imaginário e produz sua cadeia de experiências pela cadeia de significantes ou semiose, a qual se dá por meio da tricotomia Peirceana de primeiridade, secundidade e terceiridade, dentro de um “espaço semiótico”, a semiosfera. Pensando por este viés, é possível depreender que o sujeito é efeito de várias linguagens, ou seja, uma mestiçagem de linguagem real, linguagem simbólica e linguagem imaginária²¹ que se articulam de forma triádica como em Peirce e dentro de um “espaço semiótico”²², o espaço da semiosfera pode ser entendido pelas leituras de Yuri Lótman e é aí, no ponto da linguagem, que se dá o incentro²³ entre Lacan, Peirce e Lótman.

Iuri Lótman (1922-1993) contemplou a semiótica com significativas reflexões sobre signos que permeiam o campo da cultura. Ele é um dos notáveis agentes responsáveis pelo reconhecimento das construções teóricas da Escola de Tartu Moscou localizada na Estônia, cenário de importantes estudos implicados no entendimento do

²¹ Para Lacan, a linguagem existente no real é apenas sígnica (não é do campo da palavra, impossível de ser simbolizada), já a linguagem existente no simbólico e no imaginário é significante (palavra) e sígnica, já que na psicanálise, signo e significante são coisas diferentes como já explicitado.

²² Conceito criado por Yuri Lótman, em seus estudos sobre a semiótica da cultura, que diz respeito à experiência natural da cultura por meio da linguagem. Este conceito será explicitado mais profundamente adiante.

²³ Em um triângulo, o incentro é o ponto em que as suas três bissetrizes se cruzam, e fica à mesma distância de todos os seus lados.

papel da linguagem nas múltiplas expressões culturais, que antes ficavam reservadas à literatura e à linguística.

Não resta dúvida de que as sessões da ETM (Escola Tártu Moscou) tiveram como meta o desenvolvimento de competências para o exercício da análise semiótica da cultura. Dentre os principais tópicos do programa da disciplina teórica, colocados não de maneira explícita, estava a alfabetização semiótica graças a qual a semiótica da cultura não é uma teoria geral dos signos, tal como a que foi formulada por Charles Sanders Peirce, ou a teoria das significações que consagrou a escola de Paris sob a liderança de Julien Algirdas Greimas. No centro de suas preocupações estava o encaminhamento de modos diferentes de olhar semioticamente, não a cultura, mas seus produtos que adquirem, assim, o estatuto de sistemas semióticos. Não tendo de teorizar sobre os signos, lança-se na investigação sobre o comportamento e, conseqüentemente, sobre as relações entre os sistemas de signos da cultura. (MACHADO, 2003, p.142).

Desta trama percebe-se que a cultura confecciona uma urdidura de relações que não são unificadas por um sistema de signos soberano, mas sim pela pluralidade semiótica. “A semiótica da cultura toma a teoria geral dos signos como hipótese de trabalho no exame dos mecanismos semióticos que orientam o funcionamento da cultura”. (MACHADO, 2007, p. 15).

Todos os signos e sistema de signos da cultura são vistos por Lótman como texto de cultura. “A importância do conceito de texto para a semiótica moderna foi anunciada numa publicação histórica do grupo: Teses para uma análise semiótica de culturas (uma aplicação aos textos eslavos), (Ivanov; Lótman; Piatigórski; Topórov; Uspiênski, 1973; 1998; 2003)”(MACHADO, 2015, p.14). Ou seja, texto para Lótman é:

Não o texto constituído como unidade do sistema verbal de uma língua, mas o texto poliglota, com múltiplas tramas e gerador de novos textos como trabalho entre sistemas de signos que agem, interagem e reagem uns com os outros e em seu habitat cultural confrontando diferenças de modo a transformar em cultura aquilo que não se constitui como tal. Nesse trabalho de intervenções e confrontos, a noção de texto é redirecionada para outro lugar de pensamento. (LÓTMAN, 1996, *apud* MACHADO, 2015, p. 14-15).

Dessa maneira, pode-se entender que a semiótica da cultura teve seu arranque básico na imprescindibilidade de compreender a comunicação como sistema semiótico e a cultura como um conjunto uno de sistemas.

Nesse ambiente semiótico de observação e análise, apreendeu-se o gesto primordial de culturalização em que as coisas dispersas no mundo se tornam textos de cultura. Se, num primeiro momento, foi fundamental perceber que o dinamismo da cultura se deve à transformação dos sistemas de signos, não se pode ignorar o papel da

conceptualização desse trabalho em texto como a grande força argumentativa do campo de estudos denominado semiótica da cultura. (MACHADO, 2015, p. 14).

“O texto que se tornou central para a semiótica da cultura é o texto em funcionamento, no trabalho de suas funções como provedor de condições para as transformações qualitativas da cultura” (MACHADO, 2015, p. 15). Toda esta relação entre os elementos que constituem a estrutura do sistema sógnico, só é passível de ocorrer dentro de um “espaço semiótico”. “Ao tomar o texto como problema semiótico coloca-se em relevo a dinâmica de todo um funcionamento no espaço semiótico da cultura”(MACHADO, 2015, p.15).

De acordo com Merrell (2003), Lótman escreve que a cultura está integralmente imersa em um “espaço semiótico” e que é só por meio da interação com este espaço que todas as coisas dentro de uma cultura podem atuar. Essa combinação de cultura e espaço semiótico é chamada por ele de “semiosfera”.

Assim a semiosfera é o campo da semiose no qual os processos sógnicos operam no conjunto de todos os ambientes interconectados.

O conceito de semiosfera- que acompanha a maturidade do pensamento semiótico russo, fundamentado na teoria da biosfera do químico V.I. Vernádski e do dialogismo de M. Bakhtin-, foi formulado por Lótman para exprimir a cultura como um organismo que não separa aspectos biológicos de aspectos culturais. Lótman (1996) criou o termo semiosfera, por analogia ao termo biosfera, para designar o funcionamento dos sistemas de significações de diversos tipos e níveis de organização. Trata-se de um espaço semiótico dentro do qual se realizam os processos comunicativos e a produção de novas informações. É impossível haver semiose fora da semiosfera. O conceito de semiosfera corresponde, portanto, a conexão de sistemas e geração de novos textos. Trata-se de um espaço que possibilita a realização dos processos comunicativos e a produção de novas informações, funcionando como um conjunto de diferentes textos e linguagens. (TORCHI, 2008. p. 113).

Dessa forma, o signo peirceano, bem como a tríade psíquica lacaniana são passíveis de serem refletidos a partir da imersão destes conceitos no universo semiosférico conceituado por Lótman. Assim, a primeiridade assume as características do signo, a secundidade desempenha o papel do objeto e a “necessidade sócio-cultural” constitui a criação da terceiridade do signo, tudo isso alinhavado a construção psíquica (real, simbólico e imaginário) do sujeito entendida pela psicanálise, que foi convidada a estar aqui por ter, no cerne de sua teoria, estudos sobre a constituição do sujeito.

É neste emaranhado sógnico, que se faz possível uma leitura do sujeito sul-mato-grossense, através do conceito peirceano de signo e do sujeito do inconsciente psicanalítico costurado a definição de cultura e de semiosfera, através dos conceitos da semiótica da cultura lótmaliana.

Entendendo que o sujeito é um sujeito de linguagem, nasce, cresce, se desenvolve e morre imerso em um emaranhado de linguagem, composta pelo Outro, pela cultura e que sua constituição psíquica triádica se dá pela mestiçagem existente no mar da linguagem, passemos no próximo capítulo para a explicitação das questões referentes à identidade, para que se possa buscar, com isso, uma melhor compreensão de alguns aspectos da identidade do sujeito sul-mato-grossense.

CAPÍTULO II

IDENTIDADE: TORÇÕES DE MOEBIUS EMERGIDAS DO LAGO CULTURAL

“A maior riqueza do homem é sua incompletude.

Nesse ponto sou abastado.

Palavras que me aceitam como sou — eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.

Perdoai. Mas eu preciso ser Outros.

Eu penso renovar o homem usando borboletas.”

Manoel de Barros

O ser humano tem como uma parte de sua constituição, a história. O que vive, ouve, sente, escuta e internaliza no decorrer de um processo de desenvolvimento está intimamente ligado à história. A origem marca traços do sujeito. “O traço unário²⁴ é anterior ao sujeito. *No princípio era o verbo* quer dizer *No princípio é o traço unário*”. (LACAN, 2005, p. 31).

Neste sentido, para se construir a estrada, não há como escapar de lembrar e, assim, ressignificar. Dessa forma para poder projetar o caminho da construção da identidade do sujeito sul-mato-grossense, faz-se necessário o retorno. Olhar para traz é o que permite ver à frente. Como disse Manoel de Barros:

Carrego meus primórdios num ardor.
 Minha voz tem um vício de fontes.
 Eu queria avançar para o começo.
 Chegar ao criancamento das palavras.
 Lá onde elas ainda urinam na perna.
 Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos.
 Quando a criança garatuja o verbo para falar o que não tem.
 Pegar no estame do som.
 Ser a voz de um lagarto escurecido.
 Abrir um descortínio para o arcano. (BARROS, 1996, p. 46)

Assim, é seguindo o sentido contrário ao de ida que o sujeito é capaz de se conhecer para prosseguir o caminho avistado no horizonte. “Melhor jeito que achei pra me conhecer foi fazendo o contrário” (BARROS, 1996, p. 67)

Pensando dessa forma, observa-se que o Mato Grosso do Sul é hoje um estado cheio de características próprias, de singularidades e identidade peculiar, mas tudo isso veio de um lugar dentro da história.

Assim sendo, é chegada a hora da “retornança”!

2.1- Um retorno necessário

²⁴ Lacan, no decorrer de toda sua obra traz elaborações a respeito de um traço que marca o sujeito em sua constituição, e nomeou este traço de “traço unário”, aquele que funda o sujeito em sua constituição e que é anterior a tudo que se pode elaborar ou compreender, pois é um traço que vem do campo do Outro (cultura).

A América Latina é um continente colonizado, em sua maior parte, por Portugal, Espanha e França a partir do séc XVI,

(...) do período inicial da colonização emerge uma nova totalidade históricossocial na qual diferentes modos de vida estão presentes, dando início à tessitura do chamado labirinto latino-americano. Uma variedade de povos europeus, somados a povos escravizados trazidos de diferentes territórios do continente africano, se reúnem e se confrontam com a vasta e diversa gama de povos originários do continente, denominados genericamente de indígenas. (GONÇALVES, 2016, p. 400).

Por este viés é possível observar que a América Latina tem emaranhada em sua origem a mistura, o envolvimento que forma um novo, ou seja, a mestiçagem. De acordo com Laplantine e Nouss, (1997), a palavra mestiçagem encontra um empecilho quando se afasta da biologia e tenta adentrar em outras disciplinas como a linguística, antropologia, arte, epistemologia, etc.

A mestiçagem nunca é uma noção apenas biológica. Ela somente existe na relação que estabelece com os discursos proferidos sobre si própria – que oscilam entre o repúdio puro e simples e sua reivindicação – e face aos valores hegemônicos dominantes de identidade, estabilidade e anterioridade. (LAPLANTINE; NOUSS, 1997, p. 8).

O Brasil acredita-se²⁵ que tenha sido descoberto no ano de 1500 por Pedro Álvares Cabral, em uma expedição marítima portuguesa, está mergulhado neste processo originário, composto pelo traço mestiço, pois faz parte de um dos vinte países que constituem a América Latina e hoje, é dividido em vinte seis estados sendo um deles o Mato Grosso do Sul. Mas nem sempre foi assim.

Antes o MS (Mato Grosso do Sul) era MT (Mato Grosso). O estado do Mato Grosso, na época, era grande em sua territorialidade e sofreu intensamente com a guerra da Tríplice Aliança, ocorrida nos anos de 1864 a 1870 envolvendo o Brasil e os países aliados (Argentina e Uruguai) contra o país vizinho, o Paraguai.

Mato Grosso, na época do Brasil colônia, ainda não era uma capitania independente, como afirma Lobato et al (2010), a capitania de Mato Grosso, concebeu-se em meio a discussão sobre as linhas limítrofes da região, dessa forma foi pelo estabelecimento de uma segurança, em virtude da descoberta do ouro em Cuiabá e

²⁵ Afirmar que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil, é algo que fomenta muitas controvérsias históricas. Essa afirmativa é um mito fundacional, ou seja, um mito que tenta explicar a origem de um rito ou de uma cidade, um grupo, uma crença, uma filosofia, uma disciplina, uma ideia ou uma nação.

início das bandeiras²⁶, que carta Régia de 9 de Maio de 1748²⁷, consolidou a capitania em Vila Bela da Santíssima e, que mais tarde, foi transferida para Cuiabá, o que desagradou a população (em virtude da insalubridade), e as tropas e nobreza do clero.

Percebe-se que historicamente, os limites territoriais da região do Mato Grosso, se davam de forma bastante conflituosa, em virtude de interesses particulares do Brasil império, capitânias e países vizinhos, pois de acordo com Lobato,

Por volta de 1765 houve um aumento da ameaça na fronteira por parte dos castelhanos no sentido de se apoderarem da zona ribeirinha do Guaporé, incentivados pelo vice-rei do Rio da Prata (atual Paraguai) que era subordinado ao reino da Espanha. Assim, a partir de 1772 os Governos que sucederam a Capitania de Mato Grosso trataram-na com base no *uti possidetis* para consolidar os limites das fronteiras das colônias no oeste, com a posse e a conquista de novos territórios, assegurando o domínio da margem direita do rio Paraguai, sempre reforçando as defesas das pequenas fortificações e povoações existentes nos limites da Capitania. (LOBATO et al, 2010, p. 6).

Uma disputa por linhas fronteiriças mais alargadas formou o que hoje é conhecido como estado de Mato Grosso e estado de Mato Grosso do Sul.

(...) os presidentes da província sempre se preocuparam com a segurança e reforçavam as guarnições nas fronteiras. Mas é neste momento que explode a guerra do Paraguai (1864- 1870), quando o Paraguai prende o Brasileiro Marques de Olinda e invade o sul do Mato Grosso. A falta de conhecimento da região, o relevo acidentado, e o relevo alagado do pantanal dificultaram a guerra. Apesar disso o Brasil ganhou a guerra configurando de vez o território da província do Mato Grosso. (LOBATO, et al, 2010, p. 6).

Foi uma guerra, com intuits políticos que se iniciou pela disputa do acesso ao mar, por objetivos mercantilistas e econômicos que este acesso poderia proporcionar. Porém, cabe aqui apenas mostrar que os limites territoriais instaurados no pós-guerra, fazem parte da constituição territorial do então estado do Mato Grosso, que mais tarde dividiu-se²⁸ formando o Mato Grosso do Sul.

No Pós-Guerra a economia da província ficou um pouco debilitada, e com a abolição da escravatura, pela princesa Isabel, houve uma crise

²⁶ Os bandeirantes eram sertanistas que desbravaram as paisagens naturais brasileiras em busca de riquezas minerais como ouro e prata. A maioria das representações sobre estas figuras são conhecidas do imaginário popular, em especial dos habitantes do estado de São Paulo.

²⁷ Documento que criou a capitania de Mato Grosso e separou-a da capitania de São Paulo.

²⁸ Em 11 de Outubro de 1977, o Presidente-General Ernesto Geisel assinou um documento decretando a emancipação político-administrativa do até então Estado de Mato Grosso. A divisão ocorreu em virtude de questões sócio-econômicas, políticas e culturais.

aguda na economia, pois era basicamente da lavoura e do pastoreio, com mão de obra basicamente escrava, que a produção era sustentada. Assim, no fim do século XIX para início do século XX, buscou-se estruturar as cidades e recuperar a economia com a introdução de novas atividades como a produção de borracha e a produção de erva mate. Já no período republicano nota-se que entre as principais atividades econômicas que se desenvolveram no agora Estado do Mato Grosso, no início do século XX, estavam à produção de borracha e a poaia na região norte do Estado, além da presença de usinas de açúcar em sua parte central, enquanto na parte sul do Estado predominou a criação de gado e do cultivo da erva-mate. (LOBATO, et al, 2010, p. 7).

Este período do pós-guerra foi de grandes mudanças e novas estruturas para o estado do Mato Grosso e também de alguns conflitos internos que desembocaram na divisão do estado, fundando assim o Mato Grosso do Sul.

Nota-se que é neste período que irão surgir os fatores a favor da divisão do Estado. Os fatores que alegados para a divisão do Mato Grosso foram: a diversidade e extensão territorial que dificultava o desenvolvimento do Estado de forma igualitária e, também, o jogo político existente para uma proposta de divisão estadual, este segundo pôde ser observado durante a Revolta Constitucionalista que durou 90 dias e proporcionou à parte sul criar e instalar um governo próprio, e no fim da década de 1970 e início da década de 1980 o presidente Ernesto Geisel assinou a Lei Complementar nº 31 dividindo Mato Grosso e criando o Estado de Mato Grosso do Sul. A data virou marco de independência da Região Sul em relação à capital Cuiabá. Observa-se que a divisão do Mato Grosso em dois Estados ocorreu por meio de um processo demorado, em que foram levados em consideração aspectos socioeconômicos, políticos e culturais. Enquanto o Sul do Estado tentava a divisão, o norte endurecia e barrava as intenções sulistas. O processo de ocupação e consolidação territorial tanto da parte norte quanto do sul evidenciou diferenças e semelhanças que serviram de justificativa para a divisão estadual. (LOBATO, et al, 2010, p. 8).

Neste cenário se deu a constituição territorial do estado do Mato Grosso do Sul, e também uma identidade inédita passa se formar a partir desse processo. Espaços e sujeitos fundados a partir de divisões, cisões estas que puderam dar origem a um novo povo, uma cultura singular, um insólito lugar, carregado de história, pertencente ao processo, com marcas originárias, mas conteúdo próprio, ou seja, mestiço. Assim se produziu o sujeito Sul-Mato-Grossense.

2.2- As desimportâncias da vida propositada

“Eu não caminho para o fim, eu caminho para as origens” (BARROS, 2006, p. s/n).²⁹ Assim designa Manoel de Barros, seu caminho. Um percurso repleto de versos despropositados que passeiam a beira do rio. Uma história de cantos e encantos, que não possui uma cronologia sincrônica, mas sim marcas desimportantes dos momentos de vida de forma atemporal.

Falar sobre o poeta exige um mergulho e um cuidado, porque discorrer sobre ele é justamente não dizer quem ele é: nesse sentido, trata-se de uma “desbiografia”, visto que só tangencio sua vida; ela é sempre inapreensível. Barros é inapreensível como o inconsciente, como as imagens e as emoções. Ele vai se revelando onde justamente nos escapa, na condição de leitores que somos. (MACHADO, 2016, p. 41).

Na tangencia da vida de Manoel de Barros, é possível ver nas entrelinhas, algumas características de sua subjetividade que tem um lugar de origem bastante singular, o pantanal.

A desbiografia do poeta inclui o paradoxo sempre presente do ser e do não ser, do acontecer e do abandonar, das belezas e das tragédias que envolvem a vida humana, somado aos avessos, aos reveses e ao que está ao contrário. Na psicanálise e no inconsciente existe uma habitação de imagens, silêncios e contradições e todos eles produzem os desencontros que nos impulsionam a buscar imprecisamente quem somos. Nossa vida e nossa escrita, nesse sentido, não devem ser lineares, pois, se assim o fossem, não produziriam as ressonâncias de que precisamos para “arreesarmos” (MACHADO, 2016, p. 41).

Manoel de Barros, foi um poeta que deu vida a letra através da natureza, faleceu em carne no dia 13 de Novembro de 2014, por falência múltipla de órgãos, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, aos 97 anos de idade, mas permanece vivo através dos efeitos de sua poesia.

O próprio poeta (des)escreveu o tempo dizendo ao jornalista Bosco Martins:

O Tempo só anda de ida. A gente nasce, cresce, envelhece e morre. Pra não morrer, é só amarrar o Tempo no Poste. Eis a ciência da poesia: amarrar o Tempo no Poste! O dia que a gente estiver com tédio de viver é só desamarrar o tempo do poste. (BARROS, 2008, p. s/n).³⁰

²⁹ Esta foi uma fala de Manoel de Barros dita em entrevista ao jornalista Bosco Martins, intitulada Manoel de Barros e a Infância da língua, publicada na Revista Metrópole, n°89, Dez 2006- revista desativada atualmente.

³⁰ Entrevista concedida por Manoel de Barros ao jornalista Bosco Martins, publicada na Revista Caros Amigos, n°117, 2008- revista desativada atualmente.

Manoel de Barros desamarrou o tempo do poste, seus órgãos faleceram, mas suas palavras para sempre voarão entre as folhas das árvores.

Quando tinha um ano de idade a família de Manoel de Barros, mudou-se para Corumbá-MS, para fundar uma fazenda no pantanal. Neste meio natural, o menino Manoel cresceu em comunhão com as coisas, como ele mesmo descreve:

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores. (BARROS, 2015, p.15).

Aos 8 anos de idade, saiu de Corumbá, cidade onde viveu sua infância na fazenda com sua família e mudou-se para Campo Grande, indo morar em um internato e depois no Rio de Janeiro. Aos 13 anos de idade a poesia já era presente em sua vida, mas seu primeiro livro foi escrito apenas aos 18 anos.³¹

Sobre a adolescência, Manoel rabiscou:

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas. Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito. Eu pensava que fosse um sujeito escaleno. Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o Padre me disse. Ele fez um limpamento em meus receios. O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nada... E se ri. Você não é de bugre? – ele continuou. Que sim, eu respondi. Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas - Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os araticuns maduros. Há que apenas

³¹ Este livro não teve publicação, pois houve uma questão com a polícia quando Manoel de Barros pichou uma estátua escrevendo: "Viva o comunismo". Morava em uma pensão onde a polícia foi procura-lo e a dona da pensão pediu para não o levarem, pois ele havia até escrito um livro. O policial não levou Manoel de Barros, mas a brochura sim. O exemplar que deu ao poeta a liberdade tinha o título de "Nossa senhora de minha escuridão".

saber errar bem o seu idioma. Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de gramática. (BARROS, 1993, 24).

No Rio de Janeiro, completou seus estudos, formando-se bacharel em Direito no ano de 1941. Depois de 10 anos de internato, conheceu pessoas engajadas na política e entrou para a juventude comunista, mas rompeu com o partido quando Luiz Carlos Prestes³², após ter saído da prisão, se aliou ao governo Getúlio Vargas, o mesmo que havia entregue sua mulher, Olga Benário, aos nazistas. Viajou por um período pela Bolívia e Peru, estabelecendo-se por um ano em Nova York, onde teve contato com as artes modernas. Quando voltou ao Brasil, foi para o Rio de Janeiro e conheceu Stella com quem teve três filhos e sete netos. Na década de 1960 retornou para seu lugar de origem, o pantanal, passando a morar em Campo Grande-MS.

Manoel Wenceslau Leite de Barros, filho de João Wenceslau Barros e Alice Pompeu Leite de Barros, nasceu no Beco da Marinha, às margens do Rio Cuiabá, em Cuiabá-Mato Grosso, no dia 19 de dezembro de 1916. Viveu por um tempo neste lugar inicial e ao completar um ano de idade foi com sua família vivenciar a natureza que envolvia a fazenda que passaram a cultivar. Um menino simples, que aprendeu a brincar com as palavras, e na ludicidade do efeito da letra, permanece.

Venho de um Cuiabá de garimpos e de ruelas entortadas. Meu pai teve uma venda no Beco da Marinha, onde nasci. Me criei no Pantanal de Corumbá entre bichos do chão, aves, pessoas humildes, árvores e rios. Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar entre pedras e lagartos. Já publiquei 10 livros de poesia: ao publicá-los me sinto meio desonrado e fujo para o Pantanal onde sou abençoado a garças. Me procurei a vida inteira e não me achei — pelo que fui salvo. Não estou na sarjeta porque herdei uma fazenda de gado. Os bois me recriam. Agora eu sou tão ocase! Estou na categoria de sofrer da moral porque só faço coisas inúteis. No meu morrer tem uma dor de árvore. (BARROS, 1993, p. 107).

Manoel de Barros criou, recriou e representou sua história através de sua poesia. “O homem, ao contar sua vida, acaba por reproduzir uma “mitistória”, talvez com mais verdade do que sua história real. Dessa forma, a autobiografia não é uma simples lembrança do passado, mas uma recriação dos acontecimentos vistos” (BÉDA, 2007, p.32).

Assim é o poeta, assim é a poesia!

³² Foi um militar e político, líder do Partido Comunista Brasileiro (PCB), uma das figuras da América Latina mais perseguidas do século XX.

2.3- A (des)construção da identidade

A identidade é um paradoxo que vem passando ao longo do tempo por inúmeras construções e desconstruções em seu conceito nas várias ciências que se encorajam a falar dela. Mas o que se vê em comum nestes estudos é o fato de que nenhuma delas concorda com a ideia de uma identidade unicamente pura, “(...) está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais, de uma forma ou de outra, criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada” (HALL, 2014, p. 103).

Para tentar compreender melhor este paradoxo é preciso apreender que na (des)construção da identidade está contida a singularidade, e a diferenciação destes dois conceitos que se relacionam, mas que são tão frequentemente confundidos, se faz necessária para poder perceber como se dá o processo identitário do sujeito.

(...) subjetividade sugere a compreensão que temos do nosso eu³³. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre “quem nós somos”. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado a experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. (WOODWARD, 2014, p. 55- 56).

Dessa forma, identidade e subjetividade entendem-se por conceitos diferentes, porém alinhados. “O conceito de subjetividade permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade” (WOODWARD, 2014, p.56).

Assim pode-se compreender que a identidade se dá por meio de trocas, um interno-subjetivo que se alinhava aos efeitos externos e constrói assim o novo, a identidade de um sujeito. “A identidade marca o encontro de nosso passado com as

³³ Cabe ressaltar que WOODWARD é uma teórica dos estudos sociais, e nesta citação utiliza o termo “eu” falando do lugar que ocupa. Em psicanálise o “eu” e o “sujeito” são termos distintos, e essa é uma diferença que levaria a um intenso aprofundamento teórico em psicanálise (o que não é o caso, pois esta é uma pesquisa semiótica), por isso apenas será citada nesta nota a fim de evitar confusão teórica entre a psicanálise os estudos sociais. Então para tentar explicar, ainda que de forma superficial, pode-se dizer que, em psicanálise, o “eu” é uma construção imaginária que antecede a entrada do simbólico, simbólico este que funda o sujeito enquanto sujeito do inconsciente, ou seja, da linguagem. Assim só pode-se dizer que existe sujeito a partir da amarração do nó real, simbólico e imaginário, ou seja, antes dessa amarração ocorrer não se pode dizer que existe o sujeito barrado (pela entrada do simbólico), mas sim um “eu” que começa sua constituição através das identificações, mas que só vai se constituir enquanto sujeito, na amarração com o simbólico. Ver citação (JORGE, 2011, p.45) mais à frente.

relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora” (RUTHERFORD, 1990, p. 19, *apud* WOODWARD, 2014, p.19).

Quando se pensa em alinhar as questões internas e externas referentes ao sujeito para o entendimento da identidade, a psicanálise, enquanto teoria que estuda o sujeito pode fornecer um rico aporte teórico, mostrando novas concepções do movimento identitário a partir desse recamo que a cada ponto forma uma nova figura.

De acordo com Hall (2014), um pensamento novo da identidade é o da psicanálise, na qual a identidade jamais é a mesma durante todo o processo e não fica imune a alterações e ou recôndita no interior de outras identidades. “(...) as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2006, p.7)

Como afirma Hall, a concepção psicanalítica,

(...) aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2014, p. 108).

Ainda de acordo com Hall, as discussões sobre a identidade devem ser conectadas aos,

processos de migração forçada (ou “livre”) que tem se tornado um fenômeno global do assim chamado mundo pós-colonial. As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios. (HALL, 2014, p. 109)

O sujeito, sua subjetividade, sua identidade são assim, produzidos pelas vias da linguagem. É a linguagem que possibilita o humano, ser humano. Nesse movimento da linguagem, que é um nó que se faz a três, é que se constitui o psiquismo. A subjetividade vai tomando forma nessa dinâmica, mergulhada em um campo externo a ela, o campo do Outro-cultura, produzindo assim laços identificatórios.

Neste ponto faz importante mencionar alguns pontos que diferenciam o conceito de identidade e identificação em psicanálise, que foi mencionado em nota de rodapé no primeiro capítulo. Lacan estabelece o conceito de identificação no seminário XI,

(...) a partir de uma crítica precisa ao conceito de “sujeito” ancorando-se no “idêntico a si”, sustentada pela fórmula $A=A$. Sobre a roda que faz girar a crítica de Lacan à referida fórmula, é essencial colocarmos em relevo o seguinte: a finalidade de Lacan (2003) é traçar a passagem de uma concepção de sujeito concebido como “idêntico a si mesmo” ($A = A$), tão difundido e bem demarcado na história da Filosofia, para outra concepção de sujeito e identidade suportada nas identificações significantes, percurso que podemos denominar da identidade à identificação significativa. (STARNINO, 2016, p. 235)

A fórmula $A=A$ que diz dos pressupostos do idêntico a si mesmo, é criticada por Lacan, pois se referem a conceitos filosóficos da identidade como no cogito de Descartes “penso logo sou”, onde a identidade seria una, ou seja, nesse entendimento haveriam para Lacan impasses na questão da identidade do sujeito ancorado no idêntico, algo semelhante a psicologia do eu.

Vale lembrar que antes mesmo de Descartes é possível perceber a identidade se ancorando no idêntico a si mesmo: a partir das ideias teocráticas medievais, a identidade do eu se ancora na alma eterna, independente do corpo, este que, por sua vez, é considerado por essas perspectivas como sendo inferior, perecível, mortal. Desta forma, a identidade em certas tradições filosóficas aparecia na perspectiva do que seria igual a si mesmo. (PEREZ. 2016, p. 26).

Kant, ao pensar a questão da racionalidade humana, traz um ponto semelhante a Descartes. “O escopo kantiano do homem racional, em que nada ou ninguém poderia interpor-se entre ele e a lei moral que o habita, nos ilustra muito bem, também, essa prerrogativa de autonomia”. (PEREZ. 2016, p. 26).

Lacan, no seminário sobre a identidade e identificação deixa claro o contraponto que a psicanálise faz aos conceitos filosóficos sobre a identidade, onde a identificação está ligada a processos mentais internos e evidencia que o processo identificatório é construído na relação com o Outro, ou seja, o vetor da identidade e identificação é o Outro que em Lacan aparece como significante (termo lacaneano que se refere ao signo peirceano) e a identificação se dá por meio do significante. Segundo Lacan ocorre:

(...) uma relação primordial de alienação a um Outro que destina sua identidade: alienação à cadeia significativa, ao Outro, ao desejo do Outro. Na medida em que o Outro é imperiosamente o horizonte da identificação e constituinte daquilo que se denomina identidade do sujeito, a ideia do “idêntico a si mesmo” torna-se insuficiente em acolher o problema identitário (LACAN. 2003, p. 50-60).

Assim, percebe-se que na relação dual $A=A$, a identidade é vista como unificada, “idêntico a si mesmo”, mas com a entrada do simbólico que é o campo do Outro (cultura), há uma virada de chave na conceituação da identidade que passa a ser melhor entendida por Lacan com o termo identificação³⁴.

A identidade, tal como o sujeito, nada tem de idêntica a si, tampouco está sintetizada no Eu. É através do suporte significante que a identidade de um sujeito aparece. Quer dizer, o estatuto da identidade do sujeito está circunscrito às suas identificações significantes. Uma identificação significativa é exatamente o fenômeno no qual um sujeito adquire, sustenta, e assume para si um traço que a princípio era do Outro: ampliando assim o que lhe é próprio. É importante frisar que em vez da identificação se pontuar e se prender à imagem completa do outro, ela se dá a partir de traços precisos: a tosse de Dora, por exemplo. Evidentemente que esses traços, esses significantes adquiridos, passam a ter sentido ao serem articulados, e tornam-se o horizonte no qual o sujeito se faz e organiza sua identidade. Isto é a identificação significativa propriamente dita. Em outras palavras, as identificações significantes espelham a identidade de um sujeito através de sua narrativa. O que Lacan (2003) procurou incessantemente demonstrar com o termo identificação significativa é que há uma relação de comum-pertencer (*Zusammengehören*) – uma verdadeira relação de reciprocidade – entre a identidade de um sujeito e suas identificações significantes. É bastante precisa, neste sentido, a afirmação de Lacan (1999, p. 266) de que “o cogito cartesiano não é experimentado na consciência de cada um de nós, como um penso, logo existo, mas como um sou como penso”. (STARNINO, 2016, p. 237).

Dessa maneira é possível constatar que a constituição da identidade do sujeito se concebe a partir de questões internas ao sujeito e que faz laços com algo do externo, a cultura/Outro.

Em nossa primeira apreensão de nossas experiências, não podemos escolher como vamos dispor nossas ideias com referência ao tempo e ao espaço, mas somos compelidos a pensar certas coisas como estando mais próximas entre si do que outras. Dizer que somos compelidos a pensar certas coisas juntas porque elas estão juntas no tempo e no espaço seria colocar o carro na frente dos bois; o modo correto de enunciá-lo é dizer que existe uma compulsão exterior sobre nós levando-nos a juntá-las em nossa construção do tempo e do espaço, em nossa perspectiva. (PEIRCE, 2005, p. 16).

³⁴ Como já mencionado, este é um termo psicanalítico de bastante profundidade e que não cabe ser esmiuçado neste trabalho.

Quando se diz que a identidade³⁵ se constitui de um movimento de linguagem dentro do campo do Outro, que se faz a três, se declara que a identidade é por si só, um processo mestiço. “Pretendo recolocar no presente, o fato de que nós somos mestiços, três substâncias heterogêneas: o corpo na sua materialidade, a superfície da pele e a fala. Esses três arquivos que Lacan nomeou de Real, Simbólico e Imaginário.” (WEILL, 2015, 14-15min).

A linguagem é o cerne do movimento constitucional do sujeito, e funciona numa tríade, tanto no olhar da semiótica, quanto pelo viés da psicanálise. Na semiótica, a tríade se faz pela ideia de primeiro, segundo e terceiro, como afirma Peirce:

Descobrimos que as ideias de primeiro, segundo e terceiro são ingredientes constantes de nosso conhecimento. Portanto, isso se deve ao fato de nos serem elas dadas continuamente pelas colocações do sentido ou ao fato de que faz parte da natureza peculiar da mente combiná-las com nossos pensamentos. Ora, certamente não podemos pensar que estas ideias nos são dadas pelos sentidos. Primeiro, segundo e terceiro, não são sensações. Só podem apresentar-se nos sentidos através de coisas que surgem rotuladas de primeiras, segundas e terceiras, e as coisas geralmente não trazem estes rótulos. Portanto, devem ter uma origem psicológica. (PEIRCE, 2005, p. 13).

A tríade na psicanálise se dá pelas instancias do real, simbólico e imaginário, como afirma Jorge:

O real é o que ex-siste (o que está fora) à consistência do imaginário. Pois se o real é, por definição, aquilo que é *impossível de ser simbolizado*- isto é, o *não-senso* radical, o que não tem nenhum sentido -, o imaginário é o oposto do real, ele é da ordem do sentido. Há, apontadas em Freud, várias formas de se nomear o real: o registro do real surge nas vivências cujo teor excede a capacidade de representação psíquica; o real é por excelência o trauma, isto é, aquilo que não pode de modo algum ser assimilado pelo sujeito em suas representações simbólico-imaginárias; ele é o limite da simbolização. Já o simbólico é o campo da linguagem através do qual o sujeito faz face, por um lado, ao real traumático, e, por outro, reconstitui incessantemente seu imaginário que está continuamente submetido a invasão do real. (JORGE, 2011, p. 83).

Dessa maneira, não é possível conceber um sujeito uno, se há uma constituição a partir de uma tríade, o sujeito é um misto de três, desde sempre, é mestiço por natureza.

Nessa tríade que faz com que sejamos seres mestiços, nos vemos em desequilíbrio vivo. Nós temos dois pés para andar, mas nós somos três. Para sustentar esses três é necessário uma operação psíquica

³⁵ Apesar de Lacan fazer uma distinção entre identidade e identificação ao longo do seminário 9, aqui os termos serão usados de forma semelhante, pois é o termo identidade que encontramos em semiótica e nas ciências transdisciplinares as quais foram base para este trabalho.

particular, que nós poderíamos chamar de recalque originário e que Lacan passou boa parte de sua vida tentando mostrá-lo por meio da topologia. (WEILL, 2015, 30-31 min).

Aqui, abre-se a porta de um enigma primeiro da humanidade, aquilo que estrutura o tripé da mente humana, o recalque originário. Na origem do sujeito, de acordo com a psicanálise, está o recalque. O recalque é o mecanismo que operou na evolução da espécie, com o advento da postura ereta e fez a diferenciação do homem com o animal. É isso que dá a Freud, ao longo de seus 30 anos de estudo, aproximadamente, suporte para dizer que o que está em jogo no humano, é a sexualidade. Uma sexualidade que antes era instintual e que a partir do recalque, passa a ser pulsional³⁶, ou seja, mediada pela linguagem. Lacan em seu retorno a Freud, traz isso com ênfase, nas palavras de Jorge, “o processo simbólico é inoperante no mundo animal” (JORGE, 2011, p. 13).

Há, em primeiro lugar, o invólucro da pele, dentro do qual se aninha um aparato físico-fisiológico, uma espécie de caixa semifechada de carne, sangue, ossos, músculos, nervos, órgãos. Esse é o real do corpo, o corpo que o humano compartilha com o animal, um corpo que sofre as vicissitudes do tempo, sobrevive, sente dor, adocece, envelhece, morre. É o corpo de que os médicos e veterinários cuidam. Mas, quando se trata do ser humano, não somos um animal *tout court*. Enquanto o animal tem necessidades e as satisfaz através do alimento e do sexo reprodutor, o corpo humano, nos diz a psicanálise, é um corpo pulsional, ao mesmo tempo que é um corpo imaginário é também um corpo simbólico. As complicações psíquicas que advêm disso não podem ser minimizadas. (SANTAELLA, 2004. p.141).

A partir desse momento, dessa virada de chave na evolução da espécie, a comunicação e as relações entre um e outro passam a funcionar mediante o mecanismo da pulsão, ou seja, a linguagem aparece como elemento primordial da espécie humana. “não há nenhuma chance de dispormos da chave o acidente de percurso que fez com que o sexo acabasse constituindo uma doença, aquela pela qual ele se reproduz.” (LACAN, 1975 *apud* JORGE 2011, p. 13).

Uma vez que se tratava de dar relevo ao lugar central ocupado pela fala e pela linguagem na experiência psicanalítica, fato fundamental que havia sido completamente esquecido pelos analistas pós-freudianos, foi necessário para Lacan estabelecer que *o mundo humano é o mundo da linguagem*, que não há nada aquém ou além da linguagem. (JORGE, 2011, p. 13).

³⁶ A Pulsão é um efeito da linguagem que está presente sobre o sujeito mesmo antes de sua constituição enquanto tal.

Essa evolução trouxe ao humano mutações magníficas e também trágicas. Com a transformação do instinto em pulsão e a conseqüente mudança dos objetivos sexuais (os animais instintuais têm apenas como meta a procriação e saciamento da fome, o homem, para além disso, deseja relações), o humano passa a compreender que vive em uma civilização.

As transformações impostas á espécie humana na decorrência da aquisição da postura ereta foram tantas e tão profundas, no que diz respeito a sexualidade, que um elemento absolutamente novo se instaurou de modo preponderante: *o olhar passou a ter uma primazia radical na função das trocas sexuais*. O advento do modelo pulsional, com sua inédita especificidade, foi decalcado, como vimos, dessa função precípua da visão, o que faz com que se possa afirmar que esse modelo pulsional do funcionamento sexual encontra sua matriz no escópico; ou, dito de outro modo, a pulsão é, em sua essencialidade, pulsão escópica. Temos na teoria psicanalítica essa função precípua da visão bastante bem delineada, não obstante ela não tenha sido até hoje relevada, como tentamos fazê-lo, de acordo com a importância que deve ser atribuída aos efeitos do recalque orgânico na evolução da espécie. Contudo, duas grandes concepções teóricas maximizam sua potência articulatória, quando são compreendidas à luz dessas considerações: a teoria do narcisismo, em Freud, e o estágio do espelho, em Lacan. (JORGE, 2011, p. 44).

O estágio do espelho é um momento fundamental a constituição do Eu, a função do olhar convoca o humano a se mobilizar diante do olhar do outro, a se relacionar para além da simples procriação.

A fase do espelho de Lacan representa a primeira compreensão da subjetividade: é quando a criança se torna consciente da mãe como um objeto distinto de si mesma. De acordo com Lacan, o primeiro encontro com o processo de construção de um 'eu' por meio da visão do reflexo de um eu corporificado, de um eu que tem fronteiras, prepara, assim, a cena para todas as identificações futuras. O infante chega a algum sentimento do 'eu' apenas quando encontra o 'eu' refletido por algo fora de si próprio, pelo outro: a partir do lugar do 'outro'. (WOODWARD, 2014, p. 64).

A vivência que tem o bebê, no momento do estágio do espelho, é a de completude de uma totalidade corporal. O bebê vê uma imagem refletida no espelho e tem a confirmação do outro de que aquela imagem é a sua, é o primeiro momento em que ele passa a perceber seu corpo como próprio e não mais um corpo espedaçado. Porém é necessário salientar que este não é o momento que se faz a divisão psíquica e a terminação da constituição do sujeito, simplesmente porque existe uma diferença entre eu e sujeito.

Considerando o eu como a sede do “desconhecimento crônico” do desejo do sujeito, Lacan empenhou-se desde o início de seu seminário em estabelecer a distinção entre o eu e o sujeito, a qual, na falta de ser feita, levou a psicanálise a ser confundida gradualmente com uma psicologia do eu. Tal distinção só foi possível por meio de outra distinção, aquela entre o imaginário e o simbólico: se o eu é da ordem do imaginário e do sentido, o sujeito é partido entre os significantes do simbólico. Isso equivale a dizer que a unidade obtida no eu não o é jamais no nível do sujeito, pois este é sempre dividido, conflitivo, impossível de se identificar de modo absoluto. (JORGE, 2011, p.45).

É no campo do simbólico, após o estágio do espelho que tudo acontece. Com a entrada do simbólico, do terceiro, na relação dual onde dois fazem um, vista no imaginário, a criança passa a compreender seu lugar diante de algo que é externo, sua relação com o Outro (Outro com O maiúsculo, pois se trata do Outro representado pelo campo do simbólico, o Outro-Cultura, diferente do outro imaginário). “A ordem simbólica apresenta uma relação de exterioridade em relação ao sujeito” (JORGE, 2011, p. 64).

Dessa forma, entende-se que é a partir da mediação do simbólico que o sujeito é convocado pelo Outro a fazer parte de um lugar, de uma relação a três (real, simbólico e imaginária), ou seja, a entender-se dentro do campo da cultura. Para que o sujeito possa se compreender na cultura é necessária a ação dos signos/significantes, ou seja, da linguagem.

Como afirma Ivanov (1997 *apud* Machado 2003), o signo é o meio pelo qual o sujeito se comunica desde seus primeiros momentos de vida e são também, muitas vezes conduzidos por eles, ou seja, pelos códigos culturais. “Nos encontramos imersos em um espaço de uma língua e uma língua é sempre ‘código mais história’.” (LÓTMAN 1999 *apud* ÀRAN 2007, p. 146).

Os códigos culturais são essenciais para o desenvolvimento da cultura, pois são geradores de linguagem. Os códigos culturais são “estruturas de grande complexidade que reconhecem, armazenam e processam informações com um duplo objetivo: regular e controlar as manifestações da vida do *bio*, do *socius*, do *semeion*.” (MACHADO, 2003, p. 156).

Assim, o sujeito quando mediado pelo campo do simbólico, passa a internalizar os discursos desse lugar externo, do campo Outro, que é o campo da cultura. Esse processo é o que vai fazendo com que o sujeito possa ir constituindo características de sua identidade.

A cultura pensada como um lugar no qual se integra a informação que se recebe do exterior- informação nova- com a que estava armazenada. Esta informação permite à cultura reconhecer e dar sentido ao novo ou reinterpretar o velho. A memória, portanto, não só retém ou evoca, senão que mediante uma série de operações pode esquecer o passado, redistribuir os “fatos que devem ser recordados” e criar novos conteúdos. (ÁRAN, 2007, p. 152).

Na cultura, espaço semiótico ou semiosfera (conceito definido por Lótman) nada se constitui sozinho, um ser para viver sempre precisa do outro. “Nem um signo, um organismo, um texto ou uma cultura podem existir isoladamente; que um sempre requer um outro signo, outros organismos, textos, culturas para existir, para viver” (KULL, 2007, p.71).

Dessa forma, é possível compreender que a cultura não está ligada a tradições fixas, heranças imutáveis, mas sim a ressignificações constantes e por isso é uma mistura. “Uma importante metáfora para a compreensão da cultura, menos biológica do que a da vida, é a metáfora da mistura. Se a mistura é o espírito, como dizia Paul Valéry, e a cultura é a morada do espírito, então cultura é mistura” (SANTAELLA, 2003, p. 30).

Aos significados herdados, logo se juntaram tantos outros que, antes da última década do século XVIII, a proliferação dos seus sentidos levou o filósofo alemão J. G. Von Herder a afirmar que nada poderia ser mais indeterminado do que a palavra cultura. Dessa época em diante, os sentidos se estenderam até ao ponto de levar o escritor A. Lawrence Lowell a dizer, em 1934, que nada no mundo é mais elusivo do que a cultura. Uma tentativa de abranger seu significado em palavras é como tentar agarrar o ar com as mãos, quando descobrimos que ele está em tudo exceto no que se pode agarrar. (SANTAELLA, 2003, p. 31).

Então, se a cultura se constrói a cada momento e se ressignifica a cada instante, o sujeito, que só se constitui no campo da cultura-Outro, não há como ser diferente, também se ressignifica a cada mistura, por isso pode-se entender a identidade do sujeito como uma identidade mestiça, que a partir da mistura constrói suas significações e ressignificações a cada instante.

(...) as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado ‘positivo’ de qualquer termo – e, assim, sua ‘identidade’ – pode ser construído. (DERRIDA, 1981; LACLAU,1990; BUTLER,1993 *apud* HALL, 2014, p. 110)

Manoel de Barros, foi um sujeito que viveu, cresceu e se desenvolveu, até seu último dia de carne viva, nesse emaranhado cultural da linguagem sul-mato-grossense, constituiu o nó trídicos e assim, os traços de sua identidade se (des)construíram por meio da mistura, com os pássaros, as árvores, o rio, os animais, o vento... a partir dessas (des)construções, fez da linguagem um meio de ser. É aí que se dá o nó da representação da mestiçagem sul-mato-grossense, o fato do sujeito construir aspectos de sua identidade como uma (des)construção e vesti-la como sendo traços que marcam a identidade de sua linguagem. Nas palavras de Manoel de Barros no poema *Aprendimentos* Manoel diz:

O filósofo Kierkegaard me ensinou que cultura é o caminho que o homem percorre para se conhecer. Sócrates fez o seu caminho de cultura e ao fim falou que só sabia que não sabia nada. Não tinha as certezas científicas. Mas que aprendera coisas di-menor com a natureza. Aprendeu que as folhas das árvores servem para nos ensinar a cair sem alardes. (BARROS, 2018, p. 48-49)

CAPÍTULO III

O BORDADO DE PERALTAGENS DESPROPOSITADAS

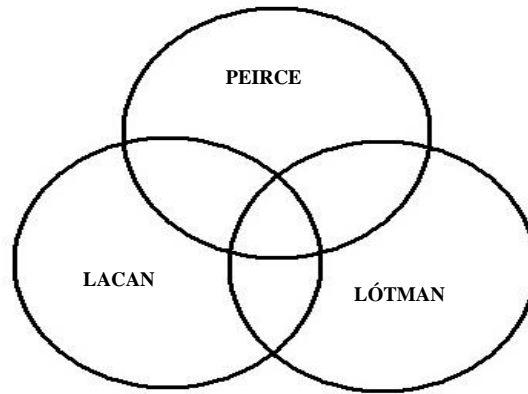
“Mas aconteceu que o pequeno príncipe, tendo andado muito tempo pelas areias, pelas rochas e pela neve, descobriu enfim uma estrada. E as estradas vão todas em direção aos homens.”

Saint-Exupéry

As torções que o sujeito faz com a cultura se produzem a partir de laços. Desde que o mundo é mundo e o homem é homem a natureza humana se fez impossível de se construir sozinha, há que haver um Outro para que evolução aconteça. Isso implica dizer, que nada é plenamente puro, pois para que a concepção da primeira célula de um corpo se produza é necessário, ao menos duas coisas, um óvulo e um espermatozoide, ou seja, uma mistura.

A mistura é um facto que nada tem de circunstancial, de contingente, de acidental. A condição humana (a linguagem, a história, o ser no mundo) é encontro, nascimento de algo diferente que não estava contido nos termos em presença. Não é, pois, necessário reivindicar a miscigenação, fazer a defesa da mestiçagem como se estivéssemos confrontados com uma alternativa, porque ela não é senão o reconhecimento da pluralidade do ser no seu devir. (LAPLANTINE; NOUSS, 1997, p. 71).

O nó intrincado que mistura as teorias de Peirce, Lacan e Lótmán, que é a linguagem, permite compreender melhor a mistura que faz do sujeito, um sujeito.

Fotograma 3³⁷

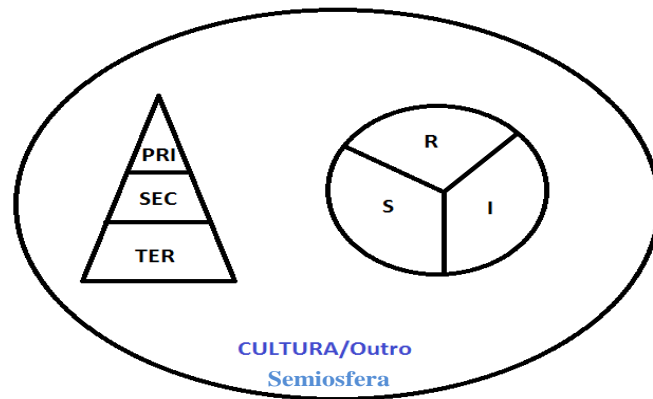
Peirce tinha como um de seus intuitos no desenvolvimento de sua teoria, compreender como se processam os pensamentos na mente humana. Para ele, existem apenas três formas de as experiências aparecerem na mente, “em um texto de 1867 chamado *Sobre uma nova lista de categorias* (CP 3.545-559), Peirce chamou-as de qualidade, relação e representação. Mais tarde, porém, rebatizou-as para primeiridade, secundidade e terceiridade.” (CARDOSO; JUNIOR, 2018, p. 51).

Nessa noção da tríade peirceana, os signos fazem semiose para a evolução do pensamento, e é assim também que funciona a constituição do psiquismo real, simbólico e imaginário em Lacan. “Em R.S.I Lacan afirma que a particularidade desse nó reside no fato de que “três é o seu mínimo” (JORGE; FERREIRA, 2007, p. 30). Os autores afirmam ainda que “é bastante digno de nota que os três registros se definem tendo como referência o simbólico, cuja estrutura é a mesma da linguagem” (JORGE; FERREIRA, 2007, p. 35).

Para que um sistema de signos (significantes em psicanálise) possa existir e se desenvolver na mente humana e constituir o psiquismo a partir desse movimento triádico, é necessário estar inserido e fazendo trocas, semioses, dentro de um determinado espaço, chamado por Lótmán de semiosfera, ou seja, os signos e as semioses, só funcionam e existem dentro da semiosfera. “A semiosfera é o resultado e a condição de desenvolvimento da cultura” (LOTMAN, 1990, p. 125 *apud* CARDOSO; JUNIOR, 2018, p. 53).

³⁷ A figura foi produzida pelo autor do texto, em programa de computador.

Dessa maneira, é possível entender que para que um sujeito possa tornar-se sujeito, pensante, um ser de linguagem na noção de contiguidade e nó, concebidas por Peirce e Lacan, é essencial que este movimento ocorra dentro da semiosfera teorizada por Lótmán, ou seja, na cultura ou no campo do Outro.



Fotograma 4³⁸

Assim, entende-se que o sujeito é mestiço por sua própria natureza, pois se produz a partir de uma tricotomia e a mestiçagem implica o surgimento de algo original. Constitui-se psiquicamente por meio dos laços entre real, simbólico e imaginário como diz Lacan, processando seus pensamentos numa continuidade sígnica de primeiridade, secundidade e terceiridade, como mostra Peirce e tudo isso acontecendo por meio da interação com um espaço, que é a semiosfera, a cultura, ou seja, o sujeito em sua constituição mestiça, enlaçada com a cultura, produz sempre algo novo, diferente do que já existia. “A cultura é linguagem, é a representação ou a fabricação daquilo que não se tem” (DOLTO, 2018, p. 50).

O sujeito é linguagem, a cultura é linguagem, tudo é linguagem. Linguagem para Lótmán é “todo sistema de comunicação que utiliza signos ordenados em particular”. (LÓTMAN, 1978, p. 35).

Desta forma, de acordo com Woodward (2014), para que o sujeito possa saber que tem uma identidade, ele depende de algo fora dela, ou seja, depende de outra identidade diferente da sua. Para saber o que ele é, é preciso ver algo fora que diga o que ele não é. “A identidade é, assim, marcada pela diferença” (WOODWARD, 2014, p. 9).

³⁸ A figura foi produzida pelo autor do texto, em programa de computador.

Esse movimento que marca o sujeito, essa coisa fora que vem, deixa nele um traço e possibilita suas identificações, pode-se ser também entendida como extraposição. De acordo com Machado 2003,

O olhar extraposto é aquele que se projeta como resposta ao rebatimento de um foco procedente de outro lugar na existência mas que esse nunca está sozinho no próprio espaço, a extraposição implica o excedente, aquilo que está fora do campo visual mas que é parte dele se alcançado por outro ponto de vista que lhe seja complementar. (MACHADO, 2003, p. 159).

O extraposto está fora, mas pertence ao sujeito, pois faz parte de sua constituição já que, sem o extraposto não há o que ser traduzido para o interno. Ao conceito de extraposição trata-se de “traduzir aquilo que é extraposto na linguagem interna de um determinado espaço cultural. O contato é, portanto, fundamental para a cultura e a fronteira³⁹ é o filtro que o torna possível.” (MACHADO, 2003, p. 159). Assim como em comparação com a psicanálise, sem o Outro o bebê morre, pois é o discurso desse campo do Outro que traduz para o bebê seu corpo, ser, traços, características, feixes de identidade fazendo dele um sujeito.

Isso fica evidente, quando a psicanálise contribui com sua teorização acerca da constituição do sujeito. De acordo com Zalcberg:

Se não se pode dizer que o bebê vive uma indistinção de corpos é porque ele nem adquiriu uma imagem de seu próprio corpo ainda. Para ele, braços, pernas, cabeça e tronco não tem ligação entre si e não constituem essa unidade chamada “corpo”. Por isso, o bebê brinca com as mãozinhas como se elas fossem elementos externos a ele. (ZALCBERG, 2019, p. 15).

Então, inicialmente, o sujeito em sua constituição, o bebê, ainda não possui uma identidade bem definida, porque não entende seu corpo como uma unidade. O bebê vai, aos poucos, podendo se perceber através do Outro que lhe diz que as partes do corpo que ele vê são dele: mãozinhas, pezinhos, etc, ou em termos semióticos, o extraposto, que é traduzido por meio da fronteira e transforma a informação externa em linguagem interna. É o discurso do Outro que sequencialmente vai produzindo no bebê a percepção de que ele é um sujeito, mas o bebê, nesse processo, vê que suas partes unificadas são

³⁹ O conceito de fronteira não será esmiuçado neste trabalho, mas faz-se importante uma breve conceituação sobre ele para o entendimento do conceito de extraposto. “Fronteira é a zona de liminaridade e espaço de trânsito, de fluidez, de contato entre sistemas semióticos.” (MACHADO 2003, p. 159) “Um conjunto de postos pertencentes simultaneamente ao espaço interior e ao espaço exterior.” (LÓTMAN 1996, p. 24 apud MACHADO, 2003, P. 160) “A fronteira define-se, então, como um mecanismo de semiótica capaz de traduzir as mensagens externas em linguagem interna, transformando a informação (não-texto) em texto.” (MACHADO, 2003, p. 160).

diferentes das daquele que fala sobre seu corpinho. Essa diferenciação entre o eu e Outro, mas produzida pelo discurso do Outro sobre o bebê, marca traços da identidade do sujeito.

A identidade se constrói a partir da dinâmica de tradução da informação do que é extraposto em linguagem interna. “A noção de extraposição ilumina o conceito de fronteira apresentado por Lótmán para exemplificar o conceito de identidade de uma cultura dentro de uma perspectiva sistêmica” (MACHADO, 2003, p. 159). Dessa maneira a identidade forma-se a partir daquilo que difere, do diferente, do corpo fora do que está fora e adquire “sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2014, p. 8). Para que o sentido se dê, é necessário que as trocas aconteçam, com o campo do Outro, o da cultura, “cultura como construção do sentido do fazer humano” (ÁRAN, 2007, p.147). Dessa maneira, “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social” (WOODWARD, 2014, p. 10).

Desse modo, para se pensar a constituição da identidade do sujeito na cultura sul-mato-grossense, é necessário pensar o diferente, a mistura, os laços, a mestiçagem que a compõe e por isso, Manoel de Barros foi escolhido, pois através da leitura de sua obra *Exercício de ser Criança* torna-se possível compreender o que é ser um sujeito sul-mato-grossense.

Que venha o exercício!

3.1- Ser sujeito, um exercício!

Ser sujeito é um exercício, e ser criança um exercício muito maior, pois é o de tentar a todo tempo mostrar que ali existe um ser, um ser de linguagem e de identidade, mesmo que em construção. O exercício, como todo exercício, não se faz uma única vez, é necessário uma sequência, uma continuidade para que seu objetivo seja internalizado, prosseguido e surta efeitos.

Exercitar o ser de linguagem de cada um implica envolver-se nos lençóis da cultura, ou seja, mergulhar e nadar no mar do Outro misturando a massa corporal à água salgada, pois só assim é possível constituir-se enquanto tal. A constituição é mistura!

Manoel de Barros, com o auxílio do bordado de Martha Dumont⁴⁰, bordadeira que ele mesmo escolheu, mostra isso na composição de toda a obra *Exercícios de ser criança*, evidenciando uma mistura de linguagens que é anunciada desde a capa. Percebe-se que essa não é uma capa qualquer, houve nela um trabalho minucioso do bordado da ilustração e rico em detalhes que parecem ter a intenção de proporcionar ao leitor a sensação de pertencer ao contexto, ou melhor, de estar pulando corda sobre o rio. Ilustração que antes de ser fotografia era bordado e antes de ser bordado eram tecidos, linhas e agulhas. Depois do amalgamado transpassar dos fios coloridos nos diversos tipos de tecidos que formaram os graciosos desenhos, passou a ser fotografia, produto computacional para que assim houvesse a junção da imagem com as palavras, e por fim o fotolito⁴¹ gráfico e impressão em papel couchê.⁴²

Essa mistura de linguagens que fica aparente já na capa da obra pode ser vista como uma obra hipermídia a qual se conceitua por uma mistura de multimídia com hipertexto. Na hipermídia entende-se que há uma mistura de linguagens, verbais, sonoras, visuais que compõem o enunciado, assim o hipertexto que está contido na hipermídia compõe (...) “um percurso de leitura que salta de um ponto a outro de mensagens contidas em documentos distintos, mas interconectados. Isso vai compondo uma configuração reticular” (SANTAELLA, 2014, p. 211).

⁴⁰ Martha Dumont é integrante do grupo Matizes Dumont. O grupo é formado por integrantes de uma família de Pirapora-Minas Gerais que há mais de trinta anos utiliza o bordado, feito a mão, como linguagem. São seus integrantes: a mãe-Antônia Zulma Diniz Dumont, o filho- Demóstenes, as filhas- Ângela, Marilu, Martha e Sávía. A arte da família Dumont, ao longo desde tempo, conquistou galerias e grandes exposições nacionais e internacionais, foram centenas de obras produzidas que foram expostas na Bienal de arte de Kaunas 2007 – Lituânia, exposições na embaixada do Brasil na Itália e na França, até exposições mais recentes no Brasil, como *Maria de todos nós*, no Paço imperial-RJ. *E Coração em Paz*, uma releitura dos estudos que Candido Portinari fez para os papéis Guerra e Paz que aconteceu em belo Horizonte (inauguração do cine teatro Brasil), Rio de Janeiro (caixa cultural) e Brasília (Museu Nacional do Conjunto Cultural da República). O bordado surgiu também como linguagem gráfica disponível em forma de livros, com tessituras criadas especialmente para ilustrar a palavra de grandes autores e editoras brasileiras como Jorge Amado, Zizaldo, Thiago de Melo, Rubens Alves, Carlos Rodrigues Brandão, Tetê Catalão, Marina Colasanti, Luciana Diniz e Manoel de Barros. Ganhou duas vezes o prêmio **Jabuti de Ilustração** com *Exercícios de se criança* e *A menina, a gaiola e a bicicleta-céu de passarinho*. Na música ilustrou, com cenas do dia a dia, a musicalidade dos baianos, Dorival Caymmi, com a exposição e publicação do livro *Imagem do som*. Ilustrou em 2007, o álbum “Pirata” de Maria Betânia recebendo o prêmio TIM 2007 de melhor projeto visual. Informações tiradas da página “Matizes Dumont” da internet. Disponível em: <https://www.matizesdumont.com/pages/about-us>.

⁴¹ Fotolito é um filme transparente que serve como matriz para a impressão de qualquer material gráfico. Sua origem está no processo de foto e gravação. É a mídia intermediária entre a finalização (arte final) e o impresso, geralmente em offset.

⁴² O papel couchê é caracterizado pelo brilho e lisura de suas folhas, indicados para impressos em policromia e de alta qualidade. Devido a sua composição, permite cores mais vivas que outros papéis de uso tradicional. São utilizados com muita frequência pelo mercado promocional para impressão de cartões de visita, panfletos, flyers, folders, cartazes, entre outros materiais.

O prefixo hiper, na palavra hipertexto, refere-se à capacidade do texto para armazenar informações que se fragmentam em uma multiplicidade de partes dispostas em uma estrutura reticular. Através das ações associativas e interativas do receptor, essas partes vão se juntando, transmutando-se em versões virtuais que são possíveis devido à estrutura de caráter não sequencial e multidimensional do hipertexto. (SANTAELLA, 2014, p. 211).

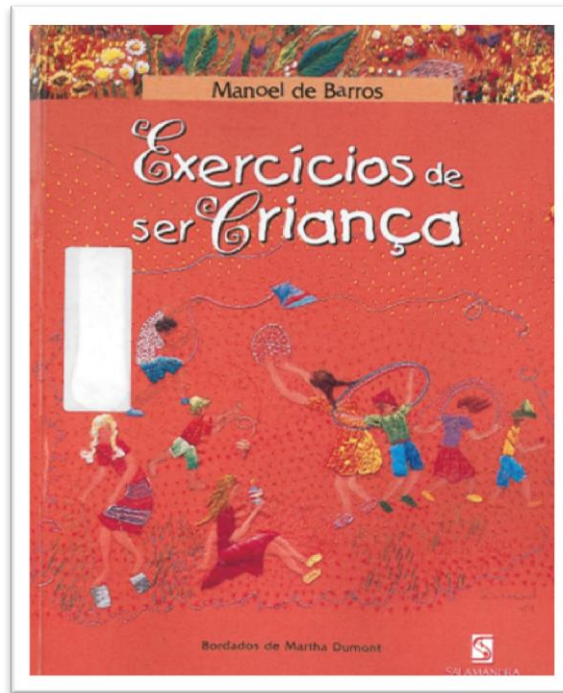
Dessa maneira vê-se que o hipertexto, longe de ser linear, apresenta-se no entrecruzamento de pontos que produzem a hipertextualidade. Como diz Santaella:

O que hipertexto nos apresenta é um texto que, em vez de se estruturar frase a frase linearmente como em um livro impresso, caracteriza-se por nós ou pontos de intersecção que, ao serem clicados, remetem a conexões não lineares, compondo um percurso de leitura que salta de um ponto a outro de mensagens contidas em documentos distintos, mas interconectados. Isso vai compondo uma configuração reticular. (SANTAELLA, 2014, p. 212).

Este sistema do hipertexto que mesmo em seu caráter textual é também interativo continuamente, quando se mescla a multimídia (mistura de processos sígnicos, códigos e mídias), forma a hipermídia.

(...) nós, que remetem a outros documentos, não são mais exclusivamente textuais, mas conduzem a fotos, vídeos, músicas etc. Essa mistura densa e complexa de linguagens, feita de hipersintaxes multimídia -- povoada de símbolos matemáticos, notações, diagramas, figuras, também povoada de vozes, música, sons e ruídos -- inaugura um novo modo de formar e configurar informações, uma espessura de significados que não se restringe à linguagem verbal, mas se constrói por parentescos e contágios de sentidos advindos das múltiplas possibilidades abertas pelo som, pela visualidade e pelo discurso verbal. Isso parece dar guarida à hipótese de que, nas raízes de todas as misturas possíveis de linguagens, encontram-se sempre três matrizes fundamentais: a verbal, a visual e a sonora, em todas as variações que cada uma delas realiza. (SANTAELLA, 2014, p. 2013).

Essa conexão de linguagens de que se trata a hipermídia fica visível em toda a obra Exercícios de ser criança, pois interligam as mídias (gráficas, manuseadas no computador após terem sido fotografadas e por sua vez a fotografia em sua angulação, iluminação, produção, estética) com os elementos textuais interativos presentes na obra.



Exercícios de ser criança: capa

Fotograma 5

Crianças brincando em conjunto, porém cada uma com um brinquedo, roupagem e singularidade diferente, entre cores, gestos, movimentos, peões, pipas, bambolês e outros mais, ou seja, brincando com a mescla de várias linguagens, elas se misturam produzindo um brincar único e original. Um brincar simples, em meio à grama, o rio e o vento, pleno de enodações de linguagens como é o pantanal.

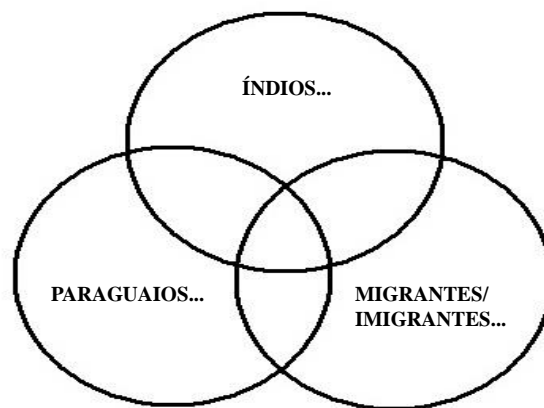
A mestiçagem, que é uma espécie de bilinguismo da mesma língua e não a fusão de duas línguas supõe o encontro e a troca entre dois termos, como é o caso hoje em dia da cultura *beur*. Não um ou outro (ou árabe ou francês), mas um e outro, nem um tornando-se o outro, nem o outro reabsorvido pelo um. O pensamento da mestiçagem é um pensamento da mediação e da participação em pelo menos dois universos. ((LAPLANTINE; NOUSS, 1997, p. 80).

Assim se dá a mestiçagem, distante ou além de pertencas identitárias e é pela linguagem, pelo mosaico de várias linguagens que compõem a semiosfera, cultura e/ou o Outro, que o ser humano estrutura seu psiquismo e conseqüentemente sua identidade, é nela que ele estrutura seu eixo de vida. Ela é a atividade semiótica que, segundo Roman Jakobson, “seleciona e combina elementos”, ou seja (...) a Faculdade de elaborar linguagem corresponde a capacidade de selecionar e combinar elementos cujo resultado seja uma estrutura”(MACHADO, 2003, p. 162).

Para explicar o modo pelo qual o sujeito se constitui, é necessário considerar o campo do qual ele é o efeito, a saber, o campo da linguagem. O sujeito e o campo da linguagem. Para a psicanálise, sobre tudo a partir da reelaboração que Lacan empreendeu dos textos freudianos, o sujeito só pode ser concebido a partir do campo da linguagem. Embora Freud não se refira explicitamente a isso, todas as suas elaborações teóricas sobre o inconsciente, nome que delimita o campo primordial da experiência psicanalítica do sujeito, o estruturam como sistema quer de representações (*Vorstellungen*), de traços de memória (*Erinnerzeichen*), de signos de percepção (*Wahrnehmungszeichen*), que se organizam em condensação e deslocamento. Ora, uma teoria como essa exige, metodologicamente, a referência a uma ordem simbólica, a um sistema de articulação de elementos materiais simbólicos, ou seja, a linguagem. (ELIA, 2004, p. 36).

Na trama da linguagem o corpo se torna sujeito, se constitui enquanto tal e se orienta para a vida dentro de uma cultura, do campo do Outro. A ordem da cultura é “eivada de valores, ideologias, princípios, significações, enfim, elementos que a constituem como tal, no plano antropológico. O Outro é o esqueleto material e simbólico dessa ordem” (ELIA, 2004, p.40).

O esqueleto material e simbólico do Mato Grosso do Sul (MS) é a mestiçagem. MS nasceu da mistura, cresceu fazendo laços e se constituiu em um nó de diversas linguagens, assim é o MS e assim é seu pantanal.



Fotograma 6⁴³

Como mostra a figura 6, a identidade do sujeito sul-mato-grossense pode ser representada como um nó, que não se desfaz. Nessa formulação borromeana, se um dos círculos é cortado, todos os outros se soltam, dessa forma percebe-se então que a constituição da identidade do sujeito sul-mato-grossense é um nó que enlaça todas as

⁴³ A figura foi produzida pelo autor do texto, em programa de computador.

linguagens, e culturas a seu redor. “Chamamos de identidade cultural àquilo que é o resultado de misturas e cruzamentos feitos de memórias”. (LAPLANTINE; NOUSS, 1997, 77).

Exercícios de ser criança de Manoel de Barros nos mostra isso desde o início, no poema, “o menino que carregava água na peneira”, como manifesta o fotograma a seguir. Uma obra composta de mistura de elementos, palavras, matizes, tecidos e linhas que combinam a imagem e a escrita formando uma poesia com características particulares. Particularidades do poeta, que com seu expressar criancieiro fazia da articulação com a palavra sua brincadeira e da árvore, o brinquedo. A poesia barroense deu à linguagem raios de ludicidade, presenteou o contorno das letras com fios de infância, as meninices da vida simples traduziu em encanto e misturando frases ainda trêmulas ao bordado em tramas singulares ofereceu puramente ao mundo seu ser pueril através das páginas de sua obra. “O poeta do chão usa as falas de crianças como portavozes para se chegar ao mundo mágico da poesia, lá onde é inteiramente permitido fazer brinquedo com a palavra.” (SILVA, 2009, p. 543).

Manoel de Barros com sua vida misturado às coisas da natureza, seu ser mesclado à diversidade da cultura sul mato-grossense e ao pantanal, produziu a partir do nada, uma arte de intensa doçura e, no caso da obra *Exercícios de ser criança*, uma doçura entrelaçada ao mel das ilustrações produzidas pelo bordado.

3.2 – Um menino que queria carregar água na peneira

O poeta é aquele que transcreve o que sente e pensa de uma forma encantadora, consegue manusear as palavras na composição da poesia tal qual o oleiro na modelagem do barro.

Os poetas são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa sabedoria acadêmica ainda nem sonhou. Estão bem adiante de nós, gente comum, na ciência da alma, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis a ciência. (FREUD, p.18 apud JORGE, 2010, p.40).

Manoel de Barros fez isso de maneira inovadora, inserindo em sua poética sentimentos, mas compondo-os com traços de sua cultura. “ao direcionar o olhar não apenas para uma infância pantaneira, Barros também reivindica uma nova função, um

novo olhar e uma possibilidade para as coisas e objetos a sua volta, fazendo do habitual, o extraordinário, (...)”. (SAMPAIO, 2018, p. 29).

Neste processo de composição, onde os objetos da vida cotidiana se encanstram aos sentimentos mais intrínsecos de Manoel, é que se produz sua poesia e, é através dela, que é possível perceber a mestiçagem que marca alguns traços identitários de Manoel de Barros.

É o que mostra a capa do poema *O menino que carregava água na peneira*, fotograma 7, que se utiliza de letras que trêmulas e entortadas, se misturam com os tecidos e os bordados, constituindo dessa mestiçagem um poetizar único, um feixe da identidade mestiça do poeta, um menino que nasceu e cresceu mesclado ao pantanal.



Exercícios de ser criança: “o menino que carregava água na peneira”. p. 8/9

Fotograma 7

Na figura 7, é possível observar a mistura de tecidos, cores, linhas, texturas e palavras que compõem o poema. Um menino que ao carregar água na peneira deixa escorrer entre os furos filetes de água e letras representados significativamente pelos fios do bordado. Um garoto com uma feição pensativa, coberto de seus verdes, brancos, vermelhos, azuis, laranjas, amarelos e roxos, refletindo durante um caminhar solitário, mas cheio da companhia das coisas.

Carregar água na peneira é irreal! Mas o que se passa na mente de uma criança se não as irrealidades da vida? Talvez seja exatamente este o exercício de ser criança, dar vida às coisas desimportantes, exercitar a árdua tarefa de tentar ser sujeito em um mundo tão transbordante de exigências e com o crescimento das palavras atravessar

levemente as montanhas do viver. É essa a magia de poder criar as palavras e as coisas, “o motivo lúdico faz ultrapassar os limites da lógica; abolir a intenção de pura comunicação linguística e transcender a goma arábica da língua cotidiana” (SILVA, 2009, 543).

Podendo usufruir de uma liberdade tal qual a da criança no manejo das palavras e no fantasiar das coisas, Barros abre caminho para que o mágico aconteça. O que queria o menino ao carregar na peneira? Ao caminhar na rua larga de tons laranja com linhas retilíneas o menino faz com que o gotejamento da água que cai da peneira vá aos poucos se misturando ao chão formando também linhas que seguem a mesma direção do seu caminhar (p.8/9, figura 7), como se a água fosse pedaços dele e com o surrealismo de carregar água na peneira, sua intenção fosse, de fato, marcar cada passo de sua constituição subjetiva num caminho que a frente é laranja, desconhecido e vazio, mas que para trás os laranjas já se fundem ao azul da água, amarelos, verdes, vermelhos e brancos das letras, mostrando que nas marcas deste caminho, existe um sujeito que exercita a cada instante seu ser criança.

Assim é Manoel, um ser que poetiza as coisas de chão e transmite encantos por meio daquilo que o cerca. “O que Manoel de Barros cata no Pantanal só poderia haver sido catado no Pantanal, mas não estava no Pantanal. Estava na sua própria cabeça, o lugar infinitamente sábio do que inventa. O lugar do genuíno Pantanal da poesia” (MÃE, 2016, p.7).

A identidade <<própria>>concebida como propriedade de um grupo exclusivo seria inerte, já que ser apenas eu-próprio, idêntico ao que era ontem, imutável e imóvel, é não ser, ou melhor, é já não ser, ou seja, é estar morto. Porque ser, é ser com, é ser em conjunto, é partilhar- a maioria das vezes conflituosamente- a existência. Privados da relação com os outros ficamos privados de identidade e, assim, somos conduzidos por autossuficiência e narcisismo ao autismo. (LAPANTINE; NOUSS, 1997, p. 76).

Assim, se utilizando do aporte psicanalítico, sabe-se que na constituição do sujeito, há um encontro dele, bebê, com o Outro, um concílio que convoca o bebê a advir e ir transpassando laços pela linguagem para, a partir disso ir modulando sua identidade.

Muito antes de um bebê nascer, ou seja, de um ser humano surgir na cena do mundo com a possibilidade de se tornar um sujeito, o campo em que ele aparecerá já se encontra estruturado, constituído, ordenado. Não apenas a cultura, a sociedade e a família, com todos os elementos que as fazem tão complexas, já o esperam, como também a linguagem, como campo de constituição do sujeito (lembremo-nos de

que o sujeito é *sujeito da linguagem*), já se encontra plenamente constituída a espera do sujeito. Há um conjunto de demandas, desejos e desígnios que é dirigido àquele que vai nascer muito antes do nascimento, e que inclusive determina o fato do nascimento. Tais elementos se encontram em ação desde muito tempo antes do nascimento de um bebê, e nada têm a ver com o período de gestação, que já está é um fragmento temporal delimitável da vida do bebê, já concebido, ainda que não nascido. A pré-história de um bebê no campo do Outro remonta a um momento que não é delimitável na história do Outro, e seu estatuto é simbólico, não se confundindo nem como constituição genética nem como experiências factuais na gravidez. O nome próprio que se dará a criança, que é o nome de um ancestral, e que por sua vez corresponde a um sonho de infância da mãe, por exemplo, é um dos elementos da pré-história no Outro que estarão relacionados àquele que vai nascer. No entanto, todos esses elementos, que são inequivocamente prévios ao encontro de um bebê já nascido com o Outro que os “contém”, a rigor não existem senão a partir do momento em que o bebê concreto, por assim dizer, se encontra com eles. O encontro cria o “passado”, que não existia antes dele, mas que, uma vez criado, passa a existir e operar inexoravelmente como passado, como anterioridade determinante do encontro que, no entanto a criou (ELIA, 2004, p.44).

Esse encontro, que ao nascer, o bebê tem com o Outro, inicialmente representado pela mãe, mas que é a cultura e cultura é linguagem, vai fazendo bordas no psiquismo do bebê e este, ao mesmo tempo, vai percebendo tudo que se passa a seu redor e internalizando os discursos, os gestos, os sons, as palavras, desse campo cultural, campo do Outro.

É por isso que Manoel de Barros diz que “não caminha para o fim, caminha para as origens” (citação na p.47), porque o sujeito é efeito de seu viver, então ele busca sua origem, ou seja, aquilo que o antecedeu e que deu sentido a ele, essa origem que vem do Outro.

É possível perceber este movimento na obra de Manoel de Barros, demonstrado no fotograma 8, a cultura fazendo marcas no ser que está em advenção.



Exercícios de ser criança: “o menino que carregava água na peneira”. p. 10 e 11.

Fotograma 8.

A figura 8 segue como uma continuação da figura 7, como se todas as coisas tivessem escorrido pela peneira, inclusive o menino. Mas porque alguém peneira alguma coisa? Para separar os componentes com densidades diferentes, de uma determinada substância. A água é impeneirável, é uma mistura de duas substâncias que se conectam por ligações covalentes⁴⁴, o que faz dela uma mistura inseparável por já ter se constituído como uma substância nova, produzida a partir de outras duas.

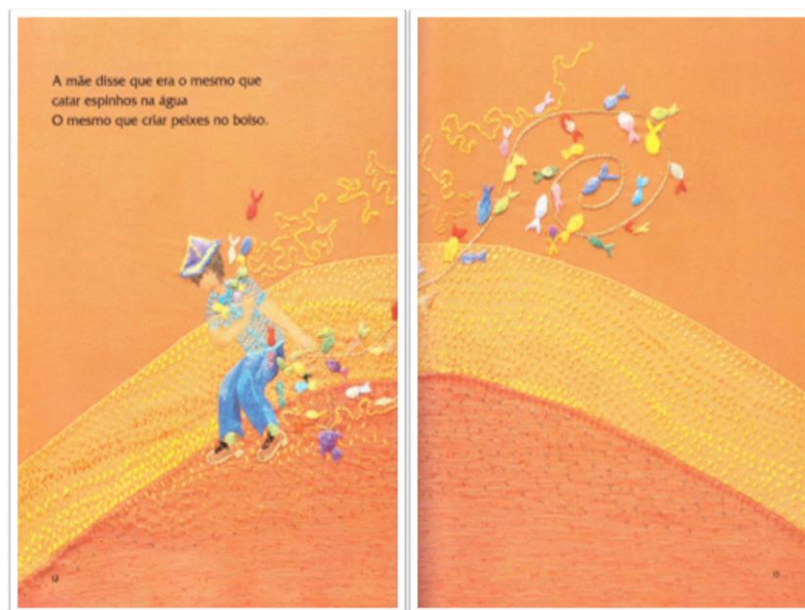
O menino, que na figura 7 escorria água pela peneira, via escorrer representado pela água, seus próprios pensamentos, seu próprio ser e parece ter entrado nela. No Fotograma 8 é como se ao passar pela peneira, entrar no mundo da cultura, fizesse seu ser de linguagem adquirir um sentido. Um menino que antes caminhava cabisbaixo, fora da peneira, resolveu mergulhar nela misturando-se as coisas e com isso, pôde escolher ao invés de águas e meninos (coisas separadas), um misto de um menino que carregava água na peneira e assim apareceu recamado, mesclado as pipas, ao vento, aos fios e ao chão.

O campo do Outro, da cultura, é um caminho sem volta, quando o sujeito se mistura a essa substância, constrói uma nova, impossível de ser separada novamente e

⁴⁴ A água é composta por dois elementos químicos: dois átomos de hidrogênio e apenas um de oxigênio, que se ligam por ligações covalentes (H-O-H). Nesse tipo de ligação, os elétrons dos átomos são compartilhados e passam a formar uma nova substância, a água.

voltar a ser o que era, assim como a água. A mestiçagem só existe “de um outro modo, e nunca no estado puro, intacto ou equivalente ao que fora anteriormente” (LAPLANTINE; NOUSS, 1997, p. 82).

O menino, mergulhado na peneira, na cultura, viu as cores se misturando e formando outras novas, pôde caminhar no chão alagado construído pelo peneirar e mesmo com a incredibilidade da mãe (adulta que pensa na realidade das coisas e pelas comparações que fez sobre o que seria carregar água na peneira, dizendo que seria “o mesmo que roubar o vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos, o mesmo que catar espinhos na água ou o mesmo que criar peixes no bolso”, parecia inicialmente não dar crédito ao desejo do menino) foi capaz de produzir seu caminho e fazer das palavras da mãe, mais um objeto para dar luz a sua fantasia. O menino pôde ser oleiro de Barros, pois teve um Outro, no poema representado pela mãe, uma cultura que o envolveu em seus traços e sustentou pela via da linguagem a crença do menino, mesmo ela estando de início descrente da possibilidade de carregar água na peneira, mostrou a ele que as vezes é necessário passar pela peneira para entender que a mistura é o que faz do sujeito, sujeito, pensante, vivo. Perceptível no fotograma 9.



Exercícios de ser criança: “O menino que carregava água na peneira”. p. 12 e

13.

Fotograma 9

O nosso adorável bebê ainda não é um sujeito, e supomos que ele é um ser de necessidade. Quem atende a esta necessidade? Outro ser de necessidade, tão imerso quanto ele na natureza? Não. Quem o atende, e que já propusemos chamar de mãe, mesmo se o ser em questão não

for a genitora (como muitas vezes não é), é um ser de linguagem, alguém que já está do lado “de lá” do muro da linguagem, de onde só pode atender à necessidade do bebê com a linguagem. Primeira definição psicanalítica de mãe: genitora ou não, é o ser de linguagem que atende a necessidade de um filho de humanos através da linguagem. (ELIA, 2004, p. 50).

O menino que caminhava solitário e perdido entre as coisas, entendeu que para viver, era necessário entrar no mundo da linguagem (peneira), nesse campo do Outro, que é o campo da cultura. É a cultura que faz bordas no sujeito e possibilita suas significações e identificações. Assim sendo, “a cultura é interativa e traz para o centro de si outros mundos” (LOTMAN, 2003, p. 110).

Manoel de Barros, era um menino que carregava água na peneira e quando mergulhou nela, descobriu que podia brincar com as palavras assim como brincava com os bichos e as coisas da natureza, misturou-se. Assim é o sujeito na cultura, assim é a cultura, uma mistura, um “fenômeno interativo sem existência isolada e com um campo conceitual unificado fundado no processamento, na troca e na armazenagem de informações” (MACHADO, 2003, p. 28).

Na cultura, não se sabe ao certo onde os signos ou significantes começam, (lembrando que o signo semiótico corresponde ao significante psicanalítico), o deslizamento da cadeia, apenas acontece conforme as vivências que o sujeito vai perpassando. “O signo é múltiplo, variável, modifica-se de acordo com o olhar do observador, que na semiose analítica, na sua posição de interpretante dinâmico, também é signo em diálogo com o signo que está sendo interpretado” (SANTAELLA, 2002, P.42).

Manoel de Barros interpretava o mundo às avessas, e aparecia enquanto sujeito dessa forma, o signo em sua mente deslizava por sentidos nunca pensados e nada convencionais. Na concepção de Marinho, ele é um “homem que se fecha em si mesmo por ser avesso ao assédio mundano, poeta que se abre e se revela por intermédio de sua linguagem” (2002, p.11).

O método de Manoel de Barros é o da observação sempre inicial. Cada coisa começa de novo com ele, numa aprendizagem contínua, inesgotável, que recusa as codificações prévias para se situar nessa experiência sempre semelhante à magia que é mais típica da infância. (MÂE, 2016, p. 8).

O poeta foge daquilo que é padronizado e se enoda aos despropósitos das normas, pois é dessa maneira que expressa de forma sublime, sua linguagem, a

linguagem pantaneira, da semiosfera a que pertence ou do Outro que o constituiu, o campo cultural que também foge aos padrões das grandes cidades e mutações constantes. A poesia barrosiana reinventa a linguagem e desautomatiza o discurso.

Um outro ponto a ser destacado na poesia de Manoel de Barros é o objetivo, em se tratando de linguagem literária, de renovar as mesmices e de fugir à esclerose dos lugares-comuns. Para tal, ele recorre a um processo permanente de reinvenção da linguagem, de desautomatização do discurso. (SILVA, 2009, p. 544).

A reinvenção da linguagem e a desautomatização do discurso em Manoel de Barros fazem de sua poesia algo inaugural que conduz o leitor a mergulhar nos rios de sua obra e sentir-se um de seus arquissemas, ou seja, sentir-se alegremente desimportante.

Nesse mesmo sentido, o poeta declara em Livro sobre nada (1997) que não gosta da “palavra acostumada”. Com o propósito de desacostumá-la de seu sentido comum, recorre, então, em uso e abuso aos neologismos. O poeta pantaneiro quase que se limita a criar suas palavras novas por dois processos: o deslocamento da classe gramatical da palavra – verbalizar um adjetivo ou substantivo, por exemplo, como em “imensam”, “analfabetam”, “monumentar”, “embostando” – e o acréscimo de prefixos, especialmente do prefixo ‘des’ – com em ‘despalavra’, ‘desherói’, ‘deslimites’, ‘desutilidades’, ‘desbrincar’, ‘desobjeto’, ‘desacontecido’, ‘descomeço’, ‘dessaber’. Este último processo, que é bastante recorrente no poeta, coloca-o em afinamento com uma característica comum na lírica moderna: a negatividade. A poética do ‘des’ – faz prevalecer o signo do ‘não’. Há uma variedade de signos que conotam negatividade, pequenez, coisa ínfima, insignificante nos poemas de Barros. É o que se observa em ‘inutensílio’, ‘nada’, ‘ocaso’, ‘escuro’, ‘cisco’, ‘chão’, ‘couros de rato ao podre’, ‘ruínas’, ‘escurecer’, ‘formiga’, ‘fado’, ‘menos’ e em outras tantas. (SILVA, 2009, p.544-545).

A criança também faz isso, ou seja, não gosta da “palavra acostumada”, e prefere “renovar as mesmices”, porém ela o faz por outra via: a via do acontecimento, do inédito, da iniciação, das palavras descomedidas e desautomatizadas.

Essa renúncia ao que já está dado, as codificações preexistentes, aparece no fotograma 10.



Exercícios de ser criança: “O menino que carregava água na peneira”. p. 14/15

Fotograma 10

O despropósito é exatamente o exercício de ser criança. O infantil não compreende, de fato, os valores monetários existentes na vida, não aceita que para construir o alicerce de uma casa é necessário terra firme e ferro forte, pois a fantasia e simplicidade vão além das coisas concretas, ou seja, para o sujeito pueril não há propósito racional, construir um castelo com uma pétala de flor é algo perfeitamente possível. Manoel de Barros, com seu criancimento poético encantava as palavras e dava as coisas desimportantes e despropositadas um lugar de imenso valor. O poeta “parece fazer uma crítica à sociedade que, de tão voltada para si mesma e de tão preocupada com o acúmulo de riquezas, acaba por esquecer de valorizar aquilo que vem da terra, da natureza, isto é, as “coisas primeiras”” (COSTA, 2008, P.40)

Ainda no fotograma 10, o menino, aparece sentado no chão rodeado de matos, flores, terra úmida, grandes árvores possivelmente com raízes profundas e um violão ao lado, simbolizando a leveza de alguém que foge as regras de edificação e de fato crê na possibilidade de se construir alicerces de uma casa sobre orvalhos. O menino tem fé de que a mistura é possível, e com seu cesto de cimento e tijolos, representados pelos fios brancos do bordado, abre caminho para a mestiçagem do concreto com a natureza, construindo uma nova paisagem.

A ilustração representa o próprio menino, aquele que é efeito da mistura, a criança que acredita nas possibilidades de mesclagens despropositadas. A criança se expressa não só pelo que diz, ela fala também através do brincar, pelas histórias que

monta e pelos desenhos que constrói. Na figura 10, o menino brinca de construção e nesse brincar, fala de suas construções.

O prazer de ouvir, de olhar, de sentir, de observar, é para elas brincar, ou melhor, se preferirem, divertir-se com as percepções que encontram estando atentas e às quais dão sentido em consequência da função simbólica de que estão constantemente animadas. (DOLTO, 1999, p.116).

Neste sentido, entende-se que a criança, ao brincar representa a si mesma, e não só a criança, nas ações e comportamentos do adulto, também é o infantil que fala e habita para representar o sujeito.

Desde o brincar da infância até o jogo do amor e os jogos amorosos, o jogo se joga a vida inteira. Talvez porque os objetos com os quais nosso destino vai se recriar sempre são outros que os da satisfação. Esse jogo se joga em inexoráveis desajustes. Alguns adultos perdem seu potencial lúdico e mergulham com severidade nas exigências da vida, prescindem do gozo recreativo, padecem de tédio. Para as crianças, em troca, o brincar se apresenta como necessário, como promotor de um tempo constituinte. (FLESLER, 2007 p.119).

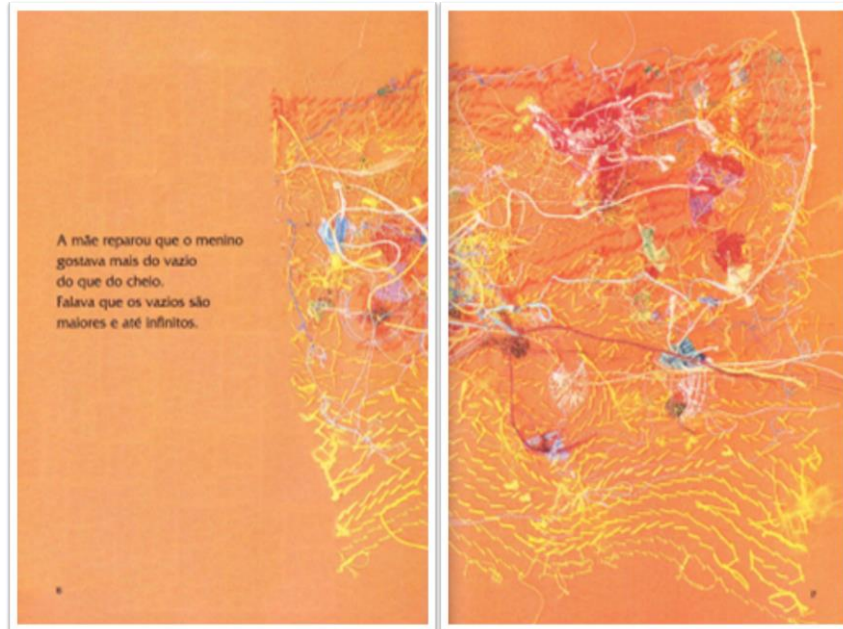
A poesia barrosiana, pode ser lida como uma autobiografia do menino Manoel, aquele que tornou-se adulto, mas não perdeu a graciosidade do brincar, brincar com as palavras. Com a leveza de um adulto que se permite viver o infantil o poeta reúne retalhos e constrói uma forma de ser adulto e criança, misturados em um único homem que os deixa aparecer. Manoel de Barros pôde recriar e ressignificar o sujeito, sob “o signo da liberdade, do prazer, do trabalho, da alegria: da alegria inaugural, pela palavra inaugural” (CASTRO, 1991, p. 58)”.

A mestiçagem não é um princípio. Ela situa-se nas antípodas do que é concebido como primeiro, primordial e fundamental (o texto primeiro, a palavra fundadora, a ideia de que existe um centro do mundo, uma cultura ou um antepassado de referência). Desmente a própria noção de princípio, contraria-a e desestabiliza-a. Na realidade, a propósito da mestiçagem não pode falar-se em vitória de um campo sobre outro, pois nunca nada é definitivo, absoluto, estável, fixo no espaço de um território ou no quadro de um código que permita <<decodificar>> os comportamentos dos outros. (LAPLANTINE; NOUSS, 1997, p.82).

Dessa forma, entende-se que a mestiçagem não exclui o que veio antes, mas ressignifica-o, a partir da mistura, faz novos contornos e produz novas formas de ser e estar na cultura. “Cultura que se manifesta num estilo feito de empréstimos sucessivos, de afastamentos e matizes”. (LAPLANTINE; NOUSS, 1997, p. 78).

A forma barroseana de perceber-se na cultura é através dos avessos, daquilo que não está determinado, do que não é finito. “Não sendo o <<eu>> mestiço único e

separado dos outros, não sendo em absoluto um <<eu>>, em rigor não é ninguém, mas, não sendo ninguém, é todos os outros.” (LAPLANTINE; NOUSS, 1997, p. 81). Enquanto o homem, quase em geral, valoriza o cheio, as completudes, Barros olha com ternura para o infinito dos vazios, deixando transparecer em seus traços poéticos, elementos da cultura.



Exercícios de ser criança: “O menino que carregava água na peneira”. p. 16/17

Fotograma 11

A mestiçagem é o avesso da tradição, é aquilo que muda, se transforma a cada instante, agrega, se reformula. Assim é o Mato Grosso do Sul, um estado que acolhe e se envolve no acolhimento, abraça e é abraçado ao mesmo tempo, um estado que mostra com sua cultura mestiça um pedaço do que é o país ao qual ele pertence.

Em lugar das ficções de pertença identitária, ou pensamento da fusão, propomos o <<nem exclusivamente português, nem apenas índio, nem completamente africano>> dos brasileiros. No Brasil, com efeito, pode perfeitamente ser-se brasileiro por nacionalidade, português pela língua, inglês pela religião. O que aí existe, sem dúvida mais do que noutros lugares, são espaços de manobra em todas as acepções do termo, não o saturado do homogêneo, mas espaços com aberturas, vazios, entremeios. (LAPLANTINE; NOUSS, 1997, p.79).

Dessa maneira, pode-se entender que são os espaços, não estáticos que abrem fendas para o infinito da mestiçagem. É com isso que Manoel de Barros presenteia o leitor no fotograma 11. Na ilustração, não é um bordado com um desenho pronto que aparece, mas sim seu avesso. Fios e linhas bagunçados no tecido, sem forma definida, mas que proporcionam um conjunto de infinitas interpretações. O vazio de formas

plenas, que faz do sujeito um ser incompleto, infinito e sempre em constituição, como é a mestiçagem, o Mato Grosso do Sul e o pantanal.

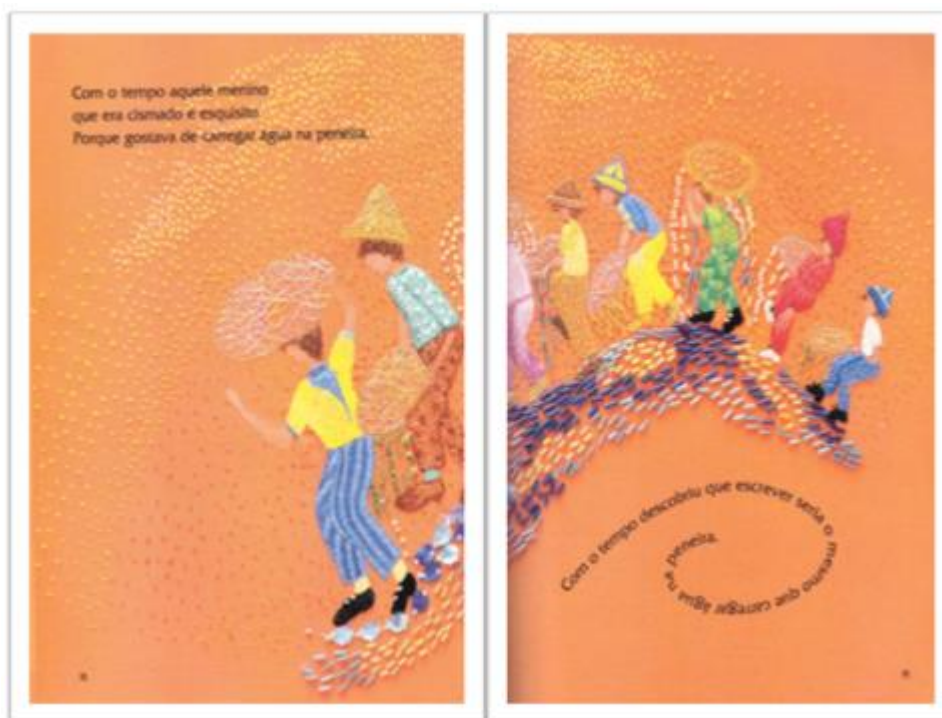
Neste ponto a psicanálise contribui dizendo “que o humano é o efeito da mestiçagem de substâncias tão heterogêneas quanto o são a materialidade do corpo, a imagem do corpo e o verbo enxertado nesse corpo, tal qual é o ensino cotidianamente concedido ao psicanalista”. (WEILL, 2014, p.17).

O sujeito ao ser concebido, já é mestiço, pois veio de um pai e de uma mãe, só existe pelo entrecruzamento de dois. É do laço entre dois seres, no mínimo, que produz o sujeito, e na semiose ou cadeia significante (psicanaliticamente falando), que ele continua seu desenvolvimento, é só na relação com Outro, com a cultura, que o sujeito pode advir.

A mestiçagem é o tornar-se devir mais do que o devir, e pede para ser pensada em si própria na sua incompletude. Transitória, imperfeita, inacabada, insatisfeita, vive continuamente a aventura de uma migração, as transformações de uma atividade de tecelagem e urdidura ininterrupta. (LAPLANTINE; NOUSS, 1997, p. 86).

Dessa maneira observa-se que, se o sujeito é mestiço e é incompleto, o lugar com o qual ele faz suas trocas também é, ou seja, a cultura também é infinita e avessa à tradição. Nenhuma cultura é capaz de limitar-se a apenas uma linguagem. O sistema mínimo é formado pelo conjunto de duas linguagens paralelas, por exemplo, a verbal e a plástica. Posteriormente, a dinâmica de qualquer cultura passa a incluir a multiplicação do conjunto das comunicações semióticas. (LOTMAN, 2001, p.563 *apud* AMÉRICO, 2017, p. 11).

Poetizar é isso, olhar as pequenezas de forma grandiosa e mergulhar no universo das coisas descomplicando-as, multiplicando assim as semioses. Escrever poesia é fazer semiose, é produzir significados através dos signos na sua relação com o objeto e a interpretação, ou seja, no processo da significação. É o que faz Manoel de Barros ao carregar água na peneira. Fotograma 12.



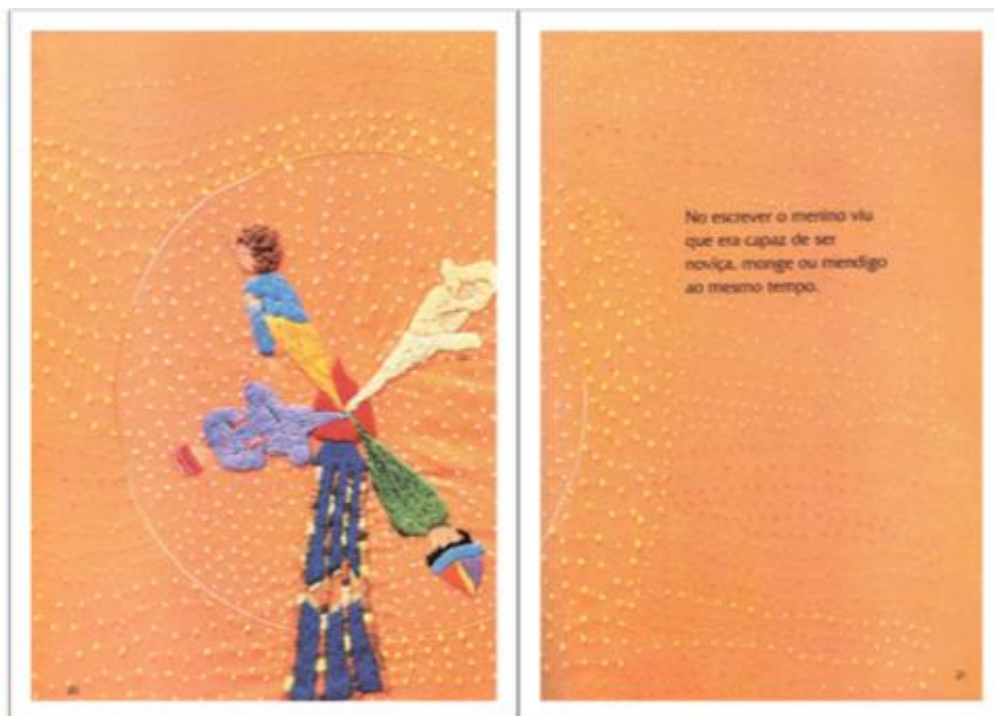
Exercícios de ser criança: “O menino que carregava água na peneira”. p. 18/19

Fotograma 12

Como é possível observar em toda a obra, mas também no fotograma 12, Manoel de Barros tem uma ligação intensa com a linguagem (com seu despalavrar das palavras e com as linguagens dos bordados/ilustrações-grupo Dumont, do projeto gráfico-Claudia Lopes Mendes Demóstenes e fotografias-Rui Faquini), que compõem o todo de sua poesia na obra *Exercícios de ser criança*, dando assim seguimento a cadeia significante, ou seja, a semiose na construção do processo de significação. Carregar água na peneira escrevendo poesia foi a forma mais sublime que Barros encontrou para construir aspectos de sua identidade e dar sentido a mistura de tudo que via, ouvia e sentia no seu estar-no-mundo.

(...) na maior parte das vezes, não chegamos a tomar consciência de que o nosso estar-no-mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar. Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem. (SANTAELLA, 1990, p. 11).

Manoel de Barros, quando escreve, utiliza-se de uma linguagem inusitada, que difere do romantismo poético e convida o leitor a embrenhar-se em um mundo cheio de magia e encantamento e acreditar que o sujeito pode ser e fazer tudo que a imaginação permitir, podendo ser noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo, ou seja, enrolar-se na manta do universo da criação infantil. Como mostra o fotograma 13.



Exercícios de ser criança: “O menino que carregava água na peneira”. p. 20/21

Fotograma 13

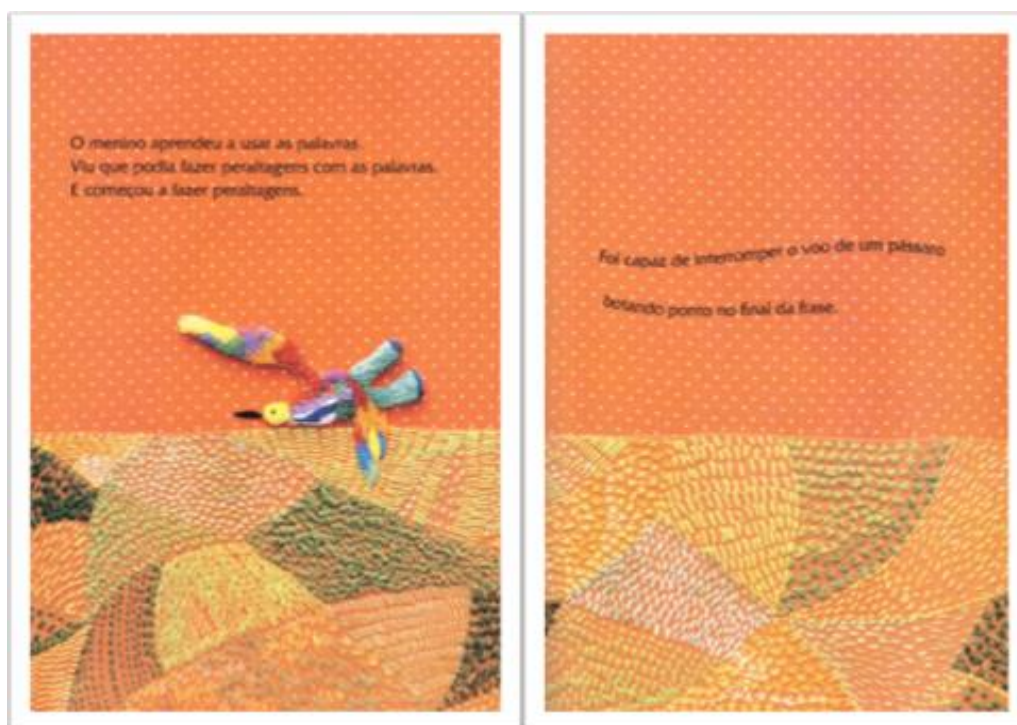
“O ultrapassar, pelo escritor, dos limites da consciência romântica determinou uma nova forma de abordar o problema das significações. A questão põe-se na significação objectiva dos signos e das estruturas” (LÓTMAN, 1978, p. 87). Como mostra a figura 13, na imaginação infantil ou na do escritor-poeta tudo é possível. Como em um cata-vento, que aparece no bordado, cada pétala é uma coisa diferente, noviça, monge ou mendigo, mas conforme a velocidade do vento bate elas podem se misturar e passar a ser todas uma só, uma nova coisa, o que faz com que essa mistura, seja uma nova imagem, inédita.

A mestiçagem nasce como tipo biológico, valor quantificável, mensurável, sendo apreendida, pois, em primeiro lugar, no campo visual. Ora, para nos libertarmos dessas fronteiras e dar-lhe toda a amplitude conceptual que lhe é devida, é necessário passar do espacial ao temporal, ou seja, ao qualitativo, ao incerto, ao que flui e escapa; daí a dificuldade e a tentação de regressar a categorias unívocas e preconcebidas. O visível tranquiliza, possui limites e definições. Quanto a mestiçagem, pede que fechemos os olhos. É na noite que os

seres se encontram, para chocarem ou se unirem. Mas não se trata de uma noite tenebrosa. Como no *Gênesis*, ela é portadora do dia, das promessas e das realizações que estão por vir. (LAPLANTINE; NOUSS, 1997, p. 117-118).

É o que aparece na poesia barroense, a mestiçagem da imaginação infantil, que mistura a história, o lugar, a beleza, o cheiro, a visão, o tato, um amálgama de elementos culturais enlaçados com os internos do sujeito Manoel e que compõem a melodia de sua poesia e mostram através dela aspectos de sua identidade, ou seja, da forma intrínseca com qual ele produz significação para as coisas. A questão da significação acontece nas conexões com o Outro/cultura, “(...) a significação dos elementos surge nas suas relações”. (LÓTMAN, 1978, p.87).

Quando Barros descobriu que podia significar seu mundo interior/exterior brincando com as palavras percebeu que estas poderiam ser o alicerce da expressão de sua construção, a identitária, e começou a peraltar com elas para iniciar seu lar. Suas peraltagens são observáveis na figura 14.



Exercícios de ser criança: “O menino que carregava água na peneira”. p. 22/23

Fotograma 14

O trabalho intenso com as palavras e a rica composição de metáforas culminam numa explosão de imagens que se mostram ao leitor como uma sucessão de quadros. As imagens formadas nem sempre são claras e translúcidas, por isso exigem do leitor um desprendimento das regras, pois o autor, ao inventar palavras ou atribuir novos

significados às já existentes, faz com que a leitura seja feita através de uma viagem ao seu próprio mundo. Barros esculpe palavras, brinca com elas e ignora as leis gramaticais, deixando de lado conectivos, modificando regências e, assim, introduz um ritmo a seu jogo imagético. Manoel de Barros é um pintor nato que, ao invés de pincéis, utiliza palavras para desenhar ante os olhos dos leitores de seus poemas, seu mundo. (COSTA, 2008, p. 41).

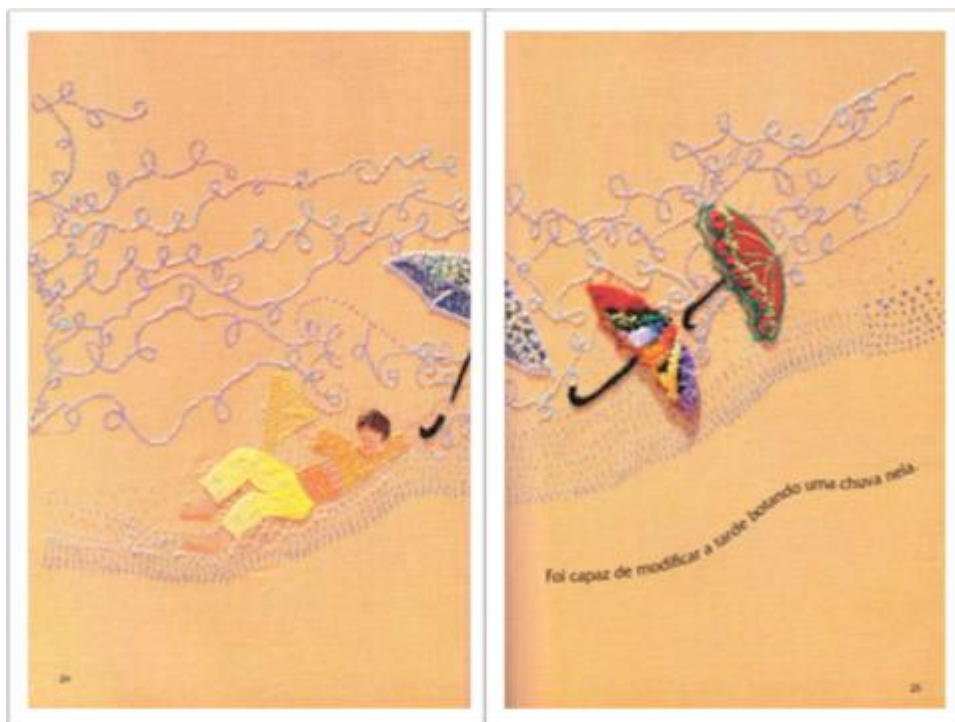
Um pássaro que sobrevoa o campo de diferentes verdes e com seu vooje visualiza, possivelmente, uma mistura de elementos, árvores, plantações, terra e céu é algo racionalmente impossível de interceptar, pois quem, em sua consciência consegue alcançar o voo de um pássaro? Inimaginável.

Para Manoel de Barros, a imaginação vai além das possibilidades concretas. Escrevendo ele quebra as regras do convencionalismo e do sistema automático gramatical e sintático colocando um ponto final na frase para interromper o voo de um pássaro.

Manoel de Barros parece ter preferência pelo não convencional, sua poesia, recheada de palavras “arrombadas”, como ele próprio as denomina, e neologismos inusitados, carrega ainda em seu corpus uma sucessão de agramaticalidades. Há uma constante quebra das regras da sintaxe, da morfologia e da fonética, o que à primeira vista pode parecer um desconhecimento total da gramática, mas, após uma leitura minuciosa, mostra-se como uma grande habilidade de Barros. O poeta burla as regras do sistema exatamente por conhecê-las a fundo, por saber os efeitos por elas causados, e, assim, conseguir os resultados por ele pretendidos. (COSTA, 2008, p. 41).

Escrever é uma aposta em dar vida ao despallavar das palavras. Segundo as contribuições da psicanálise, “escrever implica uma dinâmica de heroísmo e é sempre parcialmente autobiográfico, pois há em todos os casos uma implicação de algo da vida pessoal do autor.” (PRIZANT, 2017, p. 22).

No Fotograma 15, fica perceptível a capacidade de criação da palavra, que misturada as outras linguagens que compõem o poema, formam uma nova representação sígnica que mostram alguns aspectos da característica identitária de Manoel de Barros, e conseqüentemente, por ser ele vivido no Mato Grosso do Sul, da identidade do sujeito sul-mato-grossense.



Exercícios de ser criança: “O menino que carregava água na peneira”. p. 24/25

Fotograma 15

O menino, que ao achar a tarde entediante colocou uma chuva nela e ao banhar-se em seus gotejos, compôs uma dança, nadando no rio que a mesma formou.

Ao escrever, vamos em direção ao mundo, e o impulso narcísico implícito neste se lançar é temperado pela possibilidade de se transformar e, ao mesmo tempo, manter sua singularidade, no desafio de se fazer entender. Seria como "dançar conforme a música", mas criando nossa própria dança, um exercício entusiasmante tanto para o indivíduo quanto para a Instituição. (PRIZANT, 2017, p. 22).

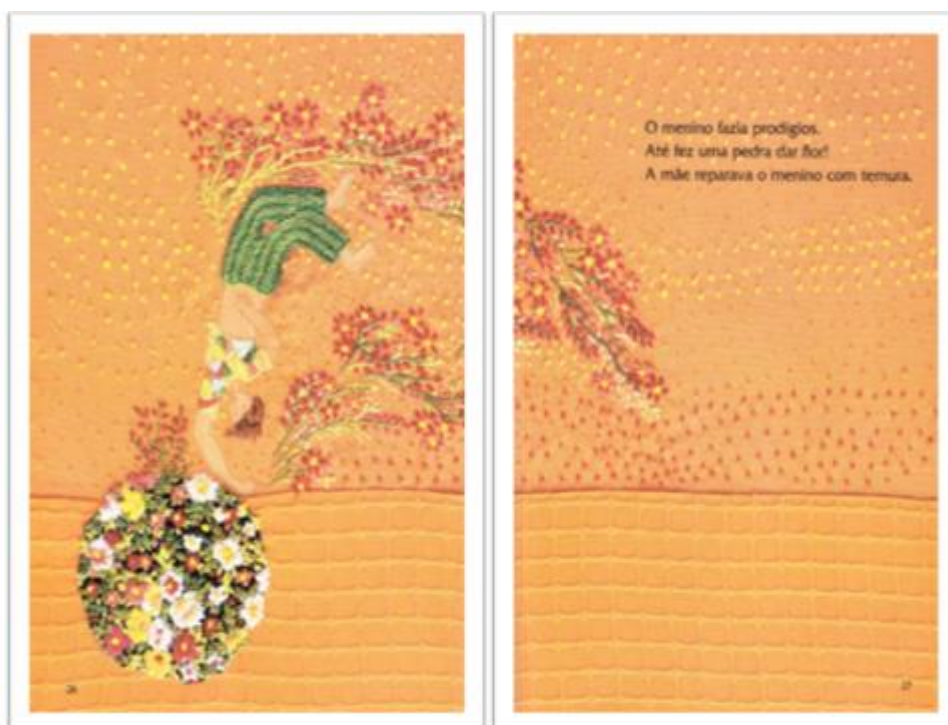
Manoel de Barros, com suas características pantaneiras, fazia a miscigenação das coisas com as palavras, dançando com os versos, misturando as pequenezas ao desenho das letras deixa evidente traços originários que compõem sua identidade. Sua poesia é uma mistura das sutilezas internas com cada canto de seu contexto, de sua cultura. É algo muito semelhante ao que o psicanalista diz de sua experiência com a escrita:

É uma aventura no espaço tridimensional que traz a possibilidade de integrar elementos desconhecidos de nossa relação com o paciente e conosco. E de trazer para o espaço externo, compartilhado, experiências vividas no espaço interno. Nesta projeção temos que traduzir várias vezes tais experiências: do sem palavras para a linguagem oral, coloquial, depois para a escrita, mais formal. (PRIZANT, 2017, p. 21)

São nesses fios que ao se transpassarem formam um laço, que se constitui um sujeito e sua identidade. No transpassar do fio interno com o externo, na troca de mensagens do interior com o exterior que surge o sujeito, laço.

Começo por lembrar que, para Jakobson, o princípio elementar da comunicação agrega, além da transmissão, a troca de mensagens. Não se trata de uma mera substituição de palavras para denominar o mesmo fenômeno. A troca pressupõe intercambialidade de papéis, sincronicidade dinâmica e, por conseguinte, diferentes ações de dispositivos pensantes. Ainda que pressupunha um código comum, por exemplo, a língua, aquilo que, num nível elementar, transporta-se de um pólo emissor para um pólo receptor sobre mediações próprias ao signo e ao circuito dialógico dos sistemas culturais. Logo, além da codificação-descodificação a mensagem está sujeita a recodificações. A palavra é, para Jakobson, tributária da reciprocidade entre interlocutores, sujeitos dotados de voz, uma vez que é impossível falar no vazio - talvez o único a falar tão somente para si tenha sido o Adão mítico, como arriscará afirmar Bakhtin, não totalmente convencido de sua própria afirmação. Emissor e receptor implicam-se mutuamente e, cada um de seu lugar, impregna a estrutura da linguagem em ação no circuito dialógico. Nem a linguagem, nem a estrutura podem ser pensadas fora da ação, das trocas entre signos linguísticos e contextos de enunciação. (MACHADO, 2007, p. 65)

É neste sentido que se entende a troca, ou seja, a intercambialidade de elementos internos ao sujeito com elementos da cultura/Outro é que fornece a possibilidade de o mesmo constituir-se e se apropriar de características que constroem sua identidade. Quando o sujeito toma posse de suas vivências e produz sentido nesse laço do subjetivo com a cultura, torna-se capaz de fazer prodígios.



Exercícios de ser criança: O menino que carregava água na peneira. p. 26/27

Fotograma 16

Como é possível observar no fotograma 16, o menino percebendo de forma minuciosa seu contexto cultural e alinhando estas a sua forma intrínseca de ser, pôde construir percursos de sentido, fazendo uma semiose prodigiosa, fazendo até uma pedra da flor. É no cerzir daquilo que é anterior com o agora que se produz a nova coisa, um novo signo, seguindo o movimento de primeiridade, secundidade e terceiridade peirceana. “A concepção de que o existente afeta nossos sentidos, segundo leis que podem ser conhecidas por meio de processos de inferência é a base da epistemologia peirceana.” (JUNGK, 2013, p. 76)

O fundamento para a compreensão das categorias está, portanto, na compreensão do substrato lógico-formal de cada uma delas, que se mantém inalterado apesar da “roupagem” de que se revestem quando observados na variabilidade material de cada fenômeno específico. As categorias peirceanas não são, dessa forma, noções estáticas ou terminais; elas são dinâmicas e interdependentes, onipresentes e, portanto, universais, observáveis em todo e qualquer fenômeno numa miríade de formas (...). (JUNGK, 2013, p. 77)

Neste sentido percebe-se que o pensamento não se faz sozinho, e o próprio signo é composto por três elementos, uma mistura.

O primeiro está aliado às ideias de acaso, indeterminação, frescor, originalidade, espontaneidade, potencialidade, qualidade, presentidade, imediaticidade, mônada... O segundo as ideias de força bruta, ação-reação, conflito, aqui e agora, esforço e resistência, díada... O terceiro está ligado às ideias de generalidade, continuidade, crescimento, representação, mediação tríada... (SANTAELLA, 2000, p. 8 apud JUNGK, 2013, p. 77).

Dessa maneira, se a linguagem é um movimento que se faz a três, e o inconsciente é estruturado como uma linguagem, como disse Lacan, ou seja, triádicamente entende-se que o sujeito é uma mistura, uma mestiçagem de no mínimo três instâncias.

É o que mostra Barros em sua construção poética, com um tesouro de diversidade de elementos que utiliza em seu poetizar, reinventando a todo momento a linguagem, deixando de ponta cabeça a automatização do discurso, como fez o menino no fotograma 16 ao fazer da pedra uma flor, assim como faz a criança, deixa o mundo de pés pra cima ao garatujar seus sentidos nem sempre retilíneos.

Manoel de Barros é artista, autor, homem comum, poeta, ou seja, muitos em um só. Escreve de forma desnuda tirando todas as semânticas. Essa riqueza de diversidade vocabular, elaboração artística e a agramaticalidade empregada em seus textos, misturados a elementos de sua cultura (mistura que nem todo poeta utiliza tão claramente, mas Manoel de Barros sim, como: água, vento, árvore, caramujo, etc.) resultam numa mesclagem que mostram peculiaridades de sua linguagem, as quais podem ser pensadas como marcas de aspectos da identidade de sua linguagem.

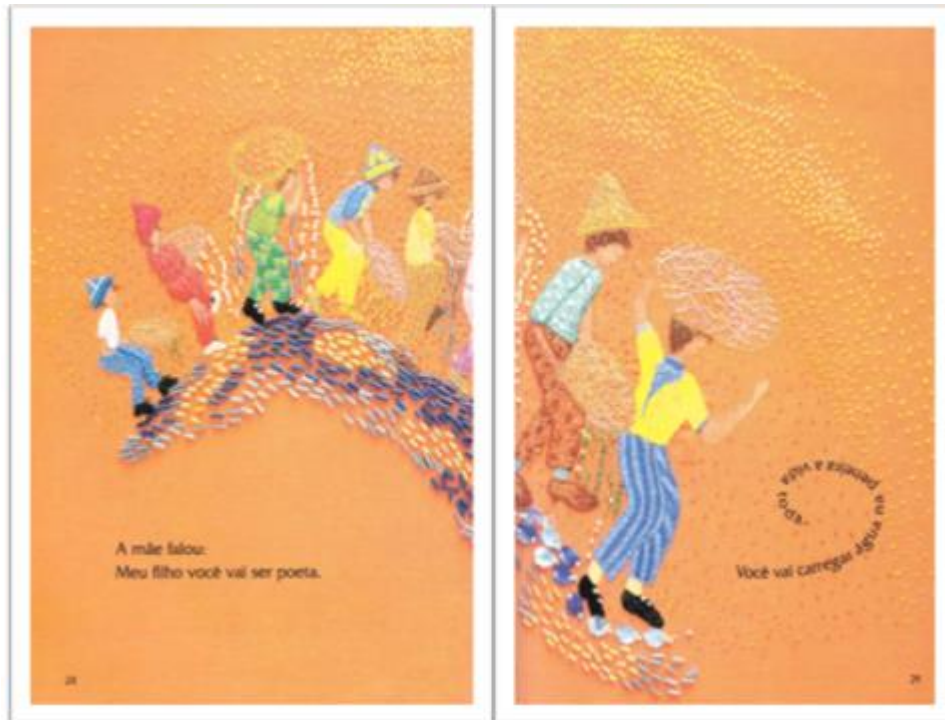
Sobre a obra *Exercícios de ser criança*, Costa (2008) pontuou:

O livro tem um colorido especial que chama atenção já no primeiro olhar. Mas a surpresa maior acontece quando o leitor entra em contato com as ilustrações, que estão repletas de elementos simbólicos e travam um diálogo constante com o texto. Há uma intensa relação entre os bordados e a história, pois esta acaba por se tornar visível através das figuras bordadas. Desta forma, o texto pode ser lido através de suas palavras e, ao mesmo tempo, visto através de suas ilustrações. Existe também uma outra relação entre o bordado e o texto, pois bordar é um trabalho manual, assim como escrever. Ambos exigem sensibilidade, imaginação e criatividade. (COSTA, 2008, p. 42).

Essa mistura de linguagens contidas na obra, que é exatamente o movimento da linguagem, uma mistura, faz com que Manoel de Barros mostre, talvez sem querer algumas características profundas de sua identidade, construída nesse emaranhado de linguagem que é o Mato Grosso do Sul.

A linguagem tem vida própria. A linguagem com o Outro traz consigo leis, exceções, expressões e léxicos (vocabulários e jargões padrões, dialetos, tecnofala especializada e dialetos subculturais). Ela evolui com o tempo, sua história se relaciona com a dos seres que falam, que não são simplesmente moldados e remoldados por ela, mas também lhe causam um impacto, introduzindo termos, expressões, construções novas, e assim por diante. (FINK, 1998, p. 32 apud JUNGK, 2013, p. 81).

Nesta comutação com o Outro/cultura, o sujeito vai adquirindo segurança no linguajar, apropriando-se daquilo que já é seu intrinsecamente e enredando ao que vem do Outro construindo assim, suas formas de identificar-se. Como mostra a figura 17 e 18.



Exercícios de ser criança: “O menino que carregava água na peneira”. p. 28/29

Fotograma 17



Exercícios de ser criança: “O menino que carregava água na peneira”. p. 30/31

Fotograma 18

A mãe, representada pelo Outro/cultura, no fotograma 17 e 18, envia uma mensagem ao menino: meu filho você vai ser poeta. Você vai carregar água na peneira a vida toda. Você vai encher os vazios com suas peraltagens e algumas pessoas vão te

amar por seus despropósitos. Aquela que, inicialmente, não acreditava muito na possibilidade de carregar água na peneira a qual o menino tanto dizia, agora o incentiva, marca o filho, por meio da linguagem, dizendo que ele será poeta e amado por despropósitos. Percebe-se aqui, que a singularidade, já existente no interior do menino, que era a sensibilidade com o sentido e o palavrar das coisas, foi amarrada e confirmada pelo discurso materno, pelo Outro/cultura e compôs assim, partes de sua identidade. “é só a partir do encontro momentoso do bebê com o Outro materno que a incidência dos desígnios com que este Outro marcará o bebê projetar-se-á no passado como pré-história do bebê.” (ELIA, 2004, p.44)

Se nascemos com necessidades, nunca a experimentamos pura ou diretamente, ou seja, sem a mediação da linguagem. A vida biológica é, como tal, excluída da experiência do sujeito, que só se relacionará com ela por intermédio da linguagem, o que evidentemente a modifica, a pulveriza e fragmenta. (ELIA, 2004, p. 46)

É o que acontece com Manoel de Barros explicitado por sua poesia, tatuagens na alma feitas pelo Outro e que se enredam aos seus questionamentos internos sobre as coisas, questionamentos estes, bem semelhantes aos infantis. Barros cria e recria as palavras compondo seus próprios arquissemas e usa a metáfora para representar significativamente suas características identitárias, como ele mesmo mostra no poema *O menino que ganhou um rio*.

Minha mãe me deu um rio. Era dia de meu aniversário e ela não sabia o que me presentear. Fazia tempo que os mascates não passavam naquele lugar esquecido. Se o mascate passasse a minha mãe compraria rapadura Ou bolachinhas para me dar. Mas como não passara o mascate, minha mãe me deu um rio. Era o mesmo rio que passava atrás de casa. Eu estimei o presente mais do que fosse uma rapadura do mascate. Meu irmão ficou magoado porque ele gostava do rio igual aos outros. A mãe prometeu que no aniversário do meu irmão Ela iria dar uma árvore para ele. Uma que fosse coberta de pássaros. Eu bem ouvi a promessa que a mãe fizera ao meu irmão E achei legal. Os pássaros ficavam durante o dia nas margens do meu rio. E de noite eles iriam dormir na árvore do meu irmão. Meu irmão me provocava assim: a minha árvore deu flores lindas em setembro. E o seu rio não dá flores! Eu respondia que a árvore dele não dava piraputanga. Era verdade, mas o que nos unia demais eram os banhos nus no rio entre pássaros. Nesse ponto nossa vida era um afago! (BARROS, 2018, p. 60).

É pelo intermédio da linguagem, que comparece através do Outro/cultura, que se torna possível pensar o sujeito e suas identificações. “é através da linguagem que o ser

humano se constitui como sujeito e adquire significância cultural”. (SANTAELLA, 2003, p. 127).

A compreensão pós-estruturalista da linguagem, tal como expressa principalmente nas obras de Foucault, Derrida e, deve-se acrescentar, de Lacan, é relevante em especial pela conexão que estabelece entre a linguagem e a constituição do sujeito sob as seguintes premissas: a) os sujeitos são sempre mediados pela linguagem; b) essa mediação toma a forma de “interpelação”; c) nesse processo, a posição do sujeito não está nunca suturada ou fechada, mas permanece instável, excessiva, múltipla. (POSTER, 1995 apud SANTAELLA 2003, p. 127).

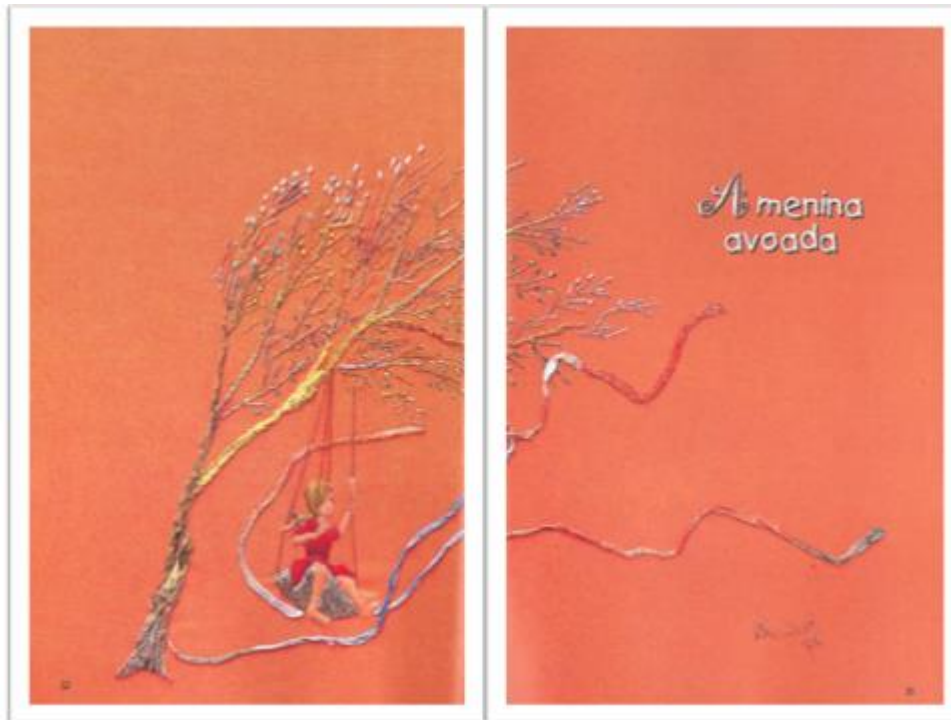
Nesse sentido, falar em sujeito é dizer desse emaranhado de linguagem no qual ele se constrói, pensar em suas identificações é ter consciência do campo cultural no qual ele se desenvolveu e teve suas experiências, sem isso jamais será possível tentar dispor do mínimo de compreensão, sobre os traços de identidade do sujeito.

A busca continua...

3.3- Uma menina que parecia avoada

A linguagem é o alicerce da vida humana, sobre isso não há dúvidas. E para se constituir enquanto sujeito, o humano se vê imerso num campo de linguagens que o vão marcando, pincelando rabiscos de identidade na edificação de sua obra de arte. Em toda a obra *Exercícios de ser Criança*, mas também na capa do poema *A menina avoada*, (fotograma 19) essas várias linguagens se misturam de forma bastante perceptível, mas de que linguagens se tratam?

Linhas coloridas que com seu transpassar no linho bordam a figura de uma menina que sentada no balanço pendurado na árvore voa em seus pensamentos junto com o balançar das folhas ao bater do vento. Uma construção que passou por um processo digital de fotografia, fotolito até se tornar uma figura gráfica. Uma gama de processos que foram sendo realizados, forma a mistura de todas essas linguagens, pois linhas, cores, tecido, bordado, figura, fotografia, fotolito, figura gráfica são linguagens diferentes que se misturaram para compor a obra. A mestiçagem forma uma Gestalt inacabada, pois a cada instante, novos componentes podem se agregar. “todas as coisas neste mundo estão misturadas e diluídas nos seus contrários... tudo está ligado, nada de puro nas nossas mãos.”(LAPLANTINE; NOUSS, 1997, p. 71)



Exercícios de ser criança: “A menina avoada”. p. 32/33

Fotograma 19

A cultura é isso, mistura, uma mescla de várias linguagens que vão se confeccionando ao longo da história.

A cultura pode ser estudada sob o ponto de vista do histórico. Mais do que isso, é apenas na dimensão histórica que as questões da cultura podem ser estudadas, pois seus elementos se originam através de inovações e se alastram através da difusão. Costumes, crenças, ferramentas, técnicas difundem-se de uma região para outra, de um povo para outro. Os elementos culturais têm assim uma história cronológica. Isso envolve questões tais como origem, crescimento e diferenciação culturais através da história. (SANTAELLA, 2003, p. 43).

O dialogismo existente na composição da cultura é o que faz dela uma mestiçagem, pois há uma relação imprevisível entre os sistemas de signos que estão frequentemente em interação.

A ideia de que os encontros culturais são dialógicos e geradores de renovação dos sistemas de signos foi a principal responsável pelo questionamento que levou Iúri Lótmán a investigar as relações entre sistemas de signos no espaço da semiosfera (...). Lótmán investiu na compreensão da dinâmica de encontros culturais no sentido de explicitar como duas culturas se encontram, que tipo de diálogo elas travam entre si e como elas criam experiências capazes de reconfigurar o campo de forças culturais. (MACHADO, 2007, p. 16 apud CHACAROSQUI-TORCHI, 2014, p. 58).

Essa história que vai fabricando a cultura ao longo do tempo é vivida por sujeitos que estão inseridos na cultura, ou seja, estão também sendo enghados e por isso, nunca são acabados. A cada milésimo de segundo, uma nova coisa se agrega ao que já existia, e forma a todo tempo uma miscigenação diferente. É o que aparece no fotograma 20.



Exercícios de ser criança: “A menina avoadada”. p. 34/35

Fotograma 20

A menina, conta uma história do passado, ocupando agora outro lugar, o de adulta possivelmente. Lembra da infância na fazenda de seu pai e das misturanças e do gracejo das brincadeiras com seu irmão mais velho. Brinquedos urbanos, Bola, boneca e cavalo de madeira, fundidos com o habitat fazendeiro, verde campo e a criatividade de fazer brinquedo da criança, uma carroça feita de caixote. E o que é a montagem do brinquedo pela própria criança, que se explicita na figura 20 se não uma mestiçagem? Um caixote e quatro latas de goiabada que ao juntarem-se pelos alinhavos do irmão, formaram uma linda carroça, capaz de carregar a menina à uma bela viagem.

De que viagem diz a menina? Uma viagem pelo mundo da linguagem, dos signos que se conectam por um sistema infundável, peregrinar no universo por meio da cadeia significante e construir sentidos. “(...) É através da desconstrução acerca da habitualidade, que o poeta produz uma palavra imaginativa (...)”. (SAMPAIO, 2018, p.

30).

O exercício de ser criança⁴⁵ é isso, afirmar e desenvolver a mestiçagem de forma criativa, fantasiar misturas inimagináveis, construindo galáxias com bola de isopor, tinta e papel. “A obra literária representa para Freud uma continuação ou um substituto do brincar infantil, (...)” (JORGE, 2010, p. 48). É o que faz Manoel em seu poetizar, “quebra com a fragilidade do que é indubitável, não se deixa cercar pelas leis gramaticais e permite-se a inventar, a incorporar a imagem ao verbo, como um atrevimento de criança” (SAMPAIO, 2018, p. 29)

Toda criança, em sua mais tenra fantasia infantil parece a(voa)da⁴⁶, aparenta estar voando dentro de um conto de fadas onde tudo ganha vida e magia. Mas será que o discurso do infante é mesmo avoadado? Não estaria ele dando vida a tudo que vai aos poucos morrendo com o amadurecer?



Exercícios de ser criança: “A menina avoadada”. p. 36/37

Fotograma 21

No fotograma 21, percebe-se que a figura é um retrato, repleto de linguagens, da história que a menina conta. Na narrativa da viagem, as rodas da carroça caminham como se fossem pessoas ao invés de rodar e a menina ia pousada no caixote como se

⁴⁵ Palavra criada pelo autor que representa a mistura de criança com poeta.

⁴⁶ Para dar ênfase ao verbo voar da palavra avoadada.

fosse um pássaro e não um humano, ou seja, o animado e o inanimado, o humano e os animais se misturam para formar a história de uma vida vivenciada na mais profunda simplicidade da fazenda pantaneira no Mato Grosso do Sul, lugar onde o autor experienciou parte de sua vida e esculpiu pedaços de sua identidade.

A identidade do poeta é forjada no *dessaber*. A poesia está na altura da criança, “nas coisinhas do chão/ É um olhar para baixo que nasci tendo./ É um olhar para o ser menor, /para o insignificante que eu me criei tendo. A infância em Barros é vivida na maturidade como recurso de resgate e possibilidade de brincar/ser/ desaprender no presente e como tal constitui um olhar especial, cheio porque vazio. Aparentemente uma desvalorização ou deboche, sugere um truque pela consciência do seu oposto – o que pressupõe a utilização consciente do *dessaber* como estratégia. Por isso o adulto precisa alcançar a ignorância das coisas, resgatar o momento anterior à conceituação, enfim, desaprender, porque ser bocó, ser simples é paradoxalmente a condição para ficar com a complexidade dos abismos. (RIBAS, 2011 pag. 147 apud SAMPAIO, 2018, p.30).

É dessa forma que suas experiências de vida, transcritas em sua poesia, mostram a *desidealização* das coisas, desconstruindo a própria noção de identidade e buscando o *dessaber*, assim é a poesia barroense assim é Manoel; um sujeito que através de sua poesia, mostra-se e deixa emergir peculiaridades de uma identidade constituída de pedaços das várias linguagens da cultura sul-mato-grossense.

A cultura é lida como intersecção de linguagens uma vez que não podemos considerá-la como uma estrutura fechada e estática. Seu dinamismo requer um olhar que perceba a interferência, o diálogo entre vários sistemas de linguagens que no processo de interação agem como interpretantes da cultura. (TORCHI, 2017, p. 179).

Esse movimento cultural existente nas terras sul-mato-grossenses está explícito claramente no fotograma 21 e também no que seguinte, fotograma 22.



Exercícios de ser criança: “A menina avoadada”. p. 38/39

Fotograma 22

A criança quando brinca representa aquilo que vê, escuta e percebe ao seu redor, é assim que se faz o brincar infantil. No fotograma 22, A menina que comandava os bois e o irmão que pedia para que ela tomasse cuidado, pois Redomão era coiceiro reproduz situações do cotidiano do autor: um menino de fazenda, crescido no meio do mato, do rio e dos animais, onde a troca do menino Manoel com a cultura/Outro, se fazia de forma intensa e profunda.

Cultura e sociedade estão em geração geradora mútua; nessa relação não podemos esquecer as interações entre indivíduos, eles próprios portadores/transmissores de cultura, que regeneram a sociedade, a qual regenera a cultura. (MORIN, 1998, p. 19 apud TORCHI, 2017, p. 180).

A representação da realidade no brincar infantil ganha suporte teórico ao pensar neste tema com o auxílio da psicanálise. Freud em seu texto “Escritos criativos e devaneios” (1908) faz uma comparação entre o poeta e a criança dizendo:

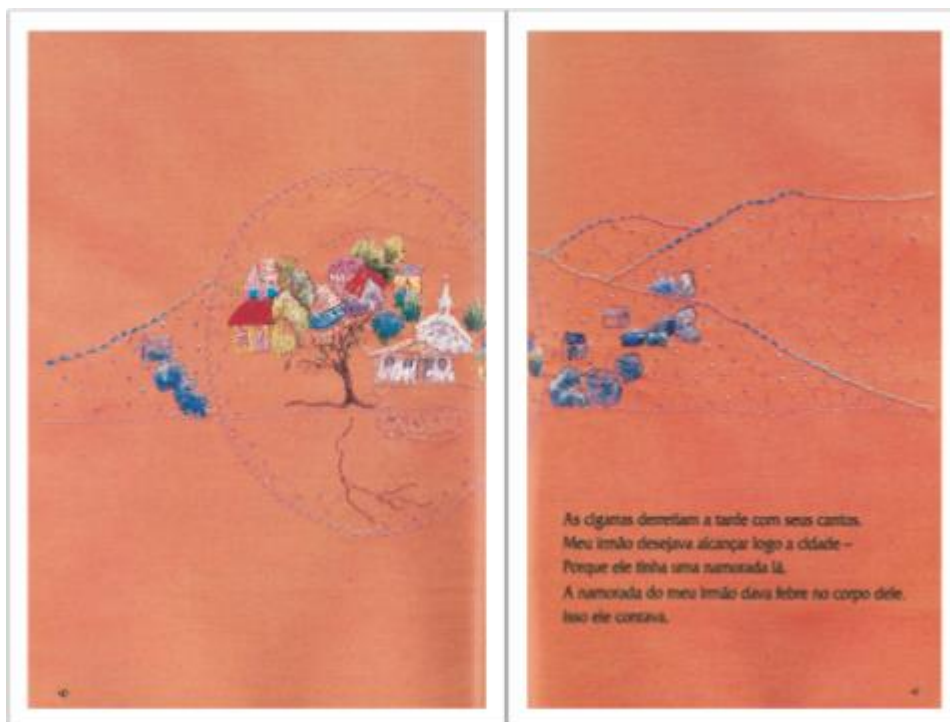
O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade. (FREUD, 1908, p.86)

Dessa forma entende-se que no pensamento freudiano tanto o poeta quanto a criança sabem diferenciar a fantasia da realidade, mas usam as palavras e o brincar, respectivamente, como forma de expressão do mundo interior na realidade.

O pensamento freudiano aponta no artigo de 1908 algumas ressalvas. A primeira leva em conta que, ao contrário do que poderia supor, as crianças tomam a sério esse mundo na qual estão inseridas com suas fantasias e medos, uma vez que é reconhecido investimento de emoção para tal ação. E a segunda demonstra que a antítese do brincar não é o que é sério, mas sim o que é real. De fato, mesmo com a emoção dispensada para com o seu mundo imaginativo, a criança igualmente ao poeta, é capaz de distinguir perfeitamente entre este mundo inventado e a realidade, capaz até de utilizar-se disso para ligar seus objetos e situações imaginativas às situações da própria realidade. (SAMPAIO, 2018, p. 32).

Assim, o poeta Manoel de Barros faz uso das duas formas mais singelas de falar de si: a poesia e o brincar com as palavras. Como dizia Barros: “se escrevo com o corpo, preciso incorporar, porque entender é parede, precisamos ser árvore” (BARROS, 2010, p. 163)

Manoel de Barros fala criancieiramente, reinventando a linguagem, fosse do automatismo sintático do discurso, da linguística estruturada e expõe suas peripécias identitárias de forma desautomatizada.



Exercícios de ser criança: “A menina avoadora”. p. 40/41

No fotograma 23, observa-se que o poema como um todo traduz nas letras, palavras, sílabas, imagens, os percursos que reverberam os espaços onde Manoel de Barros cresceu. Uma pequena cidadela com a igreja bastante aparente, bem característico das cidades interioranas, em meio às montanhas, urbano e natureza ocupando um mesmo espaço. Nas obras de Manoel de Barros “há sempre uma oscilação entre o centro e a periferia, entre o homem e a natureza, entre o bem e o mal, o vegetal e o mineral, entre o amor pela exatidão e o fascínio pela mistura.” (TORCHI, 2017, p. 187).

Essa oscilação é uma mestiçagem, há sempre uma mistura de elementos de diferentes polos, códigos múltiplos, que se encontram e constroem um sistema de signos ininterrupto característico de sua poética.

Toda obra de arte é uma complexa interação de fatores numerosos; o objetivo da pesquisa é, pois, o de definir o caráter específico desta interação (...) As revoluções em poesia revelam-se geralmente, num exame mais escrupuloso, como misturas, combinações entre uma série e outra. (TINIANDOV, 1975, p. 15-17).

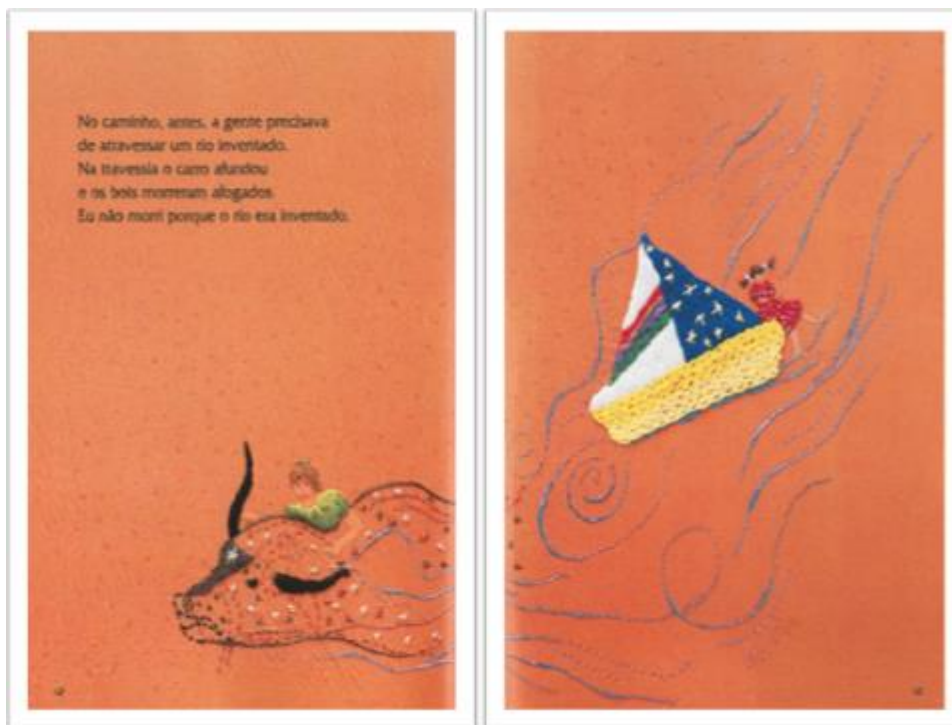
A obra de arte de Manoel de Barros, não foge a essa liturgia. Uma arte repleta de fusões, caldeamentos, cruzamentos de linguagens que metamorfósicamente transformam o humano em pássaro e faz uma lata de goiabada caminhar. “Tudo o que é macro é micro e tudo o que é externo é interno, desde que bem bordado, tecido no mosaico, através de costuras que mapeiam a cadeia reticulada das conexões.” (PINHEIRO, 2010, p. 11).

O caráter multiplicante, ramificante e fragmentário da cultura se dá, entre nós, por uma proliferação dos processos civilizatórios fronteiriços junto a um grande enfraquecimento das noções binárias de centro e periferia (o que nos obriga a uma revisão e reconfiguração lógico-conceptual), não por uma glorificação da velocidade a partir do paradigma eurocêntrico de modernidade levado a cabo pelas tecnociências. As sociedades não binárias e lentas, dado o seu caráter constitutivamente fractal e mestiço, é que são rápidas para interligar os outros e as diversidades. (PINHEIRO, 2010, p. 11).

Da mesma maneira afirma Santaella (1992):

Assim como o mundo não se divide em coisas, de um lado, e signos, de outro, mas vive da mistura das coisas que, sem deixar de ser coisas, são também signos, e dos signos que só podem ser signos porque são também coisas, as ações, que movem o mundo, são de duas ordens irreduzíveis, mas inseparáveis e superpostas: a ação diádica, embutida dentro da ação [triádica] do signo, ação inteligente ou semiótica. Uma não pode ser concebida sem a outra. (Santaella, 1992, p. 77).

Em meio a viagem que a poesia *A menina avoada* convida o leitor a fazer vê-se na escrita do fotograma 23, que o objetivo da viagem era chegar a cidadela, onde o irmão da menina tinha uma namorada que “dava febre no corpo dele”. Porém para chegar até lá era necessário atravessar um rio inventado, que aparece no fotograma 24.



Exercícios de ser criança: “A menina avoada”. p. 42/43

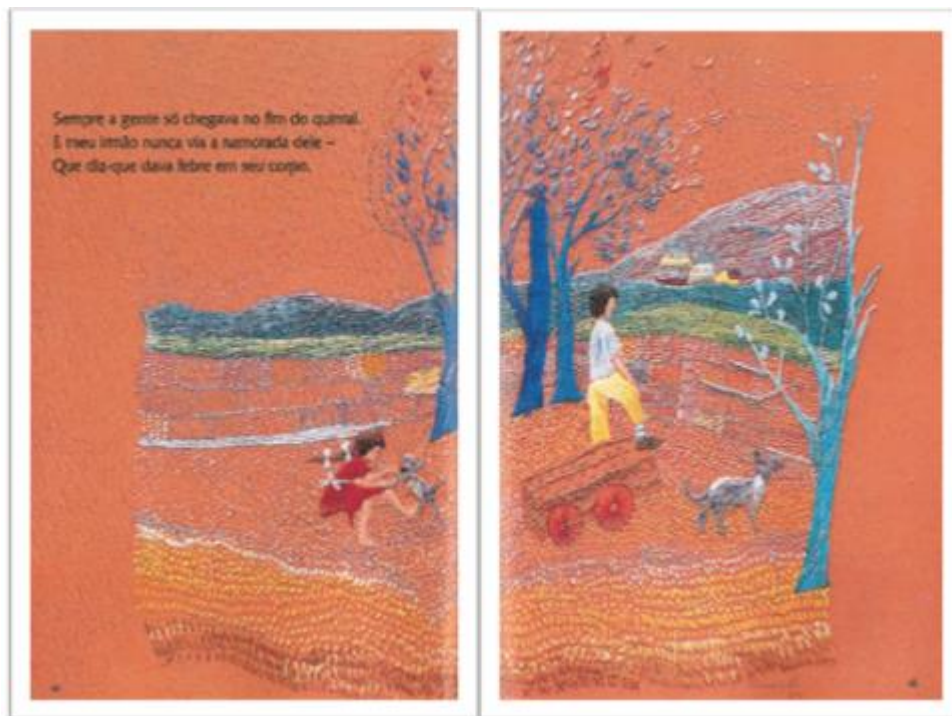
Fotograma 24

Mais uma vez, o brincar entra em cena pela via da palavra e se ilustra na imagem. O rio inventado, o carro que afunda, os bois que morrem, mas a menina sobrevive porque o rio de fato não existia. Mas se o rio não existia, porque o carro afunda e os bois morrem? O que, de fato, afunda e morre? Seria o ideal da completude amorosa?

Neste ponto se faz possível falar um pouco do amor, mesmo que minimamente. O amor, aquele que supostamente completa o sujeito e o deixa pleno, sem faltas, simbioticamente amarrado ao amado. Ao que parece, foi este tipo de amor que motivou a viagem para o irmão da menina. “o feio no amado me é indiferente, só valorizo os detalhes nos quais reconheço a beleza” (MILAN, 2018, p. 38).

O amor não pede licença para entrar, surge já instalado; o desejo que me determina goza da mesma autonomia. Resta ceder e esperar que a própria escrita me tire do impasse. Nisso sou como o amante que tudo espera do amado e, sobretudo, teima em navegar. (MILLAN, 2018, p. 15).

E não é justamente essa completude que afunda na poesia barroseana? Barros não quer saber de cheios, gosta mais dos vazios. Ama sim, mas ama os despropósitos das coisas, a simplicidade da vida e do chão. Talvez por isso, o carro e os bois que eram os meios de locomoção que levariam o irmão da menina até a namorada que “dava febre no corpo” tenha afundado, pois a intenção do amor em Barros não é essa da completude que se vê no tão desejado encontro amoroso. A história segue no fotograma 25.



Exercícios de ser criança: “A menina avoadada”. p. 44/45

Fotograma 25

A menina relata que nas viagens, ela e o irmão chegavam apenas até o fim do quintal, ou seja, o irmão nunca conseguia ver a namorada que morava na cidadela, ou seja, sempre ficava na falta, no vazio do fim do quintal. E não seria este o verdadeiro amor? Aquele que aceita os vazios e até os prefere?

No fotograma 25, a viagem termina e o irmão da menina se depara com o vazio do encontro amoroso. Na primeira olhada para a figura ele parece entristecido, mas logo depois, com um olhar a mais do leitor, é possível ver um menino que conformado com a impossibilidade da completude amorosa, passa a amar simplesmente o horizonte a sua frente enquanto a menina, que só queria viajar, continua ‘avoando’ crianceiramente indesejante de completudes.

Os aspectos lúdico e imaginário se fazem presentes nas brincadeiras, criações, recriações e recreações da imagem-palavra de Manoel de Barros, não como transcendência, mas como aquilo que o poeta

imagina, inventa, transvê com o que ele transforma e inventa o mundo. (...) A emergência do sujeito se dá, portanto, como impessoalidade singular que inventa por meio de fabulações, de criaçamentos da palavra. (MORAES; SILVA, 2019, p. 2)

Sabe-se que é do encontro que se produz a mestiçagem, afinal é o que acontece na concepção fetal. Porém a produção do encontro, ou seja, o feto, é marcada pela mistura, de óvulo e um espermatozoide que vieram de um homem e uma mulher, já misturados em suas próprias concepções enquanto fetos. A melhor forma de ver o sujeito “(...) é como ‘agenciamentos’ que metamorfoseiam ou mudam suas propriedades à medida que expandem suas conexões”. (ROSE, 2001, p. 146). Então não há como dizer que existe sujeito puro, todo ser é fruto de uma mestiçagem. Por que então dizer que as características identitárias do sujeito sul-mato-grossense são as de ser mestiços?

Justamente, esse caráter múltiplo, que faz a combinação e a composição entre as coisas é a peculiaridade do sujeito sul-mato-grossense e que é perceptível na poesia barroseana, uma poesia que retrata aspectos da identidade do sujeito Manoel de Barros, que é um homem habitado por Mato Grosso do Sul. Sabe-se, pelo percurso feito até aqui, que todo sujeito humano, pode ser pensado como um sujeito mestiço, porém a particularidade que faz a mestiçagem ser uma característica da identidade sul-mato-grossense é justamente a de que o sujeito enredado neste espaço semiótico assume sua condição mestiça como parte de sua identidade, assim como mostra Manoel de Barros em sua escrita poética.

CONCLU(INDO)

A cultura é um processo em permanente construção, assim como é o sujeito, inacabado. Nesse sentido, este trabalho por se tratar da constituição de aspectos identitários do sujeito na cultura do Mato Grosso do Sul, não teve a intenção de apresentar respostas conclusas perpetuamente, mas sim buscar uma melhor compreensão acerca do sujeito sul-mato-grossense em algumas de suas marcas identificatórias. Foi possível compreender com esta pesquisa os mecanismos que formam a construção identitária do sujeito, ou seja, que ele tem seu psiquismo constituído de forma triádica (real, simbólico e imaginário-Lacan) e que seus pensamentos se processam através dos signos, também de forma triádica, em um processo de continuidade (primeiridade, secundidade e terceiridade-Peirce), tríade esta que se representa por um nó amarrado de forma borromeana. Todo esse processo que se amarra na trindade borromeana e evolui fazendo semiose (semiótica) ou deslizando na cadeia significante (psicanálise) só ocorre estando dentro de uma semiosfera, cultura/Outro, pois nenhum ser humano é capaz de sobreviver sozinho, ou seja, é necessário o campo do Outro para que a evolução e as identificações aconteçam.

Este lugar 'fora' que faz trocas com o interno para a produção de uma nova coisa, pôde ser alinhavado com o conceito de extraposição existente na semiótica lótmiana, pois é um movimento de trocas que marca o sujeito e possibilita a partir desses traços, suas identificações; ou seja, sem o extraposto não há o que ser traduzido para o interno. A extraposição é a mobilidade de "traduzir aquilo que é extraposto na linguagem interna de um determinado espaço cultural. O contato é, portanto, fundamental para a cultura e a fronteira é o filtro que o torna possível." (MACHADO, 2003, p. 159).

Dessa maneira entende-se que alguns aspectos da identidade são construídos por meio do exercício de tradução da informação do que é extraposto em linguagem interna. "A noção de extraposição ilumina o conceito de fronteira apresentado por Lótmán para exemplificar o conceito de identidade de uma cultura dentro de uma perspectiva sistêmica" (MACHADO, 2003, p. 159). Essa transação mostra que é na

intercambialidade que os elementos internos ao sujeito se comutam com elementos da cultura/Outro e é a partir desse processo que o sujeito passa a ter possibilidade de constituir-se e apropriar-se de características desse lugar ´fora´ para construir aspectos de sua identidade.

Se um sujeito, para ser sujeito, precisa do Outro, isso significa que para se constituir e evoluir faz mistura, se mescla, e assim vai adquirindo novos gestos, formas, pensamentos, impossíveis de voltar a um estado original, pois já é uma nova substância produzida da mestiçagem.

Manoel de Barros, por ser um sujeito constituído em grande parte pelos intermédios da cultura do Mato Grosso do Sul e falando de si em sua poesia, já que o ato de escrever mostra traços do autor, pôde deixar claro alguns aspectos das características identitárias do sujeito sul-mato-grossense que trazem a mestiçagem como marca (já que sujeito emaranhado neste espaço semiótico assume sua condição mestiça como parte de sua identidade, assim como mostra Manoel de Barros em sua escrita poética), a mistura de linguagens (linhas, cores, bordados, figura, fotolitos, fotograma, letras, palavras, frases) existentes na obra *Exercícios de ser criança* pode ser entendida como a explicitação da mistura identitária do próprio sujeito Manoel, um homem mesclado às coisas pantaneiras de chão.

A mestiçagem que aparece na Obra se faz a partir da semiose que produz o nó borromeano e pôde ser associada a uma hipermídia, pois ela é uma teia que se apresenta como retícula de uma mistura das linguagens multimídias (gráficas, manuseadas no computador após terem sido fotografadas) e hipertextos (textos com conexões não lineares) presentes na contínua brincadeira de carregar água na peneira. É o que Manoel de Barros mostra o tempo todo na obra: as misturanças de um homem que envolvido pelo criancamento (forma particular de ver a existência) e pelas coisas do habitat ao seu redor, ou seja, que num processo constante de transformar-se e constituir-se, tem seus traços de identidade marcados ininterruptamente em seu devir pelo enviesamento do eu X Outro/cultura, interior X exterior e, dessa forma, deixa visível em seu ato de poetizar a vida as raízes mestiças do sujeito sul-mato-grossense.

Pôde-se perceber assim que a relação ininterrupta entre os sistemas de signos que estão em constante interação deixa claro o dialogismo que existe no arranjo da cultura é isso que faz dela uma mestiçagem. Cultura esta, que é vivida por sujeitos que estão inseridos nela e conseqüentemente fazendo trocas com a mesma, ou seja, estão também sendo engehados e por isso, nunca são acabados. A cada milésimo de

segundo, uma nova coisa se agrega ao que já existia, e forma a todo tempo uma miscigenação diferente nesse intenso vai e vem dos interno X externo.

Assim como o sujeito e a cultura são inconclusivos pelo próprio processo de mistura que ocorre a cada semiose, esta pesquisa também teve o intuito não de ter uma finalização estática, mas sim de corroborar, através das teorias exemplificadas, com novas pesquisas nas áreas de semiótica e psicanálise.

Tecendo por estes fios pôde-se perceber que as várias linguagens existentes na obra *Exercícios de ser Criança* de Manoel de Barros podem ser vistas como elementos que ungem os elos de intermediação da cultura sul-mato-grossense, pois cruzam elementos de múltiplas origens (índios, paraguaios, bolivianos, migrantes e imigrantes de outros estados) formando assim em seu âmago uma peça chave para a construção de características da identidade do sujeito sul-mato-grossense, ou seja, marcando-o como mestiço.

REFERÊNCIAS

- AMÉRICO, E. V. **O conceito de fronteira na semiótica de Iúri Lótman**. Bakhtiniana, São Paulo, n°12, p. 5-20, Jan./Abril. 2017
- ÁRAN, P. O. **O (im)possível diálogo Bakhtin-Lótman para uma interpretação das culturas**. In: Machado, I. (Org.) **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.
- BARROS, M. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- _____, M. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- _____, M. **Retrato do artista enquanto coisa**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- _____, M. **Manoel de Barros e a infância da língua**. [entrevista concedida a] Bosco Martins, Revista Metrópole-Campo Grande/MS, n°89, Dez/2006).
- _____, M. **Manoel de Barros**. [entrevista concedida a] Bosco Martins, Revista Caros Amigos, n°117, 2008. Disponível em: <http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/manoeldebarros.htm>, acesso em: 31/08/2019.
- _____, M. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya. 2010.
- _____, M. **Meu quintal é maior que o mundo: Antologia- Manoel por Manoel**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 1° ed, 2015.
- _____, M. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfaguara. 2016.
- _____, M. **Memórias Inventadas**. 1° ed, Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.
- _____, M. **Memórias Inventadas: Terceira infância**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.
- BÉDA, W. G. **A construção poética de si mesmo: Manoel de Barros e a autobiografia**. (Tese apresentada no programa de Doutorado em Letras), Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, Assis-SP, p. 130, 2007.
- CARDOSO, T. S; JUNIOR, C. M. P. B. **Semiose em Peirce e Lótman**. Revista Eikon, n° 4, p. 49-58. 2018.

CASTRO, J. E. **Psicanálise e cultura**. Revista Mental. Barbacena, v.7, n°13. P x. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272009000200002, acesso em: 08 de Julho de 2019.

CASTRO, A. **A poética de Manoel de Barros: a linguagem e a volta a infância**. Brasília: UNB (departamento de literatura brasileira), 1991.

CHACAROSQUI-TORCHI, G. F. **Matizes semióticas de uma apresentação**. Revista Raído UFGD-MS), n°20. p. 13-14. Jul/Dez, 2015.

CHACAROSQUI-TORCHI, G. F. **Por um cinema de poesia mestiço: O esboço do mosaico**. In: Santos, P. S. N. (Org.) **Literatura e Práticas Culturais**. Dourados-MS: UFGD, 2009.

CHACAROSQUI-TORCHI, G. F. **A cultura sul-mato-grossense e sua condição mestiça: aspectos semióticos da manifestação popular do *El Toro Candil***. Revista Boitató. ANPOLL-Londrina-PR, n°10, p.18-33. Jul/Dez, 2010.

CHACAROSQUI-TORCHI, G. F. **A semiosfera do chá gelado: um olhar semiótico sobre a cultura mestiça do tereré**. Revista Graphos: UFPB, vol. 16, n° 2, p. 53-66, 2014.

COSTA, B. A. **Manoel de Barros: os “despropósitos” da poesia**. n°16, p. 40-48, Julh-Dez 2008.

DOLTO, F. **As etapas decisivas da infância**. Editora Martins Fontes. São Paulo, 1999.

_____, F. **Tudo é linguagem**. 2.ed, São Paulo: Martins Fontes, 2018.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

ESPÍNDOLA, A. **Ciranda Pantaneira**. 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T6Fx7w1azOw>. Acesso em: 08 de Julho de 2019.

FLESLER. A. **A psicanálise de crianças e o lugar dos pais**. Editora Zahar, 2007.

FREUD, S. **Escritores criativos e devaneios**. Vol 9, Rio de Janeiro: Zahar, 1908.

FREUD, S. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess**. (1887-1904). Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FLORES, J. F; OLIVEIRA, L. D. **Transdisciplinaridade**. In: Gallon, M. S. Dopico, S. I. B. Filho, J. B. R. (Org.), **Transdisciplinaridade no ensino das ciências**. 1ed, Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2017.

GONÇALVES, B. S. **A dupla consciência Latino-Americana**: contribuições para uma psicologia descolonizada. Revista Psicologia Política, vol 16, nº37, p. 397-413. Set/Dez, 2016.

GRUZINSKI, S. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 11ªed, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. **Quem precisa da identidade?**. In: Silva, T. T. (Org.), **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: editora Vozes, 2014.

JORGE, M. A. C; FERREIRA, N. P. **Lacan o grande freudiano**. 2ªed, Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol 2: a clínica da fantasia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**: as bases conceituais. Vol. 1, 6ªed, Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JUNGK, I. **Linguagem, Língua, Alíngua**. In: Santaella, L; Hisgail, F. (Org.) **Semiótica Psicanalítica**: clínica da cultura. São Paulo: Iluminuras, 2013.

KULL, K. **Semiosfera e ecologia dual**: paradoxos da comunicação. In: Machado, I. (Org.) **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

LACAN, J. "**Carta de Dissolução**" 1980. "**Ata de fundação da E.F.P**" 1964. In: documentos para uma escola (circulação interna). Revista Letra Freudiana, ano I, n. 0, p. 45-46 e p. 17-20, s/d.

_____, J. **O seminário 22**: RSI. In Ornic?, 5, Paris, Le Grape, Dezembro-Janeiro 1975-1976.

_____, J. **O seminário, livro 24**: L'insu que serait de l'une bévue s'aile à mourre (1976-1977). Inédito.

_____, J. **Diálogo com los filósofos franceses**. Em *Intervenciones y Textos*. Argentina: Manancial. 1985

_____, J. **O Seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____, J. **O seminário, Livro 9: A identificação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

LAPLANTINE, F; NOUSS, A. **A mestiçagem**. Trad. Ana Cristina Leonardo. Lisboa: Biblioteca básica de ciência e cultura – Instituto Piaget, s/d/1997.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G.H.** Brasília: Crítica, 1988.

LOBATO, A.S. et al. **A formação histórico-territorial do Mato Grosso, as transformações e impactos decorrentes da expansão da soja**. Revista ParaOnde? n° 1, vol. 4, p. Jan/Jun 2010.

LÓTMAN, I. **A estrutura do texto artístico**. Editorial Estampa: Lisboa. 1978.

_____, I. **Acerca de la semiosfera. La semiosfera. I – Semiótica de la cultura e del texto**. Trad. Desiderio Navarro. Madrid: Cátedra, 1996.

_____, I. **Tese para uma análise da semiótica da cultura** (Uma aplicação aos textos eslavos). In: MACHADO. Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial; FAPESP, 2003.

MACHADO, I. **Escola de Semiótica: A Experiência de Tartú-Moscou para o Estudo da Cultura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

_____, I. **Por que Semiosfera**. In: Machado, I. (Org.) *Semiótica da Cultura e Semiosfera*. São Paulo: Annablume, 2007.

_____, I. **Circuitos dialógicos: para além da transmissão de mensagens**. In: Machado, I (Org.) *Semiótica da Cultura e Semiosfera*. São Paulo: Annablume, 2007.

_____, I. **Experiências do espaço semiótico**. Revista Estudos de Religião. Vol.29, n°1, p. 13-34, Jan-Jun 2015.

MACHADO, R. L. **Poesia e psicanálise: do poetar sobre a infância ao (in)dizível da experiência em Manoel de Barros**. (Tese de Doutorado em Letras), Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, p. 226, 2016.

MÃE, V. H. **O verbo virgem**. In: Barros, M. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfaguara. 2016.

MARINHO, M (et al.). **Manoel de Barros: o brejo e o solfejo**. Brasília: Ministério da integração nacional: UCDB-Universidade Dom Bosco, 2002.

MAURANO, D. **Para que serve a psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

MERRELL, F. **Iúri Lótman. C. S. Peirce e semiose cultural**. Revista Galáxia (PUC-SP), nº5. p. 163-185. Abril, 2003.

MILAN, B. **O que é o amor**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

MILLER, J. A. **Percorso de Lacan: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

MORAES, F. O; SILVA, S. K. **Deslimites da Palavra em Manoel de Barros: literatura menor e infância**. Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 01-16. 2019.

NABAN, N. P. S. B. E. **O gênero híbrido e a construção de identidades sociais nos poemas de Manoel de Barros**. Anais eletrônicos da III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem/ III Encontro dos Programas de Mestrado. Campo Grande: UEMS. 2018. ISBN: 978-85-99540-88-6.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

NOACK, J. **A ideia de identidade sob uma perspectiva semiótica**. Revista Galaxia, São Paulo, nº12, p. 103-113, Dez/2006.

NÖTH, W. **Panorama da semiótica-de Platão a Peirce**. Ed. 4º, São Paulo: Annablume, 2003.

_____. **Subversões semióticas de Jacques Lacan**. In: Santaella, L; Hisgail, F. (Org.) **Semiótica Psicanalítica: clínica da cultura**. São Paulo: Iluminuras, 2013.

PAVAN, J, A; SILVEIRA, L, F, B. **A Forma: sua importância semiótica psicanalítica**. Revista Ide, São Paulo, nº48, v. 32, p. 89-103, 2009.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PERES, D.O. **A identificação, o sujeito e a realidade.** Uma abordagem entre a filosofia kantiana e a psicanálise freudiano-lacaniana. Periódicos UFES, Revista Sofia, vol. 5, n. 1, 2016.

PINHEIRO, A. Notas sobre conhecimento e mestiçagem na América Latina. Revista Repertório. UFBA-Bahia, nº 14, p. 9-12. 2010.

PINTO, J. **O ruído e outras inutilidades:** ensaios de comunicação e semiótica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PRIZANT, E. F. **Conversando com Sapienza Sobre “A escrita psicanalítica e a psicanálise da escrita”.** Jornal de Psicanálise: São Paulo, vol. 50, nº92, 19-34, Jun 2017.

ROSE, N. **Inventando nossos eus.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos tão humanos:** nos rastros do sujeito. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 137-204.

SAMPAIO, T. A. **Poesia e psicanálise: um possível diálogo entre manóel de barros, Freud e Lacan.** Psicanálise e Barroco em revista: Rio de Janeiro, vol. 16, nº1, p. 26-47, Julho de 2018.

SANTAELLA, Lúcia. **A assinatura das coisas:** Peirce e a literatura. Rio de Janeiro : Imago, 1992.

_____, L. **O que é semiótica.** Ed. 8º, São Paulo: brasiliense, 1990.

_____, L. **Semiótica Aplicada.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. **Culturas e artes do pós-humano:** da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

_____, L. **Corpo e Comunicação:** sintoma na cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Retrospecção e perspectivas.** In: Santaella, L; Hisgail, F. (Org.) **Semiótica Psicanalítica: clínica da cultura.** São Paulo: Iluminuras, 2013.

SANTAELLA, L; HISGAIL, F. **Introdução.** In: Santaella, L; Hisgail, F. (Org.) **Semiótica Psicanalítica: clínica da cultura.** São Paulo: Iluminuras, 2013.

_____, F. **Introdução**. In: Santaella, L; Hisgail, F. (Org.) **Semiótica Psicanalítica: clínica da cultura**. São Paulo: Iluminuras, 2013.

SANTAELLA, L. **Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia**. Revista Bakhtiniana, São Paulo, v. 9, p. 206-216, Ago./Dez. 2014

SILVA, C. S. **Manoel de Barros: sem margens com as palavras**. Revista Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 19, n°7/8, p.541-550, Jul/Ago 2009.

STARNINO, A. **Sobre identidade e identificação em psicanálise: um estudo a partir do Seminário IX de Jacques Lacan**. Revista DoisPontos, Curitiba, São Carlos, v.13, n.3, p.231-249, Dezembro 2016.

STERNICK, M. V. C. **A imagem do corpo em Lacan**. Reverso (Belo Horizonte), n°59, p. 31-38. Junho, 2010.

TINIANOV, Iuri. **O problema da linguagem poética I. O ritmo como elemento construtivo do verso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

TORCHI, G. F. C. **Por um cinema de poesia mestiço: o filme Caramujo-Flor de Joel Pizzini e a obra poética de Manoel de Barros**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica), 178p. PUC-SP, 2008.

TORCHI, G. F. C. **Sou uma metamorfose ambulante**. Jornal DiárioMS/artigos de opinião. 2019. Disponível em: Diário do MS/Dourados 29 de maio de 2019, p.2.

TORCHI, G. F. C. **Nas tramas do discurso: aspectos culturais e ideológicos**. Florianópolis: Insular. 2017.

VELHO, A. P. M. **A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação**. Revista Estudos de Comunicação, Curitiba-PR, n°10, p 249-257. Set/Dez, 2009.

WEILL, A. **Nota azul: Freud, Lacan e a arte**. 2.ed, Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.

_____, A. D. **Conferência: um mistério mais longínquo que o inconsciente**. São Paulo: Instituto Vox, 2015. Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=WpuAFI1dhjg>, acesso em: 25/09/2019.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, T. T. (Org.) **Identidade e Diferença**: as perspectivas dos estudos culturais. Rio de Janeiro: editor Vozes, 2014.

ZALCBURG, M. **De menina a mulher**: cenas da elaboração da feminilidade no cinema e na psicanálise. 1.ed, Rio de Janeiro: edições de Janeiro, 2019.